Memorias

Diario do correr da penna

Vol.

F-I

Memorias

Diario do correr da penna

Vol.º

UNIVERSIDADE ✿ LIVRARIA DA

F - I

I - 3

۱۹۶۰

Property of the Library of Congress

WASHINGTON

«... eu vou ter a impudência
de falar de mim.»

Camilo Cast.º Branco: Duas
horas de leitura, 3.ª ed.ão, pag. 88.

Tolh. 1600/1676

12 - N.º

— 1948 —

Paz: Mafra.

Outubro: 3

Fiz hoje, ou faço, não sei bem, trinta e nove anos! É já uma conta calada e um número exquisito.

Fumei um charuto Bluffmann para celebrar a data. No concelho houve corridas de bicicletas que movimentaram centenas de carros. Um delírio.

E por muitos e bons...

Paz: Mafra.

Outubro: 4.

No jornaleco de Coimbra O Despertar, no seu nº 318 de 2 do corrente, vinha notícia uma local relativa ao caso da Torre de Al-

medina mais ou menos indicada para a séde da Soc.ed.e de Defesa e Propaganda. A local diz, prudentemente, que «é de esperar q. "em breve se consiga dotar a Soc.ed.e (...) com "uma séde condigna...»

A Torre de Almedina já não é, pois, indicada. O P.e Nogueira Gonçalves dava-me a entender, nas cartas, bem como o Costa Rodrigues que havia contra-mina. Seria, positivamente, deliberação destes dois junto do governador civil — e ainda bem. O Padre até me dizia, ha dias, que ainda se não sabia quem seria o ultimo a rir.

No mesmo num.o de O Despertar, o ilmo Sr Octaviano responde á carta do Albertino Marques. Guardo o respectivo recorte junto dos outros referentes á Escola Livre. E' claro que o mariola do Octaviano trata mal o Albertino e, embora o considere bom artista, não lhe liga importancia. Confesso-lhe que a impressão de que não gostou do protesto. E' possivel.

Se houve mudança com a mudança da Soc.ed.e de Defesa e Propaganda, a local que citei acima mostra que ela ficou sem efeito e deste mau resultado é que virá o bom de

desdem e superioridade da resposta que o Octaviano dá ao Alberico Marques.

Misterios, misterios.

Paz: Mafra.

Outubro: 5.

Dia de recolhimento e meditação. Passei-o mal humorado e incomodado fisicamente. Desabafei numa carta ao velho amigo Dias Monteiro. São 10 h. da noite.

Aqui vai a carta:

«... Este dia 5 de Outubro é proprio para meditação e para exame de consciencia... Em regra, passo aqui esta quadra e como estou isolado e me não chega o tumulto da cidade e da vila, venho tempo para meditar e pesar com os meus botões se, por acaso, eu posso sentir na consciencia o pêso de qualquer remorso — isto é: se na minha insignificante vida politica eu acarretaria qualquer pedra, por pequena que fosse, para o grandioso edificio deste soberbo Estado Novo.

É possivel. Não quero isentar-me de culpas e não desejo lançar para os outros to-

das as causas de malefícios; tenho a grandeza de animo capaz de tomar qualquer responsabilidade que me possa caber e a serenidade p.ª aceitar a punição que, diga-se com verdade, tem sido bem merecida

« A ligeireza de juizos, certas vaidades de gente moça, desconhecimento dos adversários, a pouca cultura historica, um conjunto de circunstancias que perturbava a visão serena dos sucessos que não deixava prever o dia seguinte — tudo isto contribuiu para a derrocada da construção mais ou menos idealizada, derrocada que muitos desalentados dizem ser dos Principios quando afinal só os Processos a causáram ou, para falar mais claro, os homens que á ideia da Politica só ligam a do Interesse proprio, sem qualquer pensamento medianamente elevado.

« Tudo isto foi hoje têma de soliloquios e aqui estou agora, cerca das 23 h. a lançar uns vagos considerandos no papel enquanto na vila um ou outro foguete de morteiro me deixa na duvida se são os poderes publicos que celebram o anniversario do regime ou se qualquer grupo desportivo festeja uma vitoria de ponta-pé.

«Uma tristeza. E para remunerarmos vos como o quer, todo este descalabro de ideais, de caracteres e de costumes, torna-se muito possivelmente maior do que realmente é e acumula-se em mim um peso de mau humôr e cepticismo que dificilmente sacudirei.

«Para onde iremos? Que será que se forja neste alto-forno de ambições, de interesses e de incompreensão? Fechêmos as eclusas como dizia o Pe Manuel Bernardes, pelo erro de memoria. Desculpe as lamurias dum isolado e mal humorado; mas nesta Paz, que quer que se seja?

«E aqui lhe fica este aparente paradoxo.

«Recebi o In-Memoriam (1). Folheei-o apenas; o aspecto geral é bom; vou lê-lo com vagar para agradecer a oferta com consciencia. Desejo-lhe a melhor saude, etc.»

Paz: Mafra.

Outubro: 10.

Mais outra achêga para a historia da Escola Livre das Artes do Desenho. No jornal O Despertar, nº. 3188 de ontem, vem a notí-

(1) Do Sebastião Teles.

cia que aqui deixo colada e que é mais outra garotice do Octaviano de Sá. O Albertino Marques fez mal em dar sorte; mas o comentario que aí fica não deixa de ser garotice de quem nunca perdeu os habitos do melho Povo de Santa Clara, de muito baixa memoria.

Uma atitude

O sr. Albertino Marques, distinto artista de ferro, em virtude daquilo que se escreveu nesta Secção, de exclusiva responsabilidade do seu autor, e como resposta a uma sua carta, deixou de ser assinante deste jornal

Aqui está mais um motivo de ordem particular a evitar-lhe despesas, como aquele para não ser sócio da Escola Livre das Artes de Desenho.

E' possivel, porem, que o episodio fique por aqui.

— x —

Hoje recebi mais um convite da direcção da Revista Militar para reunião no proximo dia 12. Não irei por motivos léves q. aliás não poderei facilmente remover.

Irá carta justificativa e tambem outra agradecendo o In-memoriam do Sebastião Teles que gentilmente me ofereceram.

Vai somente agradecimento protocolar pois a critica ou antes comentario, irá directamente para o Pires Monteiro. A este direi com liberd.e o que penso embora reduza bastante a ironia a respeito das dis-

curadas dos generais do Estado-Maior. Guizeram falar dum homem que thes era muito superior e que elles não comprehenderam — mas faltou-thes a corda...

A unica coisa que se aproveita no volume é a fala do Norton de Matos. Este, porem, vem outra estatura.

Paz: Mafra.

Outubro: 22.

Carta ao Pires Monteiro. Lá vai mais uma lenga-lenga, como ele gosta. Seja feita a sua vontade. E desta vez (e mais uma vez) não ficará muito satisfeito.

«.... Recebi o In-memoriam do Sobral dias Teles na occasião em que tambem recebi, offerta da 2ª. Repartição do Estado-Maior, com dedicatoria autographa, um exemplar com as 2as. edições da Introducção ao estudo dos conhecimentos militares e da Fortificação e a defesa do País. Agradeci uma e outra offerta e, aos poucos, fui percorrendo um e outro volume com interesse e boa vontade.

«Foi bom que se commemorasse o centenario e, no meu entender, não temos no

exercito muitos vultos que, pelo esforço de inteligencia culta dessem razão p.ª lhes lembrar o nome. Essa geração nascida nos meados do malsinado sec.º XIX foi, na verdade, uma grande geração e a Revista tomando a iniciativa da evocação dos dois militares mais notaveis saídos dessa pleiade, se procedeu com a mais louvavel das intenções, mostrou tambem o reverso da medalha — que foi a certeza de que, na nossa classe, apesar de numerosa, só apareceram dois...

« Foi pouco.

« O Morais Sarmento teria, talvez, cultura mais variada, mais extensa, possivelmente mais compreensiva, á qual a forma literaria correcta e elegante dava certo brilho; o Sebastião Teles teria cultura mais especialisada, mais profunda e por isso sem grandes preocupações de exteriorização.

« Deste ultimo, porem, é possivel que a obra perdure mais embora muito reduzida em relação á do primeiro. Daquele, fica a impressão dum espirito aberto a variados assuntos, de pena apurada e facil e de certa visão larga dos sucessos; deste, mante

nho a noção duma inteligencia arguta q. se não limitou á superficie dos têmas de que tratou com toda a probidade e procurou desenvolver com interesse critico, mas que, por isso mesmo, produziu obra um tanto ou quanto hermetica que mal roça pela epiderme da quasi maioria dos leitores.

« Sem querer, ia a cair no velho vicio do paralelo quando só quero falar do Sebastião Teles; a pena ia a fugir p.ª campo perigoso e eu vou reduzir os meus comentarios.

« A meu ver, o In-memoriam e a introdução ás edições do Estado-Maior, comprovam o meu juizo mais ou menos acima exposto. Tirados o discurso do Norton de Matos e a sua conferencia, o que fica?

« Compreenderam os autores das outras peças o valor da principal obra do Sebastião Teles? Em que se resumem todas as largas tiradas impressas, escritas em louvor do general? Será necessario trazer tanta legislação e dados de organica militar para provar a projecção da notavel Introdução ao estudo dos conhecim.tos militares? Será necessario fazer um mau e fastidioso resumo da obra capital para no fim se con-

cluir o contrario do que a propria obra se esforça por demonstrar?

«Com franqueza, sem querer passar a pá limpa, fica-se um pouco desolado ao verificar a insuficiencia.

«E' interessante, como documento biografico, o artigo do brasileiro Lopes acerca da vida politica do general; mas é, simplesmente, um documento biografico.

«O que fica de bom é o discurso pereno, proporcionado e compreensivo do Norton e a sua conferencia a que já me referi em carta e que é trabalho consciencioso, igualmente compreensivo e sem os exageros q. sempre aparecem quando se quér homenagear alguem. E querendo o Est.º Maior chamar a si a principal comemoração, provou, afinal, que não estava á altura de compreender a figura comemorada; foi necessário q. um militar reformado e um outro da reserva viessem salvar a situação.

«Para o meu ponto de vista sobre estes assuntos, confesso, com pontinha de vaidade, que gostei. Parece que se comemorava não o homem ilustre que deixou obra de projecção mas sim, e simplesmente, um ofi-

cial do Estado-maior — Vasco Carvalho se faz ao redor do Corpo respectivo! Isso causou-me estranheza como se, fóra do Estado-maior, não houvesse alguem capaz de levar a tarefa e como se o Sebastião Teles se não pertencesse ao Corpo, não fosse capaz de escrever a Introdução ao estudo dos conhecimentos militares.

«São estes os meus reparos; e relendo-os aqui, talvez possam dar qualquer impressão de azedume. Mas apesar, com franqueza, custa-me a rasgar esta e escrever outra carta e de certo o meu Am.º vê nas minhas palavras simplesmente sinceridade — neste momento agravada por incómodo de saude que me traz razoavelmente mal humorado. O tempo desabrido ajuda o mal estar e ainda por cima a circunstancia de ter tirado os dentes q. me restavam e que apora me deixam desdentado, como velho caído.

«Antes de regressar a Coimb.ª passarei uns dias em Lisboa e irei vê-lo, embora rapidamente. Estou já desejando a minha casa onde só me sinto bem e fóra da qual, afinal, me vejo condenado a viver. E assim seja, por emquanto. . . — Etc.»

— x —

Hoje, 22, faço 40 anos de casado e arranquei os últimos dentes. O sucesso é quasi simbolico...

Desdentado! E assim andarei uns quantos até que o medico-dentista haja que se poderá meter na bôca a nova dentadura.

E não fui-de eu mostrar a má vontade ao Estado-maior? O Pires Monteiro é capaz de se melindrar, mas eu tenho o cuidado de me referir ao E.M. oficial, isto é, aos cavalheiros que neste momento possuem os grandes segredos da Guerra e da Paz — e em especial a esse chefe do Estado-maior-general chamado Barros Rodrigues ha pouco chamado a Londres para altas conferencias e que é primo co-irmão do celebre conselheiro Alves Pacheco...

O Barros Rodrigues!... O grande Barros Rodrigues!... oh! o immenso Barros Rodrigues!... Basta, co'os diabos.

Ponhâmos ponto por hoje.

Com tempo desagradavel como o de hoje e desdentado... não se póde dizer bem de ninguem.

Paz: Mafra.

Outubro: 24

Afinal, depois de pensar e ponderar, resolvi não mandar ao Pires Monteiro a carta que atraz ficou copiada. Não sei quem foi o moralista que disse que os favores conquistam os amigos, a verdade afasta-os.

Não vá eu desgostar o bom Pires Monteiro cuja mentalidade acentuadamente militar com a agravante de pertencer, com orgulho, ao Corpo do Estado Maior poderia encarar desagradavelmente com os meus comentarios tão livres.

Fica registada e ... pronto.

Lisboa.

Novembro: 2

Dia dos Fieis-Defuntos. É possivel que muita gente, neste dia, pense a valer nos seus mortos e tenha recordações sinceras do passado. No entretanto, nesta capital do Império o que hoje vejo é o alarde das flores, a corrida aos cemiterios com certo ar de festa embora se afivele, compungidamente, a mascara da saudade e da dôr. A comédia é evidente e não deixa de ter, como verda-

deira comedia que é, o seu sabor. Lembrar os mortos por imposição do calendario, é verdadeiramente saboroso.

E é nestes dias que se faz o peditorio p.º auxilio do combate ao cancro. Porque é nestes dias? Não é tambem coincidencia com algum sabôr? Conta-se, como dizem, com as impressões dolorosas do dia de finados; mas onde estão essas impressões dolorosas que eu não vejo na multidão que corre aos cemiterios, afinal, como se fosse para uma festança?

Lisboa:

Novembro: 3

Leio nestes dias nos jornais certas noticias que me merecem notação.

Por ex.º: em Monte-Real, junto de Leiria, foi inaugurado um aerodromo; muito bem, não ha que dizer. No acto da inauguração com todas as entidades oficiais, em especial as militares, comparece o bispo de Leiria que foi benzer a capela — uma capela como objecto de primeira necessidade...

Nos discursos fizeram-se afirmações curiosas de caracter religioso; o ministro da

Guerra, o ilustre Santos Costa, afirmou na discursata que era subdito reverente da Igreja catolica, etc. etc. Ora a que proposito veem a Igreja catolica numa inauguração de aerodromo? Cada vez o Estado Novo se submete mais á Igreja e cada vez mais a dita Igreja exerce pressão á politica do Estado. E continuará.

Outro caso: o ministro da Educação de Espanha veio a Portugal assistir á pessão solene, em Coimbra, commemorativa do centenario do jesuita Suarez. Discursou, e no discurso em que evocou Deus como inspirador da luta civil que expulsou a Republica, e com considerandos varios não só se fundados na obra de Suarez (que não conheço) concluiu que nos Estados a soberania não veem do Povo nem dos Governos, mas sim de Deus, como fonte de todo o poder e inspirador e director de todas as acções dos homens.

De modo que (e para só citar estes dois casos) depois de seculos de luta pela emancipação do espirito, pela liberd.e individual e pela tolerancia, ouvem-se coisas destas e ditas oficialmente, com toda a solemidade

e, segundo os jornais, aplaudidas com veemencia.

Onde irêmos parar?

Paz: Mafra.

Novembro: 8.

Ontem, em Lisboa, encerrou-se ruidosamente a exposição das Obras Publicas. Houve sessão solene a que, contra o costume, mestre Salazar presidiu e no fim da qual deitou discurso.

De toda a discursata, achei curioso arquivar o passo que aqui fica — que revela sinceridade que não está nos habitos desta gente q. governa.

> Não me proponho discutir se em tudo atingimos a perfeição — ela não será nunca porventura materializada na obra do homem — sendo, porém, lamentável que não legássemos, não digo orgulhosamente *um estilo*, mas *uma maneira* bem portuguesa e bem actual, isto é, que através do imenso volume de obras que realizámos não ficasse bem vincado, contrastando com a ameaça materialista, o sonho de uma época e de uma geração de sacrifício e trabalho intenso, impregnada de nacionalismo, de solidariedade humana e de espiritualidade.

Seria propositada a confissão ou saiu sem ele querer? E' certo que o cavalheiro não costuma dizer o que lhe não convem ou que ~~[illegible]~~ possa representar fraqueza e até franqueza; de modo que estranhei o passo que não deixa de ter algum interesse.

É claro que o que aí fica, num período só, presta-se a comentários que levariam longe; mas a principal conclusão é que os homens verificam a incapacidade de crear uma maneira na arquitectura, qualquer coisa que se emparelhasse com o manuelino, o joanino, o pombalino... Depois de tanto barulho, não deixam nas obras nada de «solidariedade humana» ou de «espiritualidade.»

O homem, quero crer, que se arrepanderia da frase se é que ela não tem qualquer intenção reservada que eu não atinjo. Com creaturas daquele jaez, nunca se sabe bem o que lhe vai por debaixo de frases na aparencia banais. Contudo, o ministro da Guerra fartou-se de dizer que vivêmos na era de Salazar, uma especie de paz octaviana em que surgem monumentos que brilham para encobrirem a podridão dos alicerces.

A solidariedade humana! a espiritualidade! Como não ha responsabilidade de tais afirmações quando a sociedade está cada vez mais corrupta e ainda ha presos politicos sujeitos a torturas! O que valerá um Estadium monumental ou uma barragem

grandiosa, garante o tormento infligido a qualquer preso político e a censura rigida á liberd.e de expressão do pensamento? O que valerá toda essa magnificencia apresentada em exposições, nas quais se gastaram rios de dinheiro, garante a omnipotencia do António Ferro, poder absoluto de toda a especie de coação á mais elementar liberd.e de pensar?

Assim como no tempo de Augusto, se vai lançando á população esse veneno do divertimento e da propaganda inteligentemente orientada; e o País vai adormecendo com a musica agradavel e caindo pacificamente no marasmo necessario p.a a continuação da Obra com maiuscula, da Grande Obra da Reacção.

Paz: Mafra

Novembro: 9.

Hoje ha reunião da direcção da Revista Militar. Poderia ir, mas não me resolvi ao sacrificio de mais uma ida e volta a Lisboa.

Isto de pertencer a uma direcção e não se viver na terra onde está a séde, só na Revista Militar e com a boa vontade do velho

amigo Pires Monteiro... Não the tero, evidentemente, a mal; mas não faz grande reparo.

Paz: Mafra.

Novembro: 10

Afinal, apesar de todos os protestos feitos ontem de manhã, sempre fui a Lisboa á reunião da direcção da Revista. E a verd.ª é que, se eu não comparecesse, não haveria numero.

Logo de entrada, recebi a noticia da doença do Pires Monteiro: um esgotamento cerebral, consequente do m.to trabalho, a desgostos intimos com a doença da esposa e a ausencia da filha casada, actualm.te na India; imposição de repouso absoluto e substituição na gerencia da Revista. Um rosario desagradavel de razões que me incomodou bastante, não só por ser amigo dele como por verificar que não vale a pena o sacrificio que se faz com sinceri.de e sem o verdadeiro reconhecimento dos outros.

Pobre Pires Monteiro!

Na sessão resolveram-se assuntos de mero expediente e de administração; tra-

Vai-se da substituição do Pires Monteiro que valer irá recair no coronel de Engenharia José dos Anjos, proposto pelo Raul Esteves. O nome é bom; o homem tem méritos e é desembaraçado e honesto; mas como é creatura do Esteves não sei se será reaccionario, o que fr. a Revista é caso em pouco tiendo.

Mas o principal valer seja o ele poder substituir o Pires Mont.º, substituição difícil e que, segundo lá foi declarado, recairia em mim se eu tivesse em Lisboa.

Outro assunto que foi ligeiramente tratado e me pareceu arredado: a creação duma Academia Militar de que a Revista passaria a ser o orgão. Eu achei a ideia (que por via do Hermes de Oliveira em proposta á direcção) muito para atender; mas a proposta foi entregue ao general Ferreira Passos para a estudar — e parece que este não concorda e naturalmente a abafará.

Porque foi a proposta, antes de admitida a discussão, na sessão ordinaria, entregue ao Ferreira Passos? Este compreenderia ou atingiria bem a intenção do proponente? Ficou de reserva por causa da má vontade

do Santos Costa que poderia pôr embargos com receio de se formar assim um nucleo de resistencia liberal?

E' possivel. O caso é curioso e não o perderei de vista.

Um outro assunto tratado e que me deu nas vistas: a administração deu conta de q. ha uns sete contos e tal em divida, de recibos de assinantes... Quer dizer: cerca de 45% dos assinantes não paga! Os recibos veem constantemente devolvidos com variados subterfugios. Singularidades da classe militar...

Sete contos, em recibos, por pagar!

... E o Exercito é, como agora se afirma, o expoente da dignidade nacional...

Paz: Mafra.

Novembro: 13.

Recebi hoje o 1º numero da revista Terras do Mondego, ideia e realização do Rocha Madail. O numero vem bom; boa apresentação, boa e variada colaboração, etc.

Mas o Madail teve de revelar a sua velhacaria: ninguem foge ao que é conforme o dito de Horacio. Na secção memoranda

no & dedicado á memória de recentes centenários de conimbricenses ilustres, referindo-se ao de António Alberto Gonçalves como um dos mais dignos de ser celebrado; e termina por dizer: «Será necessário proclamar que a data memorável não foi de cair no esquecimento em que as demais se perderam? Teem a palavra a Camara Municipal, a Universidade, a Escola Industrial de Brotero, a Associação dos Artistas — a cidade inteira.»

O velhaco quererá insinuar que só ele se lembrou do centenário? O velhaco finge ignorar os esforços há tanto tempo feitos pela comissão que ele conhece muito bem, mas que quer mostrar ignorar.

Tortuoso como um corvo.

Terei de tomar qualquer atitude para esclarecer afirmações. E ainda há quem tenha dúvidas acerca da sua lealdade?

Coimbra.

Novembro: 16.

De novo em Coimbra, finalmente. E já hoje, pelo Alvaro Viana de Lemos, soube que o Madaíl não desiste de saber duas

coisas importantes a respeito do Antonio Aug.º Gonçalves: se pertenceu ou não á Maçonaria e se usava ou não chinó.

Para a primeira duvida já ele me disse velhácamente que seria interessante provar-se que a fundação e influencia da Escola Livre se deviam á acção da Maçonaria do tempo. E o que me parece curioso é ele, Madail, conservador e catolico praticante, ter interesse em fazer tal prova... A não ser que seja com o fim de tornar, á sociedade de hoje, mais antipatica a figura do velho Gonçalves e a acção da Escola.

Com tal creatura tudo é admissivel. Para a 2ª duvida, a do chinó, parece-me q. só servirá para redicularizar. Que diabo terá a existencia do chinó com o valor do artista, do professôr, do critico de arte?

Enfim...

Coimbra.

Novembro: 17.

Os jornais da terra badaláram já a minha chegada a Coimbra. O Despertar, esse, antecipou-se, pois já no dia 13 dava a noticia que aqui fica colada, por simples

curiosidade e p.ª memoria dos adjectivos amaveis que se lembraram de escrever em meu louvôr. Uma santa gente, esta gente da Imprensa.

PARTIDAS e CHEGADAS

A esta cidade regressou, após a sua permanencia na Quinta da Paz, em Mafra, o nosso respeitavel amigo sr. coronel Belizário Pimenta, um dos mais cultos oficiais do nosso Exército.

-x-

Ora hoje tivémos nova reunião da comissão do centenario de Ant.º Augusto Gonçalves. O tempo aperta. Eis a acta:

«Aos 17 dias... etc. reuniram-se pelas 18 h. na sala das sessões da Associação dos Artistas, os vogais: dr. Antonio da Costa Rodrigues, P.e Ant.º Nogueira Gonçalves, dr. Gumersindo da Costa Lobo, João Machado J.or e Belis.º Pimenta. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. O vogal dr. Costa Lobo deu parte de que a Universid.e não faria manifestação pelo centenario e simplesm.te se faria representar em qualquer sessão q. houvesse de homenagem ao seu antigo professor. O mesmo sr. dr. Costa Lobo e B. P. informáram da deligencia que fizeram em 31 de Julho prox.º passado, em Lisboa, á ca-

sa Molder, para tratar da medalha comemorativa; a deligencia não teve o exito desejado porque a Casa Molder não se encarrega do trabalho sem lhe garantirem, pelo menos, uns dez ou doze exemplares que, em prata custariam cinco a seis contos e em cobre uns uns tres ou quatro. O empregado ou socio Henrique Mantero, com quem falá-ram e que se mostrou interessado, lembrou a vantagem duma deligencia junto da Casa da Moeda onde a medalha se faria com mais economia; como qualquer dos dois vogais não tinha relações com o director ou funcionarios superiores daquele estabelecimento, nada mais se conseguiu, prometendo, porem, o dito Henrique Mantero procurar falar a pessoa conhecida da Casa da Moeda para sondar as possibilidades. Como o escultor Costa Mota não prometeu dar a maqueta da medalha em tempo devido, ficou este caso para ser considerado mais tarde. O vogal B. P. disse que em 21 de Julho p.p. falou com o presidente da Câmara e o encontrou com a mesma boa vontade quanto á sessão soléne. O dito vogal referiu, então, que o dr. Reinaldo dos

Santos, em resposta a uma sua carta na qual lhe transmitia o voto da sessão anterior, se excusava de fazer a oração principal na sessão da Câmara e apenas viria em nome da Academia das Belas Artes dizer duas palavras. Perante esta recusa que desgostou todos os presentes, resolveu-se não desistir da sessão da Câmara e que o sr. dr. Costa Rodrigues preenchesse, com a conferencia que projectara acerca de Mestre Gonçalves, a parte principal da mesma sessão — que, com as duas palavras do dr. Reinaldo, as do Presidente da Camara e, posteriormente as do representante da Universidade, ficaria dignamente organizada. Ficou encarregado de fazer a comunicação ao dr. Sá e Oliveira, o vogal R.B.B. e participar-lhe que a sessão se faria no mês de Janeiro proximo. — O vogal R.B.B. justificou a ausencia do sr. Viana de Lemos e informou de que este sr. vai mandar fazer um retrato de Antº Augusto Gonçalves, dos melhores do ultimo periodo da vida, p.ª colocar nos escaparates das livrarias no dia 19 de Dezembro, com algumas palavras impressas a explicar o motivo; e

lembraram que se pedisse ás livrarias [illegible] que junto do retrato se expusessem alguns volumes da Homenagem que se prestou a Mestre Gonçalves em 1922, á qual se pode cem preço razoavel. Os vogais presentes aprovaram e louvaram a lembrança. — O sr. João Machado informou de que procurado o director da Escola Industrial de Brotero, lhe parecen que encontrou neste pr. pouco interesse pela commemoração; no entretanto, solicitou-se do sr. João Machado que novamente o procurasse e lhe dissesse q. contávamos com a colaboração da Escola e que a reputávamos de importancia. Quanto ao cortejo das associações operarias em que se pensára para o dia 19 de Dezembro prox.º, depois de troca de impressões, resolveu-se que limitassemos o começo das manifestações a uma romagem, com caracter particular, ao tumulo de Ant.º Augusto Gonçalves para o que, pelos jornais, se convidariam os amigos, admiradores e antigos discipulos do Mestre; e que apenas um dos vogais da comissão dissesse no momento uma meia duzia de palavras de evocação e agradecimento. — O pr. P.e Nogueira Gonçal

ves falou da exposição das obras principais e mais objectos que interessassem á memoria do Mestre e que pensa realizar na sala principal do Museu Machado de Castro; é de opinião que nessa exposição apareçam apenas as melhores ou mais caracteristicas producções, procurando-se antes a qualidade do que a quantidade — o que foi aprovado com a devida satisfação. Foi ainda tratado o caso da conferencia da Senhora D. Genoveva de Lima Mayer, em Lisboa, no Museu de Arte Antiga para a qual o seu director, dr. João Couto, deu plena aprovação. Ficou o sr. dr. Costa Rodrigues encarregado de solicitar daquela distinta senhora a colaboração que daria valor e brilho ás comemorações. Foi ainda resolvido que se solicitasse á Casa de Coimbra em Lisboa qualquer acto comemorativo e que a proxima reunião fosse no proximo dia 23, no mesmo local e á mesma hora. E não havendo mais nada, etc.»

E aqui está no que vai dando todo o nosso plano, arquitectado com tão boa vontade. Voámos, na verdade, um boca

do alto, convencidos de que não cairiamos. Vamos a ver, porem, se se salva alguma coisa, embora pouco, mas que corresponda ás intenções.

Coimbra.

Novembro: 20.

Hoje mandei um oficio em nome da comissão do centenario do Gonçalves á Casa de Coimbra em Lisboa lembrando que no prox.º dia 19 de Dezembro passa o 1º centenário do nascimento daquele ilustre conimbricense e que talvez a instituição queira celebrar a data condignamente.

Foi apenas um aviso amavel. Os naturais de Coimbra q. habitam Lisboa, como bons conimbricenses, teem andado ás turras uns com os outros e de certo nada farão. Mas o principal é que se não dissesse que não tiveram conhecim.to do que estamos a fazer.

Coimbra:

Novembro: 29.

Desde 24 que uma grippe me obrigou a estar na cama. Na vespera houve reunião da comissão do centenario a que compareci

por honra da firma; já me sentia mal. A acta vai adeante, mas antes do rascunho, deixo consignado mais um caso que diz respeito aos «centenaristas.»

Ha dias, foi o Madaíl que na sua nova revista gritou que era necessario não esquecer António Aug.to Gonçalves; agora, no Despertar, de 24 deste mês, o ourives José Vieira Machado apela para a Escola Livre das Artes do Desenho com o fim de, ao menos, no dia 19 de Dezembro prox.o, os seus associados vão ao cemiterio «espalhar as flores da sua saudade» no tumulo do Mestre.

Ao ler isto, pensei se o Machado procedia de boa-fé ou dava lição encomendada por qualquer mariola. E para se admitir a hipotese de aqui entrar mariola, teremos de pôr o dêdo em qualquer destes dois: ou o ilustre Octaviano de Sá ou o não menos ilustre Rocha Madaíl.

Quero crer que o Machado não escreves-se o apêlo por maldade;[1] mas admito muito bem a insinuação amavel, a censura discreta ao abandono do centenario, etc. etc. E pó-

---

[1] O apêlo fica colado no fim do vol.o, pag. 359.

de ser também que, da minha parte, isto não ja exagero de suspeitas ou preocupação de perseguição...

Tudo póde ser neste mundo tão divertido...

Agora, vamos á acta:

«Aos 23 dias... etc. na sala da Associação dos Artistas de Coimbra, pelas 18 h., reuniram-se os vogais Alvaro Viana de Lemos, dr. Cumersindo da Costa Lobo, Lourenço Chaves Almeida e Belis.º Pic.ra. Justificou telefonicamente a falta o sr. João Machado J.or — Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior, com a rectificação proposta pelo sr. dr. Costa Lobo, á maneira como ficou exarada, a fls. 14 v.º, nas linhas 8-11 da mesma acta (1) a informação que deu respeitante á Universidade não fazer qualquer manifestação especial, pois o Senado universitario encarregou a Faculd.e de Ciencias de atender ao assunto e esta é que depois de o ponderar resolveu fazer-se representar em qualquer ce-

---

(1) Corresponde, neste volume, ás linhas 17-21 da pagina 24, nota do dia 17 de Novembro p.p.

rimonia ou pessão de homenagem que se prestasse ao seu antigo professor. O vogal sr. Lourenço Chaves Almeida informou de que escreveu á sr.ª D. Vera de Lima e de que o sr. dr. Costa Rodrigues na sua próxima ida a Lisboa procuraria aquela senhora para pessoalmente fazer o pedido; o mesmo vogal referindo-se ao aparecimento do primeiro número da revista Terras do Mondego e á notícia que vem a pag. 82-83 relativa ao centenario, deseja que fique na acta o seu profundo pesar contra a maneira como essa notícia está redigida pois o sr. Madaíl ha muito conhece os nossos esforços para realizar condigna comemoração; acrescentou ainda o mesmo vogal que todas as obras que possuí do Mestre Gonçalves estão á disposição do sr. P.e Nogueira Gonçalves para a exposição projectada. O sr. Viana de Lemos informou de que o fotografo sr. Pereira Fontes se prontificou com entusiasmo a fornecer retratos do Mestre que fossem necessarios bem como quaisquer fotografias de que possuisse negativos; e informou tambem de que o professor e artista sr. José Contente aceitou o seu convite para dese-

nhar um retrato de Mestre Gonçalves para ser exposto em qualquer livraria. O vogal B. P. disse que em 19 do corrente estivera com o sr. presidente da Câmara a quem expôs o que ha feito e o que ha projectado; o sr. dr. Sá e Oliveira concordando com a exposição feita, continuou a prometer todo o seu auxilio e resolveria o caso da sessão solene na proxª sessão de Câmara que se realizaria em 25 deste mês. O mesmo vogal contou que na semana se avistara em companhia do sr. Alvº Viana de Lemos com o director da Escola Industrial de Bro-Vero que lhes disse que o Conselho escolar resolvera fazer uma sessão solene comemorativa do centenario na qual se inauguraria um busto de Antº Augº Gonçalves pª a sala dos professores executado por um deles. Os vogais presentes congratularam-se com estas noticias. O sr. dr. Costa Lobo lembrou uma antiga ideia desta comissão: a de uma lapide comemorativa na casa em que Mestre Gonçalves morreu; ficou de se falar no assunto quando estivesse presente o sr. João Machado. Foi ainda lembrado que se solicitasse do sr. Pe Nogueira

Gonçalves uma palestra na Sé Velha acerca da restauração do templo, considerada um dos mais altos trabalhos do Mestre. E não havendo mais nada para tratar, resolveu-se que a prox.ª sessão seja no proximo dia 3 de Dezembro no mesmo local e á mesma hora. E encerrou-se esta de q. se lavrou etc.»

Coimbra.

Dezembro: 3

Hoje era dia de reunião da comissão do centenario como se combinou na ultima. Não houve, porem, numero para se poder fazer sessão.

E estamos a uns 15 dias do centenário... Desinteresse?

Coimbra.

Dezembro: 4

Hoje mandei para o director-gerente da Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira, João de Sousa Fonseca, uma carta a lembrar que na letra O se não esquecessem dos poteres fabricantes de louça de barro vermelho de Miranda do Corvo quando

tratassem de Oleiros e Olarias. E mandava-lhe uma nota com o nome dos meus trabalhos sobre o assunto.

Os homens da Enciclopedia são capazes de [redacted] rir. Mas não importa.

Coimbra.

Dezembro: 7

Hoje, mais uma sessão de direcção da Revista Militar. Faltarei, é claro; ir a Lisboa só por isso é forte demais. Mando cartinha com justificação e pronto.

Coimbra:

Dezembro: 8.

O Sousa Fonseca, da Enciclopedia, respondeu logo e convidou-me para fazer o artigo Olaria «sob os pontos de vista oficial, etnografico, etc.»

Se o soubesse fazer, fazia-o da melhor vontade. Mas não sei. Declinei o convite e dizia: «... p.ª tratar do assunto com consciencia, faltam-me bases; conheço ligeiramente o assunto mas insuficientemente para artigo didactico.» E acrescentava: «... teria de ir estudar o assunto quasi des-

"de o começo e isso não só é incompati-
"vel com o tempo q. falta como tambem
"com a vida que levo no momento cheia de
"preocupações e trabalhos." E de novo lem-
brava os meus oleiros de Miranda do Corvo
que não queriam ficar esquecidos.

Etc. etc.

Coimbra

Dezembro: 11.

O centenario de Ant.º Aug.º Gonçalves
entrou na fase de publicidade. Outem foi
a Emissora Nacional que deu sinal; vê-se
que o Padrinho Maura e Sá cumpriu a pro-
messa. Hoje, a Emissora continuou com
identicas e anuveis palavras.

Os jornais já começáram a falar com
simpatia e, na verd.e, não sei como isso
se conseguiu.

O Madail parece que ainda mais ou me-
nos furioso; apara não tarpa o dr. Guime-
rando Costa Lobo para saber coisas... Lá
viu que os outros rogais não lhe dáram
conversa e voltou-se para este que julgou mais docil. Ele não contaria com o resultado conseguido, embora modesto.

Nestes dias tenho andado em perfeita dobadeira. Dos sete vogais da comissão afinal sou eu quem só quasi trabalha e se remexe. O Diario de Coimbra pede-me umas palavras para acompanhar o retrato que quer publicar do Gonçalves, na 1ª página do seu numero do dia 19. O Alvaro Ferreira, da Tipografia União, pede-me para dar prosa para um opusculo que quér editar em homenagem no dito dia 19. O Caetano Reis acedeu ao pedido para a Seara Nova comemorar o dia, mas... que remede eu o arripio!... E assim por deante.

Não pode ser. Como poderia eu escrever tantos artigos sem me repetir?

O dr. Costa Lobo até se recusou a lêr a oração no cemitério no próx.º dia 19. Eu é que sou a pessoa propria, disse ele.

Ele. ele.

Coimbra.

Dezembro: 14.

Ouvi, nove pessoas da comissão do centenario — que é a ultima antes do começo das comemorações. Segue a acta:

«Aos 13 dias . . . etc. na sala das sessões da Associação dos Artistas de C.bra se reuniram pelas 18 h. todos os vogais da comissão, tendo-se retirado a seguir á abertura da sessão, por incomodo de saude, o sr. P.e Nogueira Gonçalves. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. Estando presente o sr. engenheiro António Augusto da Silva Pinto [redacted] filho do falecido arquitecto Silva Pinto e admirador de Mestre Gonçalves para quem ainda convinham, declarou que veiu junto da comissão dar todo o seu apoio aos nossos propositos e oferecer os seus prestimos. Nestes termos entendeu a comissão que o devia convidar não só a fazer, de hoje em deante, parte da mesma como tambem a proferir uma conferencia acerca das relações de seu illustre Pai com Ant.e Aug.o Gonçalves e da acção que os dois tiveram em muitos passos da vida no sentido da educação artistica das classes trabalhadoras e da conservação dos monumentos. O sr. engenheiro Silva Pinto aceitou os dois convites. — O vogal B.P. deu conhecimento do oficio da Casa de Coimbra em Lisboa o qual informa de que se fa-

rá representar nas comemorações pelo sr. dr. Costa Rodrigues. Tratou-se, em seguida, do programa das comemorações que terão de começar em 19 deste mês e ficou resolvido que, neste dia, se realise a romagem ao tumulo do Mestre, pelas 11 horas, para o que se fariam convites nos jornais nos seguintes termos para evitar dificuldades por parte das autoridades: — "No proximo dia 19, Domingo, o Grupo de ami"gos e admiradores q. promove a comemo"ração do 1º centenario do nascimento de "Antonio Augusto Gonçalves, irá pelas on"ze horas ao cemiterio da Conchada depôr "flores sobre a sua sepultura; e convida to"dos os amigos, admiradores e outros dis"cipulos a associarem-se a essa homena"gem comparecendo aquela hora no referi"do local." — Foi aprovada esta redacção que, mesmo assim, será submetida á aprovação do sr. Governador civil que será procurado para esse efeito, amanhã, pelas 15 horas, pelos vogais srs. dr. Costa Lobo, Vi-ra de Lemos, Costa Rodrigues e Belisario Pimenta. Ficou tambem resolvido que no mesmo dia 19 o sr. Laureano Chaves

Almeida faria a sua conferencia na sala da Associação dos Artistas cuja cadencia a direcção já modificou anualmente. O sr. dr. Costa Rodrigues comunicou que ia escrever ao dr. Joaquim Madureira, actualmente no Porto ~~[illegible]~~ pedindo que se encarregasse de uma conferencia ~~[illegible]~~ naquela cidade; a sugestão foi aceite com satisfação e ficou resolvido que se oficiasse ao sr. Joaquim Lopes, director da Escola de Belas Artes do Porto, solicitando o cumprimento da promessa feita ha mêses ao sr. Viana de Lemos, relativamente a uma sessão na Escola, na qual explicasse aos alunos o que foi a vida exemplar de trabalho de Ant.º Augusto Gonçalves. O vogal B.B. comunicou q. o sr. P.e Nogueira Gonçalves aceitara o convite para fazer uma lição na Sé Velha, acerca da sua historia e restauração. O mesmo vogal comunicou que a Tipografia União de Ferreira & Serra ia publicar, como homenagem, no dia 19, um opusculo com retrato de Mestre Gonçalves e algumas palavras em sua louvôr. Ainda o mesmo vogal informou de que todos os directores dos jornais de Coimbra e os correspondentes em

representantes dos de Lisboa e Porto foram procurados e solicitados para colaborarem com esta comissão; e de que todos estes senhores não só acederam á solicitação como, na sua maioria, se mostraram interessados. Foi lido um ofício da Casa de Coimbra em Lisboa no qual a respectiva direcção se congratulava com a comemoração e informava de que seria representada pelo sr. dr. Costa Rodrigues em todos os actos comemorativos. — A comissão notando que esta sessão seria a ultima anterior ao começo das comemorações, trocou impressões gerais acerca do seguimento das pessoas e congratulou-se com o exito relativo conseguido o qual, se não atinge a altura desejada, pelo menos não ensombrará não só os comissionados como, e principalmente, o homenageado. E não havendo mais nada q. tratar, etc.»

Estamos quasi no fim. A historia minuciosa desta empreza seria interessante fazer-se se eu tivesse tempo para isso. Seria excelente documento para a quadra q. atravessâmos.

Coimbra:

Dezembro: 19.

A comemoração centenária começou hoje pela romagem ao cemitério da Conchada.

A romagem não foi grande; mas estavam os velhos discípulos e os amigos considerados fiéis. Estariam 120 a 150 pessoas, não mais; mas o que apareceram, estavam por direito.

Ausência de jornalistas.

A figura principal da assistência foi a do dr. Sá e Oliveira, presidente da Camara. Chegou, solenemente, no seu automovel oficial e o caso deu a melhor impressão.

Outra comparencia que nos deu satisfação: a do escultor Costa Mota, Sobrinho, vindo propositadamente de Lisboa.

Reunidos á porta do cemiterio e passado o quarto de hora da praxe, encaminhámo-nos para o tumulo do Gonçalves; á frente ia o presidente da Câmara ladeado por nós e pelo Viana de Lemos. Depostas as flores em ramos e muitas soltas, por varios assistentes entre os quais umas pequeninas, o Viana de Lemos, em nome da comis

são agradeceu em poucas palavras ás pessoas presentes, tocou ligeiramente nos principais passos da vida de A. A. Gonçalves e pediu, no fim, um minuto de silencio.

Passado o minuto, o artista ourives José Vieira Machado pediu licença e leu uma pequena alocução entusiastica, com certa comoção que na verd.e impressionou. Foi ainda discipulo de Gonçalves e manteve, segundo parece, saudosa admiração. Terminada a pequena alocução ouviram-se uns discretos «muito bem!», «muito bem!»

Eu então olhei para o Sá e Oliveira a cuja esquerda sempre me conservei e disse-lhe, em voz baixa:

— Vee.c não quereria dizer duas palavras?

Ele pareceu não hesitar e respondeu:

— Não tenho duvida.

E avançando para o semi-circulo formado pela assistencia, disse algumas palavras de saudade, verdadeiras e claras, sem negar, no momento, a sua qualidade de presidente da Camara e não esqueceu a Escola Livre a que se referiu com espirito compreensivo, exaltando a sua acção des-

de o início e preconizando a sua continuidade. Causou, em todos, a melhor impressão, tanto mais que se dizia já por aí, maliciosamente, que a Câmara se afastara da comemoração.

Terminadas as palavras do Zé e Oliveira, a assistência dispersou. Nós, os da comissão, acompanhámos lo ao automovel com as atenções do protocolo. Ele, parece que se sentiu satisfeito.

E, vá la! mereceu bem as atenções.

Os jornais, na sua generalidade, falaram da comemoração. Pelo País fora o discurso de Ant.º Augusto Gonçalves resôou melhor ou pior explicado, melhor ou pior compreendido. Mas resôou.

Duas notas curiosas: o artigo do Correio de Coimbra, atribuído ao P.e Luis Lopes de Melo; e o do Sol, de Lisboa, assinado pelo Carlos Olavo.

Este começa por dizer que a Universidade é que devia tomar á sua conta a comemoração — o que causou certo gaudio entre os artistas e deixou (por alguns depoimentos recolhidos mais ou menos confidenciais) os

professores de Ciencias um pouco entalados. O dr. Gumersindo da Costa Lobo ficou algum tanto magoado com o artigo; eu lá o consolei conforme soube, alegando que era apenas opinião pessoal, sem consequencias, etc. etc.

Mas foi bem feito!

O artigo do Correio de Coimbra não está mau se bem que torce o caso ao sabôr das mânhas canónicas (como diria o velho Gonçalves); no fim conta o caso das chaves do chamado Museu das Pratas erradamente. Mas enfim, o jornal orgão do Seminário publicou o retrato do Gonçalves e elevou a sua acção como mentor das artes durante meio seculo da vida da cidade. Já não foi nada mau, vamos lá.

A Emissôra Nacional é que não falou no Domingo Sonoro como o Moura e Sá prometeu. O que haveria? Seria porque alguns artigos como o do Olavo e o do Augusto Casimiro punham em evidencia o espirito republicano, liberal, anti-clerical do Gonçalves? E' possivel. A casta Emissôra não quiz lançar ás ondas hertzianas tão mau exemplo.

1628

Isto foi escrito á tarde; logo teremos a palestra do Lourenço Chaves Almeida.

Amanhã falarei.

Coimbra.

Dezembro: 20.

Antes de mais nada uma rectificação: a Emissora Nacional sempre falou no Domingo Sonoro mas á noite. E' possivel que o Pedro Mauro e Sá que tinha vindo a Coimbra, não tivesse tempo para organizar o programa. Eu não ouvi, mas varias pessoas ouviram e me repetiram.

O seu a seu dono.

A palestra ou conferencia do Chaves Almeida lá se fez na sala da Associação dos Artistas. A' hora marcada apareceu o dr. João Pereira Dias; tive a impressão de que vinha algum tanto comprometido. O artigo do Carlos Olavo sempre daria resultado.

O Lourenço dirigiu-se-me com certa reverencia e disse-me que vinha a representação do dr. Vasco Valente, director do Museu de Soares dos Reis, do Porto; explicou que viera de Lisboa, de madrugada, no rapido

e por isso não chegára a tempo da romagem ao cemitério. Quereria atenuar o efeito produzido pela recusa da Faculdade? E' possivel que sim.

Outro que apareceu como tambem aparecera no cemitério foi o Madaíl, o soberbo Madail que, dizia, apesar de algum tanto constipado não quizera «faltar áquele dever...»

Mas enfim, apareceram.

Quanto á palestra...

O Lourenço Chaves Alm.da já me déra a ler, ha tempo, em uma das minhas visitas á casa dele no Porim, a palestra que agora ia fazer. Eu li-a, com efeito, e achei q. falava de mais na sua propria pessoa e nos seus trabalhos. Disse-o com franqueza e sugeri a sua modificação no sentido de não parecer que se queria pôr em evidencia, deixando o Mestre em segundo plano. Ele pareceu concordar embora dissesse q. para falar da industria artistica do ferro desde a ultima decada do seculo findo, teria de falar dele. As coisas ficaram assim, mas parece-me que não modificou o trabalho como eu mais ou menos indiquei.

O Almeida tem, na verdade, merecimento e o velho Gonçalves tinha-o em muita estima. Mas o Lampadario que está na Batalha tornou-o um pouco vaidoso assim como tambem as relações que adquiriu com essa obra o elevaram no seu proprio conceito. Em Portugal não ha meio termo; como o Lampadario é, de facto, obra de merito, não houve encómios que lhe não dirigissem. Ele, modesto artifice-serralheiro, sargento-artifice do exercito, sentiu-se elevado a uma esfera a que nunca contou subir. Deram-lhe (aliás com justiça) o colar da ordem de Santiago; e tudo isso o envaidecem. Os professores universitarios procuravam-no; os generais estendiam-lhe a mão; o poeta Lopes Vieira recebia-o em sua casa como de igual para igual; etc. etc. Antes de começar a sessão segredou-me que trazia o colar de Santiago na pasta e preguntou-me se o poderia pôr... Disse-lhe que so com farda ou casaca. Ele calou-se.

De tudo isto vem que a palestra q. leu não deixando de ser louvôr ao Mestre, não deixou de ser, tambem, a afirmação da sua actividade artistica e, nesse sentido, parecen

me pesada de mais. A sala tem pessimas condições acusticas; os electricos passam e repassam constantem.te e o Lourenço leu monotonamente e em voz baixa como creatura que, pela primeira vêz, se viu em tais assádos. A minha impressão foi pois de q. a prosa não se modificára sensivelmente desde a minha leitura no verão.

Depois, houve um incidente desagradavel. Na altura em que se referia á acção do velho João Machado (Pai) junto dos serralheiros, aos quais prestou certa assistencia, qualquer afirmação relativa a um artigo do dr. Teixeira de Carvalho, não agradou ao João Machado, Filho, que estava na assistencia em vez de estar junto da comissão a que pertence e, pouco correctamente, lançou com o seu vozeirão:

— Não é verdade! A forja existiu!

E depois de pedir desculpa ao presidente da mêsa que era o dr. Pereira Dias (que eu entalei com o pedido e que ele aceitou com gosto ou não) o João Machado ainda acrescentou, no mesmo tom:

— Se não foi na oficina, a forja existiu fóra!

O Almeida suspendeu a leitura; não é homem habituado ao público e eu receei que ele se perturbasse. Mas não: a seguir a rápida pausa, continuou a leitura do mesmo modo e no mesmo tom.

No final, o Pereira Dias referiu-se aos Gonçalves com palavras de certa elevação e ao Almeida com louvores pelo depoimento que fez, etc. A palavra depoimento era minha, assim defini a palestra que se ia ouvir quando fiz a apresentação do Almeida.

E pronto.

Quando, na Praça 8 de Maio, eu me dirigia para um eléctrico notei dois grupos que discutiam no adro da Câmara; no maior, ao centro, o João Machado, exaltado, gesticulava; e à volta, havia nas expressões dos q. ouviam a satisfação maldosa de quem pensa que tudo aquilo perturbava a serenidade e elevação da homenagem.

Somos todos assim... E o artista de Coimbra é assim mesmo. Não suporta superioridade — e reconhece no Chaves de Almeida superioridade a q. não consegue chegar.

Coimbra.

Dezembro: 21.

No Diario de Coimbra de hoje vem uma carta do João Machado, a explicar o incidente da noite da palestra, por mera lealdade para com o respeitavel publico que poderia ter estranhado a intervenção. Tenta rectificar o tal passo da palestra mas no fim de contas o que consegue é agravar o incidente.

Aborreci-me com o caso. Tencionava procurar hoje o Machado p.ª ver se abafava a labareda; mas perante a carta desisti porque recêei que ele estivesse ainda exaltado e eu não podesse manter serenidade. Escrever-lhe-ei de Lisboa se estiver bem disposto p.ª isso.

Muito natural e louvavelmente, o Machado quer defender e exaltar a acção do pai que, na verd.ᵉ, foi notavel; mas, ao mesmo tempo, já tenho surpreendido nele certas frazes denunciadoras de algum despeito para com o Lourenço. Porquê?

Reconhecimento do valor do outro? Consciencia de que não sóbe mais do que já subiu?... «Mundo infinito!...» como dizia a Judia do bom Tomás Ribeiro.

Ás vêzes, no decorrer de certas conversas que com ele tenho, surgem-me suspeitas de que está convencido de que o pai foi, não um produto do ensino e encitamentos do Ant.º Augusto Gonçalves, mas em parte um dos factores dos meritos do Mestre. Daqui a má vontade contra toda a subalternização do velho João Machado.

E este, que era bom homem e sincero, tantas vêzes me disse que o que era e o q. valia — tudo devia ao «Sr. Gonçalves!»

Coisas do Mundo.

E seja tudo isto p.ª desconto dos nossos grandes pecados...

Lisboa.

Dezembro: 24.

Em Lisboa desde ontem. Passar a temporada de ferias com a Filha, a Neta e o Genro. Mais uma vêz deixo a m.ª casa...

Ora hoje enchi-me de paciencia e escrevi a carta seguinte ao João Machado. Deixo-a aqui copiada por me parecer um modelo... E não digo isto por ironia; a carta saiu-me digna de figurar em antologia... Cá vai para exemplo:

«... Tencionava procura-lo na seg.da ou terça-feira passadas para conversarmos serenamente ácerca do ligeiro incidente dado na conferencia; porem incomodos de saude não me deixáram ir aí e a minha vinda a Lisboa adiou a palestra até aos primeiros dias de Janeiro.

«Desejava conversar um pouco, com calma; como estou a tocar os 70, posso falar aos mais novos com certa liberdade que aliás a nossa amizade tambem consente.

«Creio estar no seu ânimo (porque o conheço) não agravar um ligeiro incidente surgido por impulso natural de temperamento vivo; a sua carta no Diario teria o condão de contentar os maldizentes e aqueles que, por vicio ingénito, vivem do escandalo. Ora pois: não me levará a mal q. lhe ~~[illegible]~~ lembre uma especie de armesticio até se terminárem as comemorações centenarias; com o dize-tu, direi-eu só sofreria a memoria do Mestre Gonçalves em cujo louvôr todos andâmos empenhados sinceramente.

«Desculpe esta m.a sugestão que, estou certo, corresponde ás suas intenções; e co-

não estamos em quadra festiva, aproveito o momento p.ª lhe desejar a melhor tranquilidade no lar e as melhoras da sua doente para a qual peço os meus cumprim.tos Vm., etc.»

Está ou não está um modelo? O destinatário, que não é tolo e andará desconfiado, é que não gostará muito.

Vamos a ver.

Lisboa

Dezembro: 27.

Nos jornais de Coimbra chegados aqui hoje, vejo que o pasquim do Octaviano de Sá se portou com o desprezo a que o votámos. Vem com uns artigos no Despertar, em pensamentos seguidos, em louvor de Ant.º Augusto Gonçalves; e no último, no do dia 25, não esconde o despeito e, ao mesmo tempo, deixa ver os conselhos do Madaíl... Percebe-se isso muito bem.

E a propósito do Madaíl, deixo arquivada no final do volume (1) uma local que vem na prim.ª página do Despertar de 25 do

(1) A pag. 359.

corrente. Muito curiosa. O ilustre Madail anda de caudeias ás avessas com o José Ernesto Marques Donato, director do jornaleco; e este pespega-lhe mais esta luisca que não deixa de ter a sua graça.

São verdadeiramente comadres desavindas e agatanham-se.

Lisboa.

Dezembro: 30.

O João Machado respondeu-me. Deu-me cel, correcto, mesmo reverente, mas deixa de pé o seu despeito e a má vontade.

O Lourenço de Alm.da Vasconcellos me escreveu. Mas este mostra certo desdem pelo incidente. E' talvez ainda a vaidade que não o deixa ver o caso como na verdade ele é.

Paciencia.

Vamos a ver se acalma a irritação de um e a altivez do outro.

Lisboa:

Dezembro: 31.

No Desportar de Coimbra chegado hoje meu, a propósito da palestra do Chaves de Al meida em 19 do corrente, está garotice do se

A fechar

Autênticas.

— Não ouviste a Conferência?!

— Ouvi... Foi a leitura dum relatório da actividade do conferente durante a vida do homenageado.

JOÃO DE COIMBRA.

thaco do Octávio de Sá. Fica aqui o recorte, final da secção semanal intitulada Esquina de Sansão. O marasto diz-se amigo do Charles Almeida. Que faria ele se se dissesse inimigo!

E pronto.

Acabou-se o ano.

— 1949 —

Lisboa:

Janeiro: 1.

Mais outro...

E como que cára que ele outra! Aguaceiros, inundações, desastres — e ainda para completar a lista eleitoral para a presidencia da Republica.

Ha por aí grande animação por causa da proposta do Norton de Matos que, segundo dizem, vem incomodado muito esta gentinha da governação.

E' evidente que não podem ganhar a eleição; mas o que parece certo, pelo impeto com que a campanha eleitoral vai começar, é que chegarêmos áquele ponto que nos ultimos tempos da monarquia o Carnacho (salvo erro) definia pela frase: «As transigencias que degradam ou as violencias q. comprometem.»

O governo, a certa altura, fecha a torneira das concessões e enverada pelas violencias e demonstra assim a mentira em que se vive quanto á apregoada democracia invejada pelas nações estrangeiras.

Vamos a ver.

Este «vamos a ver» é a grande formula... Esperêmos com paciencia, tanto mais que agora o tempo corre depressa.

Lisboa.

Janeiro: 8.

Fui hoje ao Monte de Caparica, fazer uma visita. Levava tambem a intenção de ir ver a casa onde ~~[illegible]~~ morreu Bulhão Pato e onde, anos seguidos, ele viveu em contemplação.

Esperava encontrar uma casa pitoresca, em sitio alto, com largas vistas para o Tejo e para o mar, com o pano de fundo da serra de Sintra, local de onde se disfrutassem poentes multicôres em tardes serênas; esperava ver sombras de arvores, debaixo das quais o poeta, já velho, espraiaria os olhos cançados, nostalgicamente, por todo o cenario circundante, recordando os tempos de fasti-

gio romantico em que, incontestavelmente brilhou.

Afinal, descendo uns 100 metros da estrada, a poente do aglomerado de casas a que se chama o Monte, vi uma casa banalissima, pintada a vermelho, com uma platibanda corrida de balaustres de argamassa, igual a tantas outras edificações dos arredores lisboetas, de construção entre oitenta e cem anos pouco mais ou menos. E vi que essa casa, com frontaria para um largo pequeno onde confluem umas tres estradas, estava perfeitamente numa concha, com horisonte fechado por todos os lados, com muros altos de quintas ao redór, com raras arvores pequenas que não davam a menór ideia duma sombra apetecivel.

Considerei com interesse a casa e o local e perguntei a mim mesmo qual o motivo que levaria o Poeta a preferi-los. Seria casa de familia que aproveitou por motivos de ordem economica? Seria a ideia do conchego, livre das ventanias directas do mar e das nortadas de verão que naquela região costumam soprar com violencia? Fiquei um tanto ou quanto surpreendido pois formára

no meu espírito um quadro bem diferente e, confesso, não sei bem porquê. Possivelmente por ler qualquer coisa a tal respeito eu imaginava outro cenario; e como a designação topografica dava indicações de altitude — eu pensaria em ambiente diverso da realidade.

Em todo o caso, considerando bem, achei que o Poeta teria razão... ~~[illegible]~~ Fugiria ao mundo, desde que a vethice bateu á porta; e naquele silencio do alto, na casa sossegada ao abrigo dos vendavais, meditaria nas transformações do mundo, na evolução que se operava em tudo, talvez, até, com a intenção de fugir a essas mesmas transformações.

Assim, quando quizesse ver alguma coisa alem dos muros das quintas afidalgadas que o cercávam, subiria um bocado p.ª norte e então lá estava, esfraiada, por montes e vales, essa Lisboa «desejada» onde meio seculo antes, ou mais, ele brilhára e se impunha. Seria então o momento de evocar todo esse passado de boemia literária, de prestigio pessoal, das proprias estroinices romanticas — para depois tor

mar a descer a ligeira encosta e refugiar-se na casa baixa, pintada a vermelho, com balaustrada em argamassa a formar platibanda corrida.

Pobre Bulhão Pato! Vimos de mais. A velhice, para tais homens, deve ser uma tortura. As evocações deveriam ser, talvez, dolorosas.

Coimbra.

Janeiro: 18.

De novo na terra e em casa.

Fui hoje conversar com o João Machado acerca do incidente ocorrido no dia 19 de Dezemb.º último, com o Lourenço Chaves Almeida. Hoje há reunião da comissão do centenário e eu queria verificar se nos ele estava.

Ontem fui ao Porto, pelo mesmo motivo, conversar com o Lourenço.

Conclusão: a mesma miséria do barro humano; realmente o Criador não soube afeiçoar o barro e arranjou esta Humanidade triste...

Os dois, ficámos a falar-nos do mesmo modo; mas lá dentro... vê-se que refer-

ve a má vontade. E eu receio que, quando o Machado fizer a sua palestra, o Lourenço não se pague na mesma moeda — o que seria desastre.

Disse-me o Machado que foi procurado pelo ilustre Madaíl que, com pésinhos de lã, queria saber quem foi o da iniciativa da exposição das obras do Gonçalves. O que andará ele a tramar? Quero crer que será ele o inspiradôr de certas tiradas dos artigos do Octaviano; agora anda a sondar o q. ha acerca da exposição.

Enfim!...

Houve hoje nova sessão da comissão. Segue o borrão da acta:

« Aos 18 dias ... etc. na sala das sessões da Associação dos Artistas, pelas 18 h. reuniram-se os vogais da comissão com excepção do sr. dr. Costa Rodrigues que telefonicamente justificou a falta. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. Foi lida a correspond.ª que constava da resposta do Prof.or Joaquim Lopes, do Porto, em que anunciava uma lição do professor dr. Ar-

mando de Matos, na Escola de Belas Artes, acerca de Mestre Gonçalves; telegramas do ten.te coronel reformado José Rodrigues Bruno, de Alcobaça e do dr. Anselmo Ferraz de Carv.º, associando-se ás comemorações; outro telegrama e uma carta do dr. João Couto, associando-se tambem e solicitando do vogal B. B. a sua representação; carta do professor Tomás da Fonseca no mesmo sentido; e um bilhete do dr. Camara Reis comunicando que o critico de arte Alexandre de Gusmão fará um artigo sobre Mestre Gonçalves num dos prox.os numeros da Seára Nova. Como esta sessão foi a primeira depois do inicio das comemorações, todos os vogais se congratularam pelo exito conseguido e esperam que se continue com o mesmo exito. Verificou-se que se fizeram representar: o Instituto de Coimb.ª pelo sr. dr. Costa Lobo; a Casa de Coimbra em Lisboa pelo sr. dr. Costa Rodrigues; o Museu de Soares dos Reis e o seu director, dr. Vasco Valente, pelo sr. dr. Pereira Dias; o conservador do mesmo Museu, Alberto Meira, pelo sr. P.e Nogueira Gonçalves; o capitão e ilustre homem de letras Augusto Casimiro, pelo sr. Al-

varo de Lemos; e dr. João Couto, Tomás da Fonseca e ten.te coronel Brusco, por B.P. — Tambem foi notado pelos presentes a presença na romagem ao cemitério do escultor Costa Mota, Sobrinho, e resolveu-se oficiar-lhe com agradecimentos de toda a comissão. Pelo vogal B.P. foi lembrada a visita q. alguns vogais da comissão fizeram ao sr. Governador Civil em 14 de Dezembro p.p. conforme deliberação tomada na ultima reunião; e resolveu-se que na acta ficasse expressa a satisfação de todos pela maneira como fomos recebidos e pela atenção que mereceu aquela autoridade a comemoração centenaria. O sr. Viana de Lemos comunicou que o director da Escola Industrial de Brotero informára de que o busto de Mestre Gonçalves ia ser fundido em bronze e que, por isso, a sessão projectada poderia demorar ainda algum tempo. — B.P. expoz o que se passou em Lisboa, ha dias, em conversa com o dr. João Couto que se mostrou muito interessado pela conferencia da sr. D. Veva de Lima e pediu que fosse avisado com antecedencia do dia; a este respeito, ficou resolvido que se oficiasse a esta Senhora soli-

citando indicação aproximada da data em que a conferencia poderia ser feita e explicando a falta do sr. dr. Costa Rodrigues por motivo de serviço publico. Em seguida trocaram-se impressões acerca da lapide commemorativa; ficou encarregado o vogal B.P. de procurar saber da sr.ª D. Idalina Gonçalves a casa em que nasceu o Trindade e da Camara quais as deligencias necessarias para se colocar a pedra evocativa; e ficou encarregado, como de justiça, o sr. João Machado de fazer o desenho e de executar a obra. Tratou-se a seguir das conferencias que deverão ser feitas, ficando resolvido solicitar-se das direcções de O Instituto de Coimbra, da Associação Commercial e do Monte-Pio Martins de Carvalho autorização para que nas suas salas se realizassem as ditas conferencias, atendendo a que, na sala da Associação dos Artistas as condições acusticas são pessimas; e ficou ainda resolvido que as conferencias se realizariam conforme autorização daquelas instituições, independentemente da reunião da commissão. E não havendo mais nada para tratar, etc. etc. »

Isto irá até ao fim sem novidade de maior? Não sei porquê, mas tenho o pressentimento de que não.

Ver-se-há.

Coimbra.

Janeiro: 21.

Foi hoje um ofício para o D. Vera de Lima, em nome da comissão do centenário. Custou a escrever como todos os diabos... Este género de literatura é difícil, especialmente quando se trata de uma dama de alto ~~coturno~~ coturno como esta.

No ofício ia até esta frase que não deixa de ter certo fundo de verdade:

«Queremos acreditar que este acto de homenagem ao Professor Gonçalves será um dos que mais brilho e elevada distinção poderão imprimir às comemorações centenárias.»

Foi também hoje outro ofício para o escultor Costa Mota Sobrinho com os agradecimentos da comissão pela sua presença no cemitério, na romagem do dia 19 de Janeiro

tivo último. O agradecim.to era devido por que o escultor ainda doente e as viagens são lhe um tanto ou quanto incómodas.

Coimbra

Janeiro : 24.

Ontem houve no Porto sessão de propaganda eleitoral a que presidiu o Norton de Matos. Mesmo com todas as limitações do janeiro, vê-se que a sessão foi notável. Calcula-se, pela área ocupada que estariam entre 130 a 150 mil pessoas; uma grande tribuna repleta de senhoras; entusiasmo fóra dos habitos, etc. etc. Qualquer coisa que refreasse a ânsia de libertação desta atmosfera em que se vive ha muito.

Encontrei, de manhã, pessoa conhecida que ontem foi de automovel assistir á sessão: negreiro comerciante, sério, sem ambições; foi ao Porto porque sentia necessidade de ver e ouvir.

— Então, preguntei, coisa grandiosa, não é verdade?

— Não calcula!... Aquilo só visto... Automoveis e carrionettes aos milhares; e gente... não se calcula quanta!

E fazendo um gesto largo, concluiu:

— Estava muito mundo!

Eu acrescentei, para dizer alguma coisa:

— Devia ser, realmente, espectaculo imponente...

Ele então procurou uma imagem para comparar; e com um movimento do braço direito, um pouco vago, muito indeciso:

— Olhe, sr. Coronel: aquilo não se descreve!... Aquilo... só Fatima!... Só indo a Fatima!...

Eu ri-me, para querer. Ele confirmou o riso e observou:

— Eu, francamente, nunca fui a Fatima... Mas disseram-me que era coisa parecida...

Realmente a comparação é curiosa e não deixa de ter suas razões: a Fé remove montanhas segundo o Evangelho.

Coimbra:

Janeiro: 26

A D. Vera de Lima respondeu e amavelmente. Aceitou — o que representa triunfo para a comissão. Mandei oficio com agradecimento.

Oficiei á Associação Comercial, ou me lhor á Uniao de Gremios dos Lojistas a pedir que nos cedessem o salão para qualquer conferencia. E mandei outro oficio á Câmara Municipal solicitando autorização para se colocar uma lapide na casa em que morreu Ant.º Aug.to Gonçalves na rua antiga do Correio, hoje de Joaquim António ~~de~~ de Aguiar.

E apara, outro assunto:

Ouviu o ministro da Guerra, o insultoso Manuel Santos Costa recebeu os generais comandantes das Regiões que foram apresentar cumprimentos e afirmar solidariedade perante a agitação politica que lavra no País e que julgam perigosa, etc. etc. O Santos Costa agradeceu, fez comentarios, insultou o Norton de Matos e no final fez um aviso premonitorio. Esse aviso resume-se em ameaça clara: ele, ministro e o exercito, perante a agitação revolucionaria, iriam dar a ultima palavra. E não faltariam a ela.

Muita gente esperava isto: os cumprimentos e o pretexto para a ameaça bem clara. Isto é: o exercito vai pronunciar a ultima pala

vra — o que corresponde a dizer que não autorizará as eleições. Será assim?

Vamos a ver.

Coimbra.

Janeiro: 27.

O Santos Costa teve ontem conferencia com os generais, com a policia, com a Guarda Republicana e Legião.

Deveria ter ficado resolvido o plano de repressão — a tal ultima palavra prometida.

Coimbra.

Janeiro: 29.

Ontem, lá ~~[illegible]~~ disse a minha conferencia Antonio Augusto Gonçalves polemista no salão d'O Instituto, conforme o plano do centenario.

Contra o costume, bastante gente. Presidiu o dr. Anselmo Ferraz de Carvº, porque o dr. João Pereira Dias que representava o Reitor da Universidᵉ não quiz assumir a presidencia que lhe foi solicitada.

Eu notei a vivacidade com que resistia as solicitações; compreendi-o e fui ajuda-lo misericordiosamente... Compreendi que

o homem teve receio do que eu poderia dizer tanto mais que o titulo da palestra era proprio para certa apreensão. Como é cauteloso e sabe harmonizar as coisas, não quiz tomar posição definida. Eu ajudei-o amavelmente e lembrei o dr. Anselmo que, como presidente d'O Instituto, ficaria m.to bem na presidencia da sessão. E para mim a troca foi melhor.

Li, pausadamente, a conferencia; pareceu-me que foi ouvida com atenção e talvez interesse. Em certos passos ouvi discretos apoiados que me pareceram saidos do grupo em que estavam o dr. Pacheco de Amorim e o medico Braga da Cruz, inspector de saude — ambos corifeus do partido catolico local. Vão lá entender este mundo! O velho polemista Gonçalves, a ouvir aplausos dos catolicos militantes!...

Enfim, tudo correu bem. Muitos cumprimentos, no final, por parte dos assistentes e até do dr. Pereira Dias que se desfez em cortesias e amabilidades.

Assistiram muitas senhoras, entre as quais antigas discipulos do Mestre que me cumprimentaram com lagrimas nos olhos.

gostei de ver essa comoção. Na verdade o velho Gonçalves Vinha admiradores e ainda os teve entre gente de boa formação moral.

Coimbra.

Janeiro: 31.

Fui hoje ao Quartel-General receber o soldo. Encontrei o Ant.º Henriques da Silva, chefe do Estado-maior q. me pediu desculpa de não assistir á minha conferencia de ante-ontem. E explicou que estivera com o general a afinar uns transmissores de T.S.F. que não trabalhavam muito bem — e assim passou a noite.

Moralidade: o chefe do Est.º maior e o general é que afinam os transmissores, por causa das duvidas — e para o que dér e vier.

Coimbra

Fevereiro: 8

Carta ao velho amigo dr. José Cardoso, notario em Lisboa. Não tem nada de notavel, apenas traduz estado de espirito:

«. . . A sua carta chegou-me em dia máu para a saude; li-a por alto mas pres-

me assim sensibilizou-me. Depois, li-a atentamente e idêntica impressão me ficou.

«Que quér? Os anos passam e vão pesando; e todas as manifestações de velha e boa amizade comovem, mormente nestes tempos conturbados, cheios de interrogações. Muito obrigado, pois, pela sua carta; foi a única revelação de que pelo «mundo infinito» foi notada a m.ª conferencia acerca do Mestre Dr.º Augusto Gonçalves.

«Seria imenso prazer eu o ver na assistencia em que varios catedraticos, despidas as vaidades do capelo e da borla, se sentáram amavelmente. Mas, com franqueza, seria exagero da sua parte transpôr os 220 quilometros que nos separam para me ouvir, durante 50 minutos, interpretar o espirito polemico do Gonçalves. Brevemente (se houver dinheiro para isso) será impressa a conferencia — e então o meu Am.º, no conforto da sua casa, poderá lê-la com passego e a ilustre Zezinha (a carrinho de mulher) consentir com a natural e feliçosa magnanimid.e das creanças.

«Pois meu caro dr. José Cardoso: mais uma vez obrigado pela sua afectuosa lem-

branca; eu por aqui continúo a trabalhar simplesmente para entreter a vida; já não vejo outro fruto fº a minha actividade intelectual aliás quasi inutil. E outros como este cenário que se admira pelo mundo, quer dentro quer fóra de fronteiras!

« Os meus respeitos, etc. etc. »

Coimbra.

Fevereiro: 9.

Varias pessoas me teem abordado com as desculpas annuaes por não assistirem á minha conferencia acerca de Ant.º Augusto Gonçalves. Por exemplo: o dr. Torcato de Sousa Soares, o poeta Campos de Figueiredo, a Dona Virginia Gersão, o dr. Joaquim de Carvalho, o Passos, creio que mujor na reserva, e não me lembro mais quem.

Acho curioso o facto porque uns alegam incómodo de saude, outros ignorancia do dia e hora, outros falta de convite... Quando afinal, o mais natural é' não terem ido porque não estimaram para isso — e estavam dentro do seu direito.

A que vêem as desculpas?

Coimbra

Fevereiro: 13

Eleições! Lá vai hoje ser eleito pela 4ª vez o ilustre marechal Carmona. Mais outro plebiscito...

Nunca imaginei assistir a estas coisas maravilhosas!

Enfim. Adeante.

Ontem recebi, mandado amavelmente pela União Nacional uma lista com o nome do Carmona; também recebi, trazida por um soldado armado e com capacete de ferro, um aviso curioso do Quartel-General que fica arquivado, para memoria destes tempos.[1] Ao ver o soldado ao portão, armado e equipado, imaginei que o Quartel-General daria ao meus ordens para o voto; espantei-me, realmente. Não houve ordem, no sentido claro da palavra, houve apenas uma lembrança que na verdade não foi mais que um aviso.

Fica arquivado e vamos adeante.

Se fosse a fazer comentarios gastava tinta e espaço nestes cadernos inutilmente. Vamos, pois, adeante.

---

[1] No final do vol.º a pag. 360.

Coimbra:

Fevereiro: 14

Sempre vou comentar... Não resisto á tentação. Tem de ser...

Ontem, o Governo lá venceu mais uma batalha. Na verd.e, a batalha foi muito bem dirigida; não andasse por detraz da cortina a Companhia de Jesus!

De começo, parece que apanháram um susto; mas depois, os erros dos adversários deram-lhe a facil vitória.

Mas a lição que eu tiro, mais uma vêz, é de que o português, mesmo debaixo de perigo, não é capaz de se não sentir senhor de verdades proprias. Refiro-me, especialmente, á oposição.

A impressão de desalento que tudo isto me deu! Uns, oposicionistas declarados, não escondiam a aversão ao Norton de Matos; outros faziam côro com a Situação a respeito do comunismo; outros, até, regosijávam-se com os erros da campanha oposicionista e declarávam alto e bom som que já tinham previsto o mau resultado.

E quantos oposicionistas não foram votar no Carmona por simples discordancia

com certas atitudes da Oposição! E muitos oficiais que não podem ver a actual situação, lá foram votar no Carmona alegando que o aviso do Quartel-General a que me referi ontem, era uma ordem... O Armando Macedo, por ex.º, seguiu esse criterio.

Que coisa horrivel que foram estes ultimos dias! O que eu ouvi a muitos descontentes da situação vigente! Realmente os portugueses só são governaveis a cacête... Todo o esforço de libertação dá em desordem de espiritos; e estes, que se mantêem possessos enquanto dura a opressão, logo que ha qualquer vislumbre de Liberd.e tomam folego e puxam logo cada um para seu lado.

Que tristeza!

E assim o Governo proclama e com certa razão que a vitória de ontem foi mais um plebiscito do que eleição.

Oitenta e tantos por cento de eleitores, dizem as gazetas e o Ferro proclama pela Emissora Nacional. E' claro que não compareceram esses 80 e tal % de votantes, mas que m.ta gente foi ás urnas, disso estou convencido. As coisas, infelizmente, são o q. são e não o que se quér.

1650

E depois, a carta do Tomás da Fonseca fez levantar a reacção clerical que tocou a rebate com violencia e o rebate, na verdade, fez-se ouvir. O Tomás, com a sua leviandade do costume, fez despertar uma força q. estava mais ou menos quiéta, talvez á espéra dum pretexto para levantar cabeça. O resultado, viu-se.

Não foi, verdadeiramente, a consciencia religiosa que ele ofendeu na 2ª carta; o que ele ofendeu foi a hipocrisia religiosa — e esta é que é de temer. E de facto o levantamento foi formidavel. Mobilisou-se toda a hipocrisia e esta acudiu de pronto como é natural.

Em todo o caso, tive a impressão de que a apregoada vitoria não os encheu de vento; os homens teriam a consciencia do momento — e este não é para foguetorio. A Situação actual ficou ferida e, julgo eu, bem ferida; só o Comunismo é que lhes dá ensejo p.ª falarem grosso e explorar mais do que deviam explorar.

Quero crer que o País não tem comunistas que cheguem para golpe de mão a valer; é o que oiço dizer, valha a verdade — mas

servem muito bem para a consolidação das posições desta gentinha que nos manda. Toda a gente tem mêdo (e com razão) dessas doutrinas novas e com esse mêdo se explora. Já se diz até, por aí, que uma celebre emissora de Moscovo que diariamente nos dá noticias (que eu, aliás, nunca consegui ouvir) é manobra da policia para assustar os medrosos, os que teem q. perder.

E' possivel. Com a Companhia de Jesus no poder, não me admiro de nada.

Coimbra.

Fevereiro: 16.

Continua a discussão acerca das eleições. Ha quem pregunte:

— Que me diz a esta porcaria toda?

Realmente, tudo isto foi porcaria... Quero crer, até, que os comunistas de representação embrulháram tudo com a boa mascara da Democracia.

Estarêmos, então, condenados aos dois estremos? Então a quadra actual já não dá senão para estas duas especies de ditaduras? Estamos condenados somente a Salazar ou a Estaline?

Para que andam, lá por fóra, a esfalfarem-se em definir e defender os Direitos do Homem? Para que houve tanto bom esforço e tanta boa vontade sentimental?

Polera geração a minha!

Ou Salazar ou Estaline...

Que miseria!

Coimbra.

Fevereiro: 19.

Hoje, nova sessão do centenario de António Augusto Gonçalves:

«Aos desanove dias do mês de Fever.ro etc. pelas 18 horas, reuniram-se em casa do vogal B. P. os outros vogais: Alvaro Vieira de Leiros, dr. A. da Costa Rodrigues, P.e Ant.o Nogueira Gonçalves, dr. G. da Costa Lobo e Laureano Chaves Almeida. Lida e aprovada a acta da sessão anterior, foi lida a correspondencia que constava duma carta de Exm.a D. Vera de Lima em resposta ao ofício enviado por esta comissão em 21 de Janeiro na qual agradece o convite e aceita a solicitação para uma conferencia em Lisboa; dum ofício da União de Grémios dos Lojis

tão, informando de que cede o salão associativo para qualquer conferencia; de carta do dr. João Couto, dando conhecim.to de que continúa com a pr.a D. Vera de Lima a data da conferencia no Museu de Arte Antiga; e de um oficio do Presid.te da Camara autorizando a colocação da lapide commemorativa na casa onde morreu o Professor Gonçalves. A respeito da lapide, o vogal B.P. informou de que em virtude de, no requerimento á Camara, haver necessid.e de dizer quais as palavras que se lhe gravariam, combinou com o sr. P.e Nogueira Gonçalves que a inscrição ficasse assim: «Nesta casa morou «e faleceu Antonio Augusto Gonçalves. — «(1848-1932). Professor. Historiador de Arte. «Animador das Artes em Coimbra. Defen«sor da sua terra e seus monumentos.» Propôs-se a seguir impressões acerca das commemorações feitas desde a ultima reunião: conferencia do vogal B.P. em 28 de Janeiro passado na sala d'O Instituto; lição acerca da restauração da Sé Velha, no grande Templo, pelo sr. P.e Nogueira Gonçalves no dia 6 do corrente; e visita dos jornalistas á exposição de trabalhos do Mestre em 11 deste

mês, na qual o sr. B.e Nogueira Gonçalves prelecionou acerca da obra artística exposta. Notou-se que todos estes actos comemorativos despertaram certo interesse e que a Imprensa teve correspond.e tanto quanto possível aos nossos desejos de propaganda. Tratou-se, depois, das prox.as sessões da Escola Industrial de Brotero e da Câmara, ficando resolvido que o vogal B. B. procure o director da Escola Brotero para saber a data possível da sessão e procurar o Presid.te da Câmara não só para combinar a sessão pública de encerramento como também para agradecer toda a sua boa vontade e colaboração. Ficou ainda resolvido que a inauguração da lapide fosse, sendo possível, no dia do encerramento das comemorações. E não havendo mais nada que tratar, encerrou-se a sessão, etc. etc.»

A acta refere-se, acima, á Imprensa e á sua boa vontade. A frase é protocolar, apenas. Para a visita á exposição de trabalhos, em 11 deste mês, fiz eu 19 convites; pois apenas compareceram 3 dos convidados... Era este o interesse.

Se os tivesse convidado para uma jan-
tarada, quero crer que não faltaria nenhum.
Pela certa.

Coimbra.

Fevereiro: 23

Hoje, no Quartel-General disseram-me
que o Chefe do Est.-maior, Ant.º Henriques da
Silva e o sub-chefe cujo nome ignoro, quise-
ram dar ordem aos oficiais da Reserva e dos
reformados para irem votar nas últimas elei-
ções. Houve discussão sobre o caso, pois al-
guns oficiais lembraram discretamente que
a tal respeito se não podiam dar ordens.

Depois de dizer tu, direi eu, mandaram
imprimir o papelinho-aviso a que me refe-
ri já e que deixo arquivado, única manifes-
tação do grosso-quero-e-mando... Os refor-
mados foram excluídos.

Mas (informaram-me ainda) por cau-
sa das dúvidas, fizeram-se relações, por as
assembleias eleitorais, dos oficiais avisados e
com essas relações mandaram verificar a
comparencia ao acto. O resultado da verifi-
cação é que se ignora.

Se eu lá fui dado em falta...

Lisboa.

Março: 2

Vim a Lisboa para assistir à proxima conferencia da D. Vera de Lima e afinal caí na cama com uma «grippe» intestinal ou grifosa como diz o medico. Não assistirei, pois, á palestra, no Museu de Arte Antiga — o que me arrelia muito.

Lisboa.

Março: 6

Estou ainda na cama. Não fui á conferencia da D. Vera que esta intitulou, talvez pretenciosamente, Analise qualitativa dum Artista.

As pessoas que assistiram e me vieram contar, são unânimes em afirmar que a sessão foi, na verdade, um exito. A assistencia selecta; toda a chamada «alta sociedade» de Lisboa, desde o marquês de Belas, ignorante como burro embora boa pessoa; desde os condes de Mendia, financeiros de estirpe judaica; até aos figurões situacionistas como Gustavo Cordeiro Ramos e ao professorado universitario como Rafaes de Magalhães. Por estes exemplares da raça

humana, conclue-se qual seria o ambiente da sala, repleta, a grande de haver dezenas de pessoas em pé.

A conferente teceu o louvor do Gonçalves de modo elegante, em prosa preciosa, lida com dicção perfeita, salientando os passos de maior valor, acentuando o que havia de mais característico nas relações entre ela e o Mestre; enfim, fez um retrato, e não uma analise, tanto quanto possivel aproximado quer física quer psicologicamente. Pelos testemunhos, o retrato interessou o auditorio que, quasi em 97%, o não conhecia. De modo que se chega a esta conclusão paradoxal: o rijo e austero democrata, intransigentemente anti-clerical, inimigo de preconceitos tradicionais quase genealogicos, foi apresentado com sinceridade por uma representante da sociedade que o não tolerava e imposto em ambiente que o recebeu com curiosa aquiescencia e que saiu com indulgente simpatia.

A sessão foi, no ment.º, para nós, os do centenario, um autentico triunfo e se quizermos lançar espirito sobre o caso, quasi se póde dizer que para a fidalguia que

1653 v.

enchia a sala, foi uma comedela... A comissão do centenario teve, pois, um dia de triunfo; e mal sabem os outros vogais que eu sempre acalentei este resultado desde q. se falou na D. Veva.

Ainda bem!

Mestre Gonçalves foi exposto perante auditorio muito especial (que ele tosaria com brio) como realmente foi em vida: um Principe das Artes, um Mago das Artes, um Gentilhomem com frases da Revolução Francesa, um homem serio com rizo das gargulas da adorada Sé Velha... Etc. etc.

D. Veva de Lima serviu-se de todas estas imagens preciosas, com dicção perfeita e serena; e assim deixaria, no espirito da grande maioria do auditorio, a impressão de um homem superior, vagamente perdido nas margens do Mondego, como encantado na paisagem de sonho, homem cuja superioridade se não compreenderia muito bem mas que deveria ser real — desde que uma creatura de tal classe social e de tal estirpe intelectual assim afirmava com tão evidente sinceridade e tão espectaculosa maneira.

Bom António Augusto Gonçalves! A conferencia da D. Vera de Lima foi uma curiosa vingança para tantas parvoíces recebidas.

Estamos, pois, na altura de recebermos parabens.

Lisboa.

Março: 10.

O Joaquim Lopes, director da Escola de Belas Artes do Porto, escreveu-me. Diz-me que quer prestar homenagem ao Gonçalves numa das paginas literarias das 1.as feiras do Primeiro de Janeiro. Pede-me certas indicações biograficas e datas.

Será efeito da conferencia da D. Vera de Lima?

Lisboa.

Março: 12.

Leio os jornais atrasados de Coimbra q. a grifosa me impediu de ler. Nenhum se refere á conferencia da D. Vera...

Não estava eu lá para lhes dar a noticia já feita e o resultado foi este: o silencio completo!

Aquela Imprensa, aquela artetharia do espirito conforme disse Rivarol!... Foi pêna este escritor não conhecer os jornalistas de Coimbra. Talvêz modificasse a frase celebre.

Lisboa.

Março: 14.

Hoje, em conversa, á mesa familiar, o Cristovão Lima, como se aludisse a certo medico, rico, que não simpatisa com o Estado Novo, teve este comentario ao mesmo tempo interrogação:

— Mas que diabo quer ele mais? Tem um governo que lhe garante a ordem e a propriedade e ainda se queixa?

Eu, como costumo, não fiz qualquer observação. Talvez por isso ele insistiu brandamente:

— Realmente o dr. F... é rico, bastante rico; ninguem lhe cerceia a fortuna e o impede de andar nas ruas sossegado. Que diabo quer ele mais?

Eu continuei mudo — e pensando de mim para mim que estas gerações novas teem visão muito curta do mundo.

Como sairêmos nós de todas estas provações? Já não conto ver coisa boa. Já vou adeantado em anos para q. possa ver final bom a isto tudo.

Paciencia.

Lisboa:

Março: 16

Ontem, o Pires Monteiro reuniu numa casa de chá, na Baixa, um grupo de amigos em m.ª honra. Porquê?

Convocou o general Teixeira Botelho e os coroneis Vitorino Guimarães, Vitorino Godinho e Ferreira Lima. Este e o general faltaram por doença; em compensação apareceu o Costa Veiga, o Veiga das curvas que acidentalmente ia tomar o seu chá pacato e foi arrebanhado p.ª junto de nós.

Este Pires Monteiro tem, para comigo, atenções que não estão em proporção com o que valho ou possa valer-lhe. Que diabo sou eu p.ª que ele me rodeie, assim, de tanta atenção? Sou amigo leal, tenho com ele delicadezas, acompanhei-o sempre nas iniciativas na Revista Militar, dando-lhe as m.as opiniões e os meus conselhos; mas...

co'os Diabos! isto não me parece suficiente para que ele me cerque de atenções como me cerca.

E afinal, que sou eu ou que posso vir a ser para que valha a pena o Pires Monteiro lisonjear-me — admitindo esta hipotese que não creio m.to admissivel?

O certo é, porem, que a reunião foi alegre e curiosa. Passou-se o tempo discretamente, entre as frases pausadas, quasi catedraticas do Vitorino Guimarães, entre as tiradas eruditas (ou pseudo-eruditas) do Veiga das curvas, até aos apartes de espirito do Vitorino Godinho sempre pronto para surpreender o ponto ridiculo da conversa ou das situações. Verificou-se que se reuniram uns velhotes que orçavam pelos 68 a 72 anos, uns mais bem conservados do que outros: o Veiga, duro de ouvido como foi sempre de inteligencia; o Pires Monteiro que vai pelo mesmo caminho a respeito de audição; o Guimarães, com a bronquite de fumador atiçada; e eu com as m.as queixas constantes de má disposição... Só o Godinho mantinha certa frescura de aspecto, apesar da quasi com

pleta calvicie, mas sempre aprumado e de olhar vivo.

Enfim, um mostruario de ruinas ainda mais ou menos em pé — á espera do safanão final.

Mas, repito: que motivos teria o Pires Monteiro para esta pequena e graciosa homenagem? Como lhe agradecer?

1658

Lisboa.

Março, 25.

Ha por aqui muita gente que colecciona capicuas supersticiosamente. Eu, na verdade, sem querer ser supersticioso, costumo olhar sempre para o numero dos bilhetes do electricos... E tambem é verdade que muitas vêzes encaváco por ver faltar uma ou duas unidades para completar a capicua. E encontro-me a pensar com os meus botões:

— Que diabo! Nem nas capicuas tenho sorte!

Resignava-me, porem, como todo o sebastianista que espera a manhã de nevoeiro.

Hoje, na ocasião em que um raio de sol espreitava por entre nuvens pesadas, surgiu-me uma capicúa — não sei bem se a primeira, ou possivelmente a segunda que me aparece.

Pois aqui fica colada para lembrança... Dia notavel, pois, o dia 25 de Março — que o calendario diz ser o da Anunciação.

Ainda bem.

Coimbra.

Março: 30

De volta a casa. Convoquei para hoje reunião da comissão do centenario. Somos agora oito. Apareceram tres...

Limitamos-nos a conversa. Não havia o que em giria parlamentar se chama quorum. E eu que levava uma carta de agradecimento para a D. Veva de Lima!

A carta consta da seguinte serie de amabilidades:

«... A comissão de amigos de Ant.º Aug.to Gonçalves que promove a celebração do 1º centenario do seu nascimento, reuniu hoje pela prim.ª vez depois da brilhante e distin

ta conferencia feita por V... no Museu de Arte Antiga no passado dia 5. — Não só pelas notícias dos jornais e informações particulares, mas também (e especialmente) pela exposição feita pelo sr. dr. Costa Lobo que propositadamente foi a Lisboa para nos representar, esta comissão verificou que a conferencia com q. V... honrou as comemorações, foi até apara a mais notável manifestação feita á memoria do saudoso Professôr coimbricense quer pela distinção do acto em si quer pela perfeita forma literária que V... deu ao trabalho lido. — Esta comissão confessa-se m.to e m.to grata e de tal forma que, verdadeiram.te, não tem palavras com que agradecer. — Limitamos-nos, minha Senhora, a beijar-lhe as mãos com o reconhecimento de quem se sente altamente devedôr. — E creia V... que nos assinâmos, etc.»

Prosa sempre difícil, esta, dada a qualidade da destinatária e a razão do agradecimento. Mas, vá lá! a prosa poderia ser m.to fraca e se eu a não fizesse os outros é que a não fariam.

Coimbra

Abril: 6.

Reunião da comissão do centenario. É deste ver, vamos lá! comparecerão seis vogais — tres quartas partes do efectivo.

Segue a acta:

« Aos 6 dias do mês de Abril, etc. na sala das sessões da Associação dos Artistas, pelas 18 h. reuniram-se os vogais: Alvaro V. de Lemos, dr. Costa Rodrigues, B. B., dr. Costa Lobo, João Machado e Lourenço Chaves Almeida. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. Lida a correspondencia que consta de carta do Professor Joaquim Lopes, do Porto, anunciando um artigo de homenagem a mestre Gonçalves na pagina Artes & Letras do Primeiro de Janeiro, artigo que na verd. saiu no nº de 30 do mês passado; foi resolvido agradecer. O sr. dr. Costa Lobo deu conta da sua missão a Lisboa por ocasião da conferencia da srª D. Genoveva de Lima, no Museu de Arte Antiga; como o vogal estava por doença impossibilitado de comparecer foi o unico representante da comissão e como tal apresentou em nome de todos, os

cumprimentos e agradecimentos á ilustre conferencista. Ouvido á conferencia, informou de que constituiu, possivelmente até hoje, o mais brilhante e distinto acto commemorativo; não só a perfeita forma litteraria do trabalho como tambem o carinhoso e impressionante retrato do Mestre e a impecavel dicção com q. foi lido, junto tudo isto ao ambiente de elegante distincção da assistencia que enchia a sala do museu — levam a concluir que, na realidade a conferencia da snr.ª D. Genoveva de Lima foi notavel manifestação de homenagem á memoria do Mestre Gonçalves e tão notavel que esta comissão não terá palavras com q. agradecer á distinctissima Senhora. Trocadas impressões acerca do assunto, todos os vogais foram concordes em considerar o acto commemorativo de 5 de Março ultimo, como a melhor manifestação feita até hoje e resolveram unanimemente agradecer em officio á ilustre conferencista affirmando que o valor e o exito da conferencia são superiores a todas as palavras de agradecimento que lhe poderiamos dirigir. Igualmente se resolveu tornar extensivos os agradecimentos ao vogal Lourenço Chaves Almeida pela decisiva

intervenção que tornou possível a realização da notável conferencia. — A comissão resolveu também dirigir um agradecim.to ao pr. dr. Anselmo Ferraz de Carv.o pela cedencia da sala d'O Instituto para a conferencia do regal B.B. e pela sua comparencia á mesma, que muito honrou todos os vogais. — O regal B.B. deu conta da conversa que teve em Lisboa com o dr. José Couto que igualmente se mostrou extremamente satisfeito com o exito da conferencia que, na sua opinião, foi na verdade notavel. O mesmo vogal referiu-se a uma conversa que teve com o dr. João Gaspar Simões que o informou de que sua Esposa, a snr.a D. Mécia Gonçalves Simões poderia escrever uma serie de recordações de seu Pai, recordações relativas a pequenos factos da sua vida que poderiam constituir valiosos elementos para uma futura biografia; o mesmo vogal, embora sem autorização da comissão não só louvou a ideia como aceitou a sugestão e rogou ao dr. Gaspar Simões o favor de não esquecer a promessa. — Trocaram-se impressões acerca dos actos comemorativos finais que estão pendentes da

fundição do busto de Mestre Gonçalves; o re-
gal B. B. ficou encarregado de saber do dire-
tor da Escola Industrial de Brotéro a data fa-
vorável da sessão para se poder combinar com
o Presid.te da Câmara a sessão solene de encer-
ramento. — E não havendo mais nada para
tratar, etc.»

1661

Coimbra.

Abril: 8.

Carta para o dr. Manuel Monteiro, de
Braga:

«.... Ao regressar de Lisboa onde fui
ver um Templo, encontrei o opúsculo «O
Românico Português» com que V... me quiz
honrar. Muito e muito grato a V... pela
atenção e pela lição dada — pois mais uma
vêz V... se afirma o velho mestre em crítí-
ca e História de Arte.

«Nunca me esqueço de uma ou outra
conversa a que assisti entre V... ainda es-
tudante de Direito e meu tio Albino da Silva
sobre assuntos de Arte nos quais V... se não
mostrava simplesmente hospede. Ha quasi
meio século!

«Estas recordações aumentam o meu reconhecimento; e creia V... que me assino, com toda a consid.ção etc.»

Gois
Abril: 21.

Mais um casamento, nesta recatada e pacata vila de Gois.

O novo superintendente pelo Lusitano Sup.or Tecnico José Alberto de Paula Saraiva Baeta da Veiga casou ontem com a filha, muito romantica, do meu antigo alferes e hoje major Carlos Varela, de Leiria.

Festa rija, com certo luxo e farta, fartissima, mesa.

Dois dias bem passados, neste ambiente beirão, recatado, com ecos de certa grandeza e severidade.

Boa gente, esta familia Saraiva-Baeta. Muito boa gente.

Neste solar dos Paulas Nogueiras, estamos como em nossa casa. Ainda ha, no mundo, destes oasis de conforto e de amizade. E ainda bem que os ha!

E que contraste com o q. vai para alem destes montes que nos cercam!

O passêgo, a tranquilid.e destes vales e a barafunda que vai por aí além!

Como dá tentações de aqui ficar escondido, ignorado, á espera... do Nada!

Coimbra.

Abril: 22.

Hoje houve, em Coimbra, reunião do 16º Congresso Internacional de Historia da Arte. Dizem que vieram 300 congressistas.

Fui assistir, como curiosa, á inauguração da exposição de estatuaria medieval e quiz ver como o bispo era recebido — pois foi o bispo quem cortou a fita simbolica...

Parece que, em Coimbra, não havia Governador-civil ou Reitor da Universidade. Só o bispo era capaz de guardejar a tesoura...

Quando cheguei ao pátio do Museu, era cêdo, ainda os congressistas mastigavam o almoço frio que lhes fôra oferecido com certa abundancia — aquela velha abundancia de fidalgo arruinado.

No meio do vai-vem da assistencia encontrei o velho am.º João Couto. Rapida troca de impressões; e notei que além

do ar triste que ele sempre tem, vi-lhe o aspecto cansado e de aborrecido.

— Que tal tem corrido isto?

— Não tem corrido mal... Mas os filhos têm-nos dado muito desgostozinhos.

— E' boa!... Os estrangeiros, naturalmente?

— Pois é claro. Isto é uma trapalhada, meu caro Snr.°...

Eu ainda quiz esclarecer:

— Naturalmente vieram a Portugal como quem vai ás colonias...

— Pouco mais ou menos. Isto é uma trapalhada...

Tentei esclarecer mais, mas o Reinaldo dos Santos chamou-o e eu fiquei a julgar que foi sempre e ha-de ser sempre a mesma coisa: somos um povo á parte, recluido ao canto da Europa, povo que se visita como o cidadão das grandes cidades vai visitar a aldeia que lhe parece curiosa ou pitoresca.

Será assim?

No entretanto, fui puxado para a varanda; queria ver, de palanque, a entrada do feixo que apareceu, dai a pouco,

frontalmente. E então vi o Reinaldo dos Santos correr gressuroso com o Reitor, dr. Maximino Correia, o Governador Civil, o dr. Pereira Dias et alliis. Lá de cima vi bem q: todos ajoelháram e beijáram o anel que o homem não recusou; e notei que ele entrou no pátio com ar soberano, embora a multidão de congressistas (estrangeiros na maioria) se não aproximasse e ficasse apenas a olhar, com a natural curiosid.. Apenas um professôr francês, presidente do Congresso, bonita figura de velho, com barbas brancas extremamente cuidadas e modos distintos, se aproximou e lhe foi apresentado; e eu notei com satisfação íntima que se limitou a dar um aperto de mão afável, como de velho conhecido e começou a falar com tal desembaraço que me pareceu ver no tempo certo qual estar.

E depois de visitarem a exposição de estatuária e saírem novamente ao pátio, o professor francês já vinha tão tu-cá, tu-lá, com o tempo-coube que me pareceu contar qualquer anedota engraçada e no final lhe deu um toque familiar no ombro, acompanhado de gargalhada sonora.

UNIVERSIDADE LIVRARIA

Para os circunstantes, isto seria uma irreverencia, especialmente para os nossos hospedes organizadores do Congresso. Mas o contraste é que foi frisante: os nossos ajoelharam; o francês deu-lhe palmadinha brejeira... Diferenças de mentalidade; diferença entre homens livre e escravo voluntário.

Depois, dei uma volta ás exposições.

O Museu sofreu completa remodelação. O que está, está na verdade bem arranjado, mas como qualquer museu de qualquer parte do mundo. É a uniformidade a imperar, não sei se bem se mal.

O Museu de Arte Industrial de António Augusto Gonçalves, o museu tão característico e tão pitoresco, que dava nas vistas aos estrangeiros que sabiam ver — esse... desapareceu. Segundo agora se diz, cumpriram-se as regras da moderna museologia...

E as m.as considerações foram para a coincidencia de, no momento em que celebrámos o centenario desse homem singular que fundou o Museu Mach.o de Castro, desaparecer uma das suas mais fortes obras de organizador e de artista.

Coincidencias lamentaveis acerca das quais, no caminho p.ª casa, eu matutei com bastante tristeza. E não é só a tal moderna museologia que impõe a uniformidade; é tambem a furia reaccionaria que quer destruir a obra do Gonçalves. As duas razões fizeram a transformação.

E pronto.

Coimbra.

Abril: 23.

Hoje, apanhei o Madaíl de bom humor porque lhe falei em nova especie bibliografica de Antonio Aug.to Gonçalves. Conversando, depois, ácerca do Congresso de Historia da Arte, ele desabafou...

E desabafou a valer, como quem se sente ferido em qualquer parte do corpo e picado no orgulho. E o desabafo caiu principalm.te sobre o dr. Reinaldo dos Santos que disse querer açambarcar toda a gloria do Congresso e ser o autor de tudo quanto se tem escrito de bom acerca da Arte em Portugal. Contou que os estrangeiros, por dá cá aquela palha, largávam invariavelmente as frases bordões seguintes:

— Como disse mr. Reinaldô... Como fez mr. Reinaldô... Como muito bem observou mr. Reinaldô...

Aqui deve andar, possivelmente, o desfeito do Reis dos Reis Santos contra o Reinaldo, transmitido ao Madaíl. O Reis Santos é homem desté calibre, é o candidato do dito Madaíl á direcção do Museu de Machado de Castro; e é muito natural que o dr. Reinaldo dos Santos não tivesse ao Madaíl a importancia que esté quer que lhe tivessem.

Tudo isto é possivel. E aqui fica apenas para concluir que em Portugal os problemas da Arte estão sujeitos ás arrizadas ou aos odios pessoais.

Já o Vergilio Correia sofria desse mal.

Todos, no fim de contas. Raras são as excepções.

Coimbra.

Abril: 25.

Deixo aqui por curiosid.e cópia da carta que dirigi ao dr. Alberto Bauté da Veiga, com agradecimentos e consolações. Depois de a escrever pareceu-me q. fizera um modelo de epistóla — p.a uso das autópias...

«.... Que lhe hei-de eu dizer depois dos dias passados em Góis, rodeado de atenções e consideração excessivas? Agradecimentos? Palavras conhecidas que facilm.te se encadeiam dentro das formulas de cortesia? O meu excelente Amigo e a familia Paula Nogueira mantêem ainda (e felizmente) a velha e boa tradição de hospitalidade que se exerce com tão intima e despreocupada sinceridade que exclue qualquer ideia de reconhecimento.

«Não quero, pois, magoa-los e só quero fazer-lhes saber quanta satisfação tivémos com essas derradeiras horas da festa e dar-lhes a certeza de que os nossos votos são pelas felicidades dos filhos e pela boa saude e longa vida de todos.

«E' certo que festas assim [1] não são de completa alegria porque implicam separação embora voluntaria ou consentida; mas, meu caro dr. Baeta: assim como na Natureza ha constantes compensações, assim nestes casos, o que se perde em filhos ganha-se sempre em netos; e quando se ganham ne-

---

[1] Ver atraz pag. 98.

tos como essa galante Maria Emilia — creio que não ha razão de queixa nem motivo para maldizer da sorte.

« Pois que venham mais netos ou netas desse valor, para alegria da familia e para se não perderem as tradições de bondade e de amizade que são apanagio de todas V. Ecc.as

« Desejâmos as melhores noticias dos "fugitivos" e pedimos os mais sinceros e amigos cumprimentos, etc. »

Está um modelo ou não está?

Coimbra.

Abril: 27.

Apanhei hoje um exemplar d'A Comarca de Arganil, de ontem, no qual vem a noticia do casamento do engenheiro José Baeta da Veiga e uma Nota interessante relativa ao mesmo casamento.

Por curiosidade ficam arquivadas no final do volume.[1] Por curiosidade e p.a lembrança.

---

[1] A pag. 361.

Coimbra

Abril: 29.

Preparei hoje que, ha 50 anos, saiu a publico a minha primeira producção impressa... Vou jubilar, nem mais nem menos.

E não ha por aí uma Academia, uma instituição cultural ou qualquer sociedade recreativa que se lembre de promover uma festa jubilar, uma homenagem?

O que é a Ingratidão e o que é a Injustiça!

Fica porem aqui consignado o meu protesto para a Historia... Não ha em Portugal quem se lembre de que, aos 29 de Abril de 1899 quando em Coimbra se celebrava com estrondo e alegria o Centenario da Rebelda, saiu na Gazeta da Figueira outro dirigida pelo bom e velho Augusto Veiga, um soneto intitulado Narciso e assinado pelo nome um tanto ou quanto arrevesado de Bernardino Prado.

Pois esse soneto era meu!... Sim senhores: escrevi-o com um pseudónimo cujas iniciais eram as do meu nome oficial, por motivo da m.ª extrema, incomensuravel modestia...

Cincoenta anos!

Meio seculo bem contado...

E ninguem se lembra desta data festiva! A Ingratidão da Patria! a Injustiça dos Homens!...

E ponto final.

Coimbra:

Abril: 30.

Carta que mandei ao Luis Alberto de Oliveira: não necessita de prefacio ou explicação:

«... Vais admirar-te, ao receber o correio, de reconheceres a m.ª letra no sobrescrito. Mas tem de ser...

«Ha cinquenta anos, no dia de hoje, andámos nós, vestidos de campinos ribatejanos, montados em rocinantes esquisitos, pelas ruas de Coimbra, á frente do cortejo alegorico do centenario da Santa Sebenta.

«Ha cinquenta anos!...

«Lembras-te, de certo, desses dias de alegria sincera, bem longe ainda de tantos dias tristes por que teriamos que passar. Cinquenta anos!... E já lá vão dois dos

companheiros desse «dia extraordinario», dois bons companheiros caídos ha muito na luta da vida.

«E' triste, talvez, lembrar alegrias passadas; mas hoje, de manhã, ao tomar o meu chá com torradas e ao ver o sol alegre entrar-me pela janela, como a despertar recordações, evoquei sem querer essa epoca e lembrei-me de ti, unico companheiro dessa aventura — e aqui estou a desabafar tristezas.

«Meu caro Luis Alberto: um grande abraço de velho companh.º de esturdia, companh.º de gargalhadas sem tom nem som ao passar em frente de certa casa na Avenida; companheiro de ... Adeante. Respeitemos os cabelos brancos e as rugas impenitentes!...

«Outro grande abraço com votos por longa vida com a melhor saude; e manda o que é, como sempre, etc.»

Unica reacção perante a passagem do 50.º anniversario do notavel acontecimento academico. Os jornais dizem alguma coisa. O Diario de Coimbra tem publicado artigos

curiosos, mais ou menos ensinados pelo Alvaro V.ª de Lemos, Luis José da Mota, Julio Fonseca e não sei mais quem. Não me bateram á porta e foi melhor. Recordei em silencio a alegria desses «extraordinarios» dias e não deixei de sentir os olhos arrazados com lagrimas.

Fraquezas.

Mas ha coisas piores do que estas manifestações de senilidade.

Foram, realmente, uns dias bons, alegres, despreocupados. Quando escrever (se escrever...) as m.as memorias a serio, talvez conte episodios desconhecidos desse tempo.

Coimbra.

Maio: 14.

Aqui fica a copia dum postal para o Alvaro Viana de Lemos, a respeito do mesmo assunto da nota anterior:

«... Li com o maior prazer o teu depoimento acerca do Centenario da Sebenta; li-o com prazer e confesso que com alguma comoção. Fraquezas de velho... Apre

ciei os teus comentarios tão judiciosos como ironicos, especialmente os do final de hoje que valem um poema.[1] Mando-te um abraço neste simples postal; e neste abraço vai a evocação desses dias alegres nos quais, nem por sombras, pensávamos no que poderia acontecer durante estes cinquenta anos passados aos trambuthões. Até muito bréve. Um novo abraço, etc. »

Coimbra

Maio: 17.

Hoje, nova reunião da comissão do centenario de A. A. Gonçalves. Segue a acta:

« Aos 17 dias ... etc. na sala das sessões da Associação dos Artistas, pelas 18 h. reuniram-se os vogais Alvaro V. de Lemos, dr. Antonio da Costa Rodrigues, P.e Antonio Nogueira Gonçalves, B. P., dr. Gumersindo da Costa Lobo e Lourenço Chaves Almeida. Justificou, pessoalmente, a falta o sr. João Ma-

---

[1] Serie de artigos publicados no Diario de Coimbra. A referencia acima é ao do nº 6125 de 14-Maio em que propõe a substituição do S da sebenta por C p.a ficar Cebenta, de cibus, alimento.

chado. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. Lida uma carta da Senhora Dona Genoveva de Lima que agradece o nosso ofício colectivo. Procuraram-se impressões acerca da demora que a inauguração, na Escola Industrial Brotéro, do busto de Mestre Gonçalves, está causando ao encerramento das comemorações centenárias. O director deste estabelecim.to de ensino informou de que poderia fazer-se a sessão inaugural muito brevemente, mas sem fixar a data; e assim foi resolvido que se procurasse o Presidente da Câmara para se explicar as razões do silencio havido até agora e combinar o dia aproximado da sessão final. Ficaram encarregados desta missão os vogais Alvaro de Lemos e B.B. — Resolveu-se, também, que os vogais dr. Costa Lobo e B.B. procurassem o Reitor da Universid.e Y.a o convidar a assistir á sessão final e para lhe agradecer o interesse que lhe tem merecido as comemorações. E não havendo mais nada, etc.»

Estamos quasi no final da tarefa. E não tem sido muito leve, vamos lá. Mas podia ser pior.

Coimbra

Maio: 22

Carta ao Henrique Pires Monteiro que me
rece copia por tratar de assuntos que julgo
dignos de ficarem lembrados:

«. . . . Recebi a sua carta em 13 do cor-
rente, ainda vibrante das lições do velho ge-
neral Pereira Bastos, precisamente na altu-
ra em que o meu radio transmitia a voz
dum bispo qualquer que exaltava as virtu-
des da Sr.ª de Fatima e chamava a sua aten-
ção misericordiosa para as miserias que
vão por este mundo fora.

«Ora veja o que são os contrastes...

«Quiz responder logo, principalmente
para lhe pedir que se não incomodasse com
o codice das Linhas de Torres — mais desde q.
se não lembra, eu tentarei descubri-lo por
tentativas de maria especie. Dias depois ou-
vi-me á mesa com este mesmo papel
em frente para lhe escrever; era dia de São
Pascoal, o simpatico S. Pascoal Bailão que
o nosso Garrett evoca no seu Alfageme co-
mo protector de bailados alegres. Quis, po-
rem, a sorte que caso urgente me não dei-

1670

xasse começar. Seguiram-se dias muáus para mim quer por trabalhos aborrecidos quer por mal-estar físico agora m.to frequente; até que hoje, já noite, com o bairro sossegado e a casa adormecida, tenho que escrever — tanto mais que o nosso amigo Pinto da França estêve aqui á tarde a conversar e me leu a sua carta em q. a m.a pessoa é posta em termos que não além do exagero.

«Tenho de rogar a S.ta Rita de Cassia q. o calendario, ao lado, me diz ser celebrada hoje pela Igreja, que dê ao meu Adm.º mais um bocado de noção das proporções.

«Ora vamos ao caso da Revista.

«Recebi o aviso para a sessão de assembleia e respondi em carta para o 1º Secretário solicitando a dispensa e apresentando cumprimentos. Quando o Pinto da França veiu já a carta fôra deitada no correio. Relativamente á alinea c) do aviso deixou-me algum tanto preocupado: o que haverá por baixo ou por de-traz daquele simples enunciado? Por conversa, em Março ultimo, com o Costa Junior figurei com a impressão de que o ilustre Santos Costa modificára a sua atitude para com a Revista.

21-7

«Porquê?... É necessario admitir, pelo metodo das probabilidades, que a invenção não seja sua — pois lá diz o ditado que o Diabo ruim sempre chega cedo a hora boa; mas Vossencia é necessario estar sempre de pé atraz com tais figurões... De modo que a conversa com o Pinto da França virou e revirou estes aspectos do caso e concluímos que não sabendo nós, verdadeiramente, do que se tratava e qual será a posição da Revista perante o Grande Homem, seria arriscada uma representação q. corresponderia sempre a uma afirmação. E nós não sabiamos o que poderiamos afirmar.

«Aqui tem pois os motivos que me levaram a não rectificar a carta lançada no correio; e como o Pinto de França se julga já demitido de societario, não teriamos que fazer declaração colectiva. Eu espero conhecimento do que se passa amanhã p.ª dar a minha opinião se vir que é oportuna ou necessaria. Não acha q. foi a melhor solução?

«Depois de duas horas de boa e sã palestra com o França, em que a sua pessoa e as suas intenções foram postas nos ele-

vados termos que, com justiça, merece, nós não vimos outra saída para o problema que possivelmente começa a entrar em nova fase de agudêza inquietadora. A ver vamos.

«Na sua carta ha, até, um passo sibilino: "Da nossa Revista não lhe falo. Os factos falarão..." que me fez lembrar a celebre fraze desalentada de Albuquerque para o magnifico D. Manuel. Por tudo, pois, a m.ª atitude terá que ser discreta e de certo a que tomei será a consentanea com o melindre proprio do momento.

«A noite avança. Uns foguetes de estrondo dão-me conta de que os rapazes e raparigas escolares se divertem ainda no jardim á beira-rio, como quem se prepára para a vida seria...

«Mal sabem eles, coitados, o que é a vida seria!...

«Vou pôr ponto final. São horas. Dá-me sempre m.to prazer com as suas noticias e creia-me, etc. etc.»

Trata-se ainda da celebre denuncia do acordo de 1905 feita pelo ilustre ministro

Santos Costa, caso de que, creio eu, tratei aqui largamente na devida altura e de q. conservo os documentos em sobrescrito especial — para memoria.

Coimbra.

Maio: 28.

Mais um aniversario... Este é o vigessimo terceiro. E continua.

Estamos arranjados.

Coimbra:

Maio: 29.

Ontem, o Octaviano de Sá, na sua secção «A' Esquina de Sansão» do jornal O Despertar, a proposito do arco de Almedina onde ha um recanto que ainda serve de ourinol, diz o seguinte que aqui fica em recorte para memoria:

> O canto, ou recanto, do muro que volta do antigo edificio da Escola Livre das Artes do Desenho — quando é que o reocupa?! — para o Arco de Almedina, presta-se a mictorio e disso tem abusado alguns individuos que não teem noção, pelo menos, do decôro.

Ora isto vem no nº. 3251 daquele jornal saído ontem. Está na 1ª pagina e na coluna da direita. E a pregunta está mesmo a ver-se que é do safado que exactamente procura evitar que a Escola Livre reocupe a casa que

lhe pertencia. Ele a escrever a frase e certamente a rir-se, calculando o repára que nós lhe fariamos.

E calculou bem. Com a diferença de que nós não darêmos sorte e apenas fazêmos o comentario ajustado ao seu caracter — ou antes á sua falta de caracter.

Por mais voltas que dê ha-de ser sempre o mesmo safado que eu conheci em novo, o mesmo garôto indigno dum aperto de mão sincero.

Adeante.

Coimbra.

Maio: 30.

Fui hoje, com o dr. Gumersindo da Costa Lobo, á Universid.e convidar o Reitor para a sessão final das comemorações do centenario de Ant. Aug. Gonçalves.

Como das outras vêzes, recebeu-nos muito bem e repetiu a afirmação da simpatia que tinha pelas homenagens, e prometeu ir á sessão salvo caso extraordinario impeditivo.

A' minha frase relativam.te ao facto de as comemorações não serem o que de come

ço projectamos, ele teve um tiqueiro encolher de ombros e disse que entrepára a realização da cooperação universitária (que então dia deixar fazer-se) á Faculd.e de Ciencias; esta, não sabia por que razões, entendeu o contrario... E teve outro encolher de ombros, ao mesmo tempo que lançou sobre a mesa com ar de enfado, uma faca de papel em que estava a mexendo.

A Faculd.e pelo que nos parece, contrariou o Reitor; e eu penso que o Reitor, naturalmente, vendo-se contrariado, se limitou a encolher os ombros como duas vêres fez deante de nós.

Bons tempos, bons tempos!

E apesar, vamos a ver se ele irá á sessão final.

Coimbra

Junho: 11.

Ontem, na Escola do Exercito, houve leição de espadas...

Coisa nova, creio eu. Grandes inventores são estes homens do Estado Novo!

O Trindade Salgueiro leu e largou serrão. E que serrão!

Ouvi-o pela radio, cheio de apostrofes ao Patriotismo e á Impiedade, á Religião e ao Comunismo, ao Dever e á Indisciplina, etc. etc. Para os primeiros a benção divina, p.ª os segundos as iras do Inferno.

Teremos ainda pr.to que ver.

Coimbra.

Junho: 12

Hoje, na Escola Industrial Brotero, fez-se a inauguração do busto do Ant.º Augusto Gonçalves. Sessão modesta mas com elevação e significativa.

Gostei. A alocução do director, engenh.º Armando Vianna da Rocha, foi boa; deu a impressão bem clara do que foi Gonçalves como impulsionador da Arte industrial, como professor e como homem de caracter. Foi, na verd.e, um retrato digno; e é para notar que partiu de creatura agarrada ao actual estado de coisas e que mal conhecia o retratado. Contudo vê-se que é homem probo e que realmente sentiu ainda o prestigio do velho Gonçalves e que verificou honestamente a sua acção tão meritoria.

Foi exposição interessante por todos os motivos. Fiquei fazendo deste homem um outro conceito.

Quanto ao busto, parecu-me bem. Ou ter inaugurou-se no que está no cemitério feito pelo Costa Mota Sobrinho — e foi bastante feliz na execução.

Coimbra

Junho: 13

Dia de S.to António. Sha dez anos, dia por dia, fui promovido no Estado-Maior na fila final para o Generalato.

Não me envergonho.

O Generalato!... Creio que estou ripado, de ha dez anos a esta parte, com os ilustres generalecos promovidos.

Ao menos, lembrando a data, consolo-me com a ideia de que os instrujei, constantemente, em Caxias.

Eles tinham-me em grande conta; e essa conta, estou convencido, era quasi toda arquitectada sobre a inferioridade do muito ilustre corpo docente.

Seria ou não seria assim. O máu humôr é máu conselheiro.

Dez anos... Nestes dez anos deixei fo-
ra, ainda assim, certos trabalhos que va-
lem, de certo, mais que as celebres decisões
ou ordens com que essas notabilidades d
nosso Estado-maior julgam subir ao Ca-
pitólio.

Que tenham m.ta saude!...

Coimbra.

Julho: 17

Carta ao Alberto Meira, do Porto, que
fica copiada por curiosid.:

«... Li, com o maior interesse, o arti-
gozinho que V.. me dirige no ultimo nume-
ro de O Tripeiro[1]. Muito e muito grato pela
maneira com que me trata e até como me
fez recordar, com tão amavel e risonha
forma, a m.ª passagem, ha mais de 40 anos,
por Valença do Minho. Não imaginava que
V.. conhecesse tanto a m.ª vida...

«Realmente, o tempo que com «o ma-
gro galão de alferes» de Caçadores passei na
alegre e acolhedora vila, foi do que conto co-

---

(1) Vol. V, n.º 1, de Maio de 1949.

mo melhor na minha já adeantada existên
cia. Mas adeante. Muito e muito obrigado
por tudo.

«Como V... se interesse tanto por gravu
ras e gravadores, direi que também fui gra
vador em madeira, lá pelos 55 para 57 anos.
Aprendi com um tio materno, discípulo de
João Pedro, que deixou muitas gravuras quasi
todas desenhadas por Mestre Antº Augusto
Gonçalves; e como ficou desconhecido, fiz o
catalogo dos seus trabalhos que muito brevemente vai ser publicado na Revista de Guimarães.

«Estou organizando, também, o catalogo
das gravuras de meu tio paterno Rafael Pi-
mentel que deu causa a este agradavel inci-
dente; é catalogo bastante difícil de fazer pois
o album q. possuo não está completo, foi co
meçado já bastante tarde, segundo julgo. Vou
porem tentar a obra a q. juntarei algumas no
tas biograficas.

«Este meu tio Rafael deixou também tra
balhos de escultura muito apreciaveis e foi
trabalhador infatigavel até idade avançada.

«Diz V... muito bem: os nossos grava-
dores em madeira não mereceram, até hoje,

a devida atenção; é bom, pois, que se lhes dê o devido relevo.

« Não quero tomar mais tempo. Mais uma vez agradeço as "considerações" de V... e, repito, a ligeira e tão agradavel referencia á sempre lembrada Valença do Minho onde nunca mais voltei.

« Queira V... aceitar etc. »

Tambem hoje escrevi, para Celorico de Basto, ao Dr. Rodrigo Rodrigo que me ofereceu um opusculo da sua autoria sobre o Alvaro de Castro. A oferta seria provocada, certamente, pelo Pires Monteiro. Não conheço senão de nome, o dr. Rodrigo Rodrigues, antigo ministro democratico, deputado, governador de Macau, etc. — hoje voluntariamente desterrado na sua aldeia.

« ... Quiz V... honrar-me com a oferta do opusculo relativo ao Alvaro de Castro, valorizado, ainda, com dedicatória manuscrita. Creia V... que fico m.to grato não só pela oferta em si como por se tratar de mais uma homenagem a um amigo que muito presáva e que m.to admirava.

«Vou lê-lo com o maior interesse e afirmo desde já que ficarei com gratíssima impressão, pois tive conhecimento por amigos comuns de que se trata de trabalho de mérito e que honra o malogrado Álvaro com entranhada verdade.

«Queira, pois, V.ª aceitar os meus agradecimentos e com toda a consideração, sou de V.ª dev.º»

Coimbra

Junho: 25.

Veio hoje nos jornais notícia de que, em Lisboa, na Associação dos Antigos Alunos da Escola Industrial Marquês de Pombal, se vai fazer homenagem aos precursores do ensino técnico profissional. E na relação dos precursores vem o nome de Ant.º Aug.to Gonçalves. Já ontem reparára em notícia relativa ao mesmo assunto e nela sintam-me os meus que me não pareceram ter maior direito a celebração.

Pela notícia de hoje, porem,[1] a relação é mais completa e nela se diz que na peças

---

[1] Ver, no fim do vol.º, a pag. 362.

usará da palavra o Raul Esteves dos Santos que versará o tema: O elogio histórico destes homens ilustres...

Vê-se pois que ainda aqui o dêdo do Esteves dos Santos sem o qual o nome do velho Gonçalves não apareceria.

Valha-nos isso.

Coimbra.

Julho: 4.

Finalmente terminámos hoje com as comemorações centenarias "gonçalvinas." E, vá lá, não terminámos mal.

Ao 18 h. descerrou-se a lapide na casa onde Gonçalves viveu ultimam.te e onde morreu. Cerimonia muito simples, o mais simples possivel. Apenas ouvidámos o Presidente da Camara, dr. Sá Oliveira, que apesar de se resolver não haver discursos, pediu licença para dizer duas palavras.

Louvou a comissão e, rapidamente, louvou a resolução de se deixar a pedra comemorativa.

Juntou-se gente e não faltaram aqueles dos velhos amigos que, desde o começo, vêem sempre acompanhado todos os actos

commemorativos com interesse e parece que com sinceridade.

A noite, no salão nobre da Câmara, fez-se a sessão solene de encerramento.

Conseguimos reunir o Governador Civil, dr. Emperio de Lemos, o Reitor da Universidade que se fez representar pelo Dr. Pereira Dias, o director da Faculd.e de Letras e mais autoridades civis e militares. Faltaram as judiciais e eclesiasticas — que verdadeiram.te não fizeram falta.

Achei interessante o facto de, pela primeira vez, as unidades militares se fazerem representar.

A assistencia não excederia umas reduzida (60) pessoas. Fóra das representações oficiais, estavam ainda os nossos velhos amigos, antigos discipulos do Gonçalves e um ou outro "carola." Não se estranhou a pouca assistencia: Antonio Augusto Gonçalves é, para a epoca de hoje, um fossil... Nunca jogou o foot-ball — eis tudo.

A sessão, porem, correu com elevação e dignidade. O Presid.te da Câmara abriu a serie dos discursos: a propria corda de louvores ao Mestre, á Comissão e á ideia que

1680

esta teve de relembrar o insigne Professor; acrescentou apenas alem dos louvores a interpretação do ~~[illegible]~~ substantivo democrata aplicado ao velho Gonçalves a quem chamou um aristocrata da Arte e da Cultura; democrata, se-lo-ia se ~~[illegible]~~ esta palavra se tomar no sentido de trabalhar para o Povo. A interpretação é inofensiva; são coisas q. não tiram nem põem...

Seguiu-se o dr. Pereira Dias como director da Faculdade de Ciencias; falou em nome da Faculdade e leu palavras simples, nem peixe nem carne, antes pelo contrario, etc. e tal, para se não comprometer. E a seguir leu umas linhas do Reinaldo dos Santos, como presidente da Academia das Belas Artes, linhas bem escritas, sobrias, sem espalhafatos, para tambem se não comprometer demasiadamente...

Depois, foi para a tribuna o dr. Antonio da Costa Rodrigues ler o trabalho Gonçalves na administração publica. Infelizmente, a epoca não deixa falar claro e o conferente é tambem dos que não vão muito adeante do que as circunstancias impõem. O assunto era excelente e o Costa Rodrigues deu umas

pinceladas curiosas, de retrato melhor ou pior copiado; mas fiquei com a impressão de que teve medo de entrar a valer no têma, de que teria rodeado certos passos escabrosos para não molestar muito a assistencia oficial — e lá veiu com o velho e estafado bordão da amizade do bispo Basto Pina, da concordancia de intenções, de comprehensão mutua... O que veiu a ser uma lenda como qualquer outra, lenda que eu desfaria de boa vontade se não houvesse a censura e não corresse os perigos inerentes á afirmação de verdades.

Eu disse ao Costa Rodrigues que deixasse o bispo descansado no rico mausoleu da sua repousa; mas ele não quiz deixar de o trazer á bulha, como uma especie de passaporte de bom comportamento ou atestado de bons costumes. Estes 20 anos de ditadura clerical teem amolgado muito as esporinhas.

Fechou a sessão o Governador Civil, o dr. Cerqueira de Lemos que disse solenemente umas palavras justas e possivelmente sinceras. Foi, talvez, o melhor de todos quanto ao valor das palavras e á clareza dos intuitos.

E assim, em 1 hora e 15 minutos se encerraram as comemorações centenarias —

com dignidade e certa elevação. Não se poderia fazer melhor. E mesmo para o que se fez, foi mister muita cautela e muita astúcia.

Creio que se não conseguiria mais se não nos rodeássemos de todas as cautelas e precauções para levar a bom termo esta coisa simples mas quasi paradoxal: em regime de Estado Novo, de ditadura clerical e de intolerancia policial, comemorar-se o primeiro centenario do nascimento dum homem que foi verdadeiramente um incansavel publicista, um rijo anti-clerical e um intransigente democrata liberal.

Isto é: glorificou-se um individuo em tudo contrario ao regime que corre; fez-se-lhe um busto numa escola oficial; deixou-se uma lapide numa casa e as mais altas autoridades do regime vieram com dificuldade esparzir flores de retorica em sua memoria...

Foi, na verdade, um triunfo que a comissão alcançou embora o que se fez ficasse muito aquem do que se projectou.

Mas, enfim... Gloria ás Manhas e ás Cautelas!...

1682

Coimbra.

Julho: 8

Reuniu-se hoje a comissão do centenário. Segue a acta:

« Aos 8 dias..., elé. na Sala das sessões da Associação dos Artistas, pelas 18 h. reuniram-se os vogais Alvaro V. de Lemos, dr. Gumersindo da Costa Lobo, Lourenço Chaves Almeida João Machado e B. S. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. Foi lida a correspondencia q. constava dum oficio da Casa de Coimbra em Lisboa saudando a comissão e pedindo ao sr. dr. Costa Rodrigues para a representar na sessão final; e de cartas da Snr.ª D. Mécia Gonçalves Simões escusando-se, por doença, de comparecer e do sr. empenheiro Silva Pinto explicando a ausencia ás sessões por muitos de trabalhos profissionais. — Foi a seguir proposto um voto de congratulação pelo exito das comemorações que, embora reduzidas no desenvolvimento, tiveram certo cunho de dignidade e elevação em todos os seus actos. Tambem foi aprovado um voto de louvôr e agradecimento ao vogal sr. João Machado pela fac. Viera de Lafrde e pela oferta do seu trabalho. —

Foi ainda aprovado outro voto de louvor ao sr. director da Escola Brotero, engenh.º Viana da Rocha pela realização da sessão em q. foi inaugurado o busto do A. A. Gonçalves que fica sendo, com a lapide executada pelo sr. João Machado, a mais perduravel lembrança do centenario. — O sr. dr. Costa Lobo e B. P. informaram de que foram pessoalmente apresentar os agradecimentos da comissão ao sr. Governador Civil e á direcção da Associação dos Artistas a hora em q. estava reünida a sua direcção; e de que amanhã ou depois farão os agradecimentos ao sr. Presid.te da Câmara, ao sr. Reitor da Universidade e ao sr. director da Faculd.e de Ciencias, dr. Pereira Dias. — O vogal B. P. propoz que se enviasse um officio ao antigo ministro Henrique Pires Monteiro, saudando-o como o ministro q. fundou em Lisboa a Escola de Ceramica de Ant.º Aug.to Gonçalves e como o homem que sempre votou ao Mestre grande admiração e se teve interessado constantemente pelas commemorações centenarias; foi aprovado. Resolveu-se por fim que o estudo e realização da publicação na qual se reunissem as conferencias feitas, os dis-

cursos pronunciados, os artigos comemorativos, etc. ficassem para Outubro prox.º quando nos reunissemos novamente depois de férias. Neste sentido resolveu-se solicitar do sr. P.e Nogueira Gonçalves a organização do catalogo da exposição realizada no Museu de Machado de Castro para ser incluido no volume; assim como sondar o sr. Rocha Madaíl acerca da sua possivel colaboração na bibliografia dos artigos e estudos dispersos do Mestre. E não havendo mais nada... etc.»

Volta o Madaíl á batha... Veremos se ele, agora, se humaniza. Caso continue na negativa, terei eu que me lançar ao trabalho de fazer a bibliografia dificil dos dispersos?

E' possivel. Tudo é possivel neste mundo. E ninguem, verdadeiramente, sabe p.ª o que está reservado...

Coimbra

Julho: 9.

Fui hoje ao consultorio do Poeta Miguel Torga (o medico dr. Adolfo Rocha) por causa da m.ª faringite e dos meus ouvidos.

Pobre Poeta!... A ter de lavar ouvidos e de espreitar gargantas...

Mas, enfim: depois do tratamento e de me sossegar quanto á possibilid.e de agravamento dos males, ficámos á conversa.

Esta começára com algumas considerações acerca da velhice, enquanto a agua aquecia para a lavagem. O Porga era de opinião que a velhice é um estado de serenidade e quietação que tem seus prazeres. Eu lembrei os louvores de Cicero e de Seneca...

— Sim, é certo... Mas Seneca via a decadencia fisica como estoico e como tal achava consolação nos proprios males.

— Mas Cicero, sr. doutor, observei eu, não era estoico. O tratado De senectude parece mais exercicio literario do que justificação para as fraquesas da idade.

Ele olhou-me com os seus olhos esverdeados, penetrantes, como de quem se admirou do estranho caso de um coronel na reserva ter opinião acerca de Cicero e de Seneca. Eu continuei com as m.as considerações e cheguei ao ponto principal: o receio dum deslaçamento cerebral que levasse a transigencias imbecis, a infantilidades, a

conversão religiosa — todas essas traições das desgraças que sucedem a quem já não tem acção sobre os seus actos.

O Miguel Targa reflectia ou parecia reflectir... Veio á baiha o Guerra Junqueiro, veio o Gomes Leal; e nervosamente, abriu um armario onde havia rimas do 4º volume do Diario e tirou um deles para me referir o que mais ou menos escrevera sobre o assunto: a sua larga tolerancia e indulgencia para com essas fraquezas finais, que ao seu espirito pareciam a logica consequencia de certas vidas.

— Bem vê, sr. cor.l: a puericidade é, em regra, irreverente, revolucionaria, exaltada; a idade viril vai perenamente vê os problemas, encara a vida com decisão mas com mais conhecimentos; a velhice é já uma quadra de renuncia, de tranquilid.e, que procura o repouso e muitas vêzes leva á negação do espirito de irreverencia com que se começou... Eu não me insurjo contra essas conversões que, afinal, não teem significação...

E depois duma pausa e dum gesto vago, na direcção da janela:

— Olhe o desgraçado Gomes Leal... Que havia ele de ser no fim da vida senão o desgraçado que foi? O que significa a sua conversão?... Olhe, sr. cor.l, que a Igreja não deitou foguetes com a conversão dum homem imbecilisado...

E a conversa, ou antes o monologo, seguiu sempre em termos elevados, resonante de tolerancia, de bondade e de compreensão. Eu ouvia-o calado.

— Eu sou Poeta, continuava ele. Estou a falar a um homem de mentalidade diferente mas que sei capaz de me compreender. O sr. cor.l é um historiador, por consequencia um espirito de analise, de investigação paciente, proprio para esperar a confirmação duma hipotese; eu sou um homem de sintese, do momento presente, de observação rapida. As minhas notas são curtas, apanhadas quasi ao acaso...

Não garanto a fidelidade dos termos, mas creio que reproduzo com a melhor compreensão e com a possivel verdade, o que ia ouvindo. E a conversa terminou, depois de meia hora, alem da consulta, com uma espécie de consolação:

— Não tenha receio da velhice, sr. cor.l. Eu sei, como V... mantenho uma vida como a sua, não deve ter medo do declinar das forças ou do avanço da idade...

E terminou com certas amabilidades que não sei se seriam sinceras se para dar remate agradavel á conversa.

O certo é que rim um tanto ao quanto atordoado. Aquele rapaz é, na verdade, extraordinario. A elevação que imprimiu ás suas palavras impressionou-me. E o seu espirito de larga tolerancia ficou-me gravado. Enfim, uma pessoa cheia.

Os ouvidos e a garganta passáram a plano secundario; a lição de tolerancia e de comprehensão elevada do mundo é que valeram. Ainda bem que precisava dos ouvidos tratados e que desconfiava da faringe.

Grande manhã, a de hoje!

Paz: Mafra.

Julho: 13.

Aqui estou, outra vêz, nesta incomparavel pasmaceira e, neste momento, a pensar nas novidades colhidas ha dias em Coimbra.

Trata-se, nem mais nem menos, do que da conversão ao catolicismo do Vitorino Nemésio, da retractação do Silvio Lima e da possivel evolução num ou noutro sentido do Paulo Quintela.

Três novidades que me deixaram abalado e, verdade, verdadinha, um bocadinho admirado. Com franqueza, estava longe destes desenlaces...

Ingenuidade minha?

Boa-fé?

Talvez um pouco de tudo.

Mas vamos lá resumir o que apreendi, de origem séria e bem informada.

O Vitorino Nemesio, ha anos, depois do seu doutoramento, vendo que não ia a professor da Faculdᵉ. de Letras e aproveitando a estada na Belgica como leitor, internou-se num convento e fez a sua conversão á Igreja Católica, Apostólica, etc. Durante esse tempo de recolhimento escrevia para Lisboa, para o Ministerio, para a Junta da Educação e para conhecidos, em papel com timbre do convento para mostrar bem onde estava residindo e dar sinal da sua reviravolta.

Um amigo, ao pelo menos individuo com quem mantinha as melhores relações literarias, procurou, ainda na Belgica onde se encontrava, evitar o acto. Fez-lhe ver o que esse acto tinha de desagradavel; chegou a dizer-lhe que se realmente ele, Nemesio, encontrasse a sua estrada de Damasco, evitasse os intermediários p.ª a reconciliação, que se dirigisse a Deus directamente, que não profanasse essa reconciliação com intervenções de gente que poderia não comprehender o que havia de sério no seu intimo meu désse espectaculo exterior que redundaria em gaudio para os mafarricos.

Estas solicitações feitas afinal por um livre pensador não deram efeito. O Nemésio fez a abjuração solene dos seus erros e converteu-se á Fé Catolica.

Foi então, depois disto, que veiu a nomeação para professor da Faculd.ª creio até que logo para catedratico.

O bom do coronel Francisco Gomes, sogro do convertido, não sei se teria conhecimento de tudo isto; era, porem, naturalissimo que o soubesse. Lembro-me de que um dia, ele me disse que o Nemésio ao ver a

a fretarição em que estava, escrevera uma carta ao Salazar a expôr a ~~xxxx~~ situação em que o colocáram com a ilegalid.e de certas medidas; nessa carta fazia ver a verdade e reclamava o cumprimento da Lei. E o bom do cor.el Gomes terminava dizendo que o Salazar não responderá mas mandára fazer o despacho, dando assim razão á reclamação.

Pobre cor.el Francisco Gomes!

A carta dirigida ao Salazar vejo agora o que seria. O bom do rapaz ou quiz explicar claramente o acto f.o que eu não ficasse fazendo a má ideia que naturalmente faria do genro ou acreditou q. a nomeação fosse resultante da atitude justiceira do sombrio ditador jesuita.

O certo é que o Nemesio foi nomeado. E como professor já mostrou que sabia pagar a nomeação... O Magalhães Godinho, por ex.o, foi afastado da Faculd.e por ele e um outro cujo nome me não ocorre, foi igualmente afastado.

Vê-se ao menos q. é agradecido.

Agora o Silvio Lima.

Este, por varias vêzes já (sei-o eu) tentou ser readmitido na Faculdade de Le-

tras de Coimbra. Quiz meter nisso, como era natural, o cunhado ministro, Adriano Vaz Serra — mas ~~...~~ nada!

Lastimava-se, carpia-se, mas não conseguia coisa que se visse. Até que um dia...

Esse dia chega sempre.

O sogro, o velho José Antunes Vaz Serra, impôz-lhe a assinatura num largo estendal de papel selado, nem mais nem menos do q. uma retractação formal de tudo quanto dissera contra a Igreja Catolica e em especial contra o cardeal Cerejeira. A prosa segundo parece, era tão dura de roer que o Silvio teve um assômo de pudôr...

Não! não assinava tanto! Com modificações, vá lá! talvez...

Porem o sogro, com intimativa:

— Assine, já lhe disse! O que é necessario é que o sr. tenha, no fim do mês, com que mandar comprar couves para a mulher e para os filhos.

O Silvio, então, sucumbido, assinou o papel que foi, por causa das duvidas, reconhecido devidam.te pelo notario.

A nomeação veiu pouco depois; e o Silvio Lima lá está professôr, vai vulgarmente

á missa, ha até quem diga que vai muito regularmente, e nesta ultima Semana Santa andou a visitar as igrejas com a esposa e os filhos, ás claras, com solemidade...

Quanto ao Paulo Quintela...

Com este ha duvidas, ainda, e poderá ser que tudo não passe de suspeitas e grosseiramente um pouco de má lingua.

E' certo que tenho notado não sei o quê, ha algum tempo p.ª cá, certa frieza na maneira de me falar e constante companhia com o Manuel Lopes de Almeida. Isto depois do doutoramento — o que póde ser explicado pelo facto do cafelo lhe subir á cabeça...

Contudo, já me disseram que alguma coisa ha desde então: é que se afirma que a nomeação p.ª professor efectivo não se faria sem condições.

Será?... Não será?

Fica em suspenso, honestamente, o julgamento. Até ver.

Mas que tristeza isto causa!

E' claro que não acredito na sinceridade dos dois primeiramente apontados: nem o Nemesio se converteu nem o Silvio Lima se <u>desconverteu</u>... Simplesmente o inte-

resse, a falta de firmeza de caracter, os levaram aqueles actos falsos e bem degradantes.

Uma tristeza!

Paz: Mafra.

Julho: 18.

Os jornais de hoje vêem cheios da homenagem prestada ontem no Porto ao general Joaquim Maria Neto, por atingir amanhã ou depois os 65 anos de idade que o fazem passar á reserva.

Sessões solenes, banquetes, etc.

Num discurso do oficial mais graduado da Região que falou em nome da oficialidade, ha referencias ás virtudes do general, a sua força de caracter, ás sua qualidades de chefe; e com palavreado puxado á retorica termina o discurso com a afirmação de que prestam homenagem «ao Trabalho, ao Valor e á Justiça e á Verdade» etc. etc.

Tudo muito comovente.

Ora o interessante é que se trata duma autentica nulidade com a agravante de ser velhaco e creatura dos Jesuitas. Tres ministros foram ao Porto para lhe prestá-

ram as suas homenagens; e os jornais, com grandes parangônas, encheram muitas e muitas colunas com as notícias correspondentes.

Não fossé ele da Companhia de Jesus!

Paz: Mafra.

Julho: 27.

Fui hoje a Mafra cumprimentar o dr. Alberto Dias Nogueira, juiz da comarca, natural de Arganil e irmão do escritor e hoje diplomata Alberto Nogueira, que, nos tempos de estudante pertenceu ao grupo da Presença.

Depois da visita, no gabinete do Tribunal, e quando regressava a esta freguesia, lembrei-me de que, há tempos, ouvi falar de certa reviravolta no espírito ou no carácter deste Alberto Nogueira que estêve preso muitos meses por querer formar uma Frente Popular com o Lopes Graça e outros.

Pois o que me disseram é que, depois de uns dois ou três anos de purgatório como ministro em Pretória, voltou para o ministério dos Estrangeiros como consultor ou coisa que o valha. E ultimamente é conselheiro privado do próprio Salazar.

Será ou não será bem assim.

Mas o irmão juiz, ao qual preguntei por ele, disse-me que estava no Brasil, á frente da comissão mandada tratar do acordo economico; e se me não engano disse que era o director ou presid.te da comissão. Seja á frente ou á latere, o que é certo é que não iria na dita comissão se não, agora, personna grata. E' natural.

Lá que o Albano Nogueira tem valor, é verdade. Mas seria só o valor que o impôr? Quero crer que mais alguma coisa haveria para o impôr em tão elevada e chorada comissão.

Será ou não será assim.

Fica, porem, como hipotese... Depois do que aqui deixei dito em 13 deste mês, tudo é possivel. O meu cepticismo assim o quér.

Paz: Mafra.

Julho: 28.

Carta para o Ernesto Soares, em resposta a uma outra dele:

«.... A sua atenciosa carta veiu aqui ter ha dias com as boas e amaveis palavras.

«Realmente, O Trifeiro tem-se ocupado da 1ª pessoa, de modo um pouco estranho, pois as referências que nele vêem são derivadas de cartas particulares dirigidas ao Alberto Meira. Mas daqui não vem mal nenhum ao mundo...

«O meu interesse pela gravura em madeira veio de que, muito novo, aprendi a arte com meu tio materno Albino da Silva; ainda deixei algumas gravuras em livros e publicações das quais farei um dia uma resenha para «não deixar os créditos por mãos alheias...»

«A minha vida, porem, foi desviada, talvez, do seu natural caminho; e de certa altura em deante abandonei os buris para me dedicar mais ás Letras e á Historia. Não sei se foi bem — mas foi assim.

«Ora com a velhice veio certo exame de consciencia e com ele o desejo de deixar ad perpetuam memoriam noticia dos dois rios, ambos gravadores em madeira, ambos artistas de raça que circunstancias varias poderiam deixar quasi no esquecimento.

«Meu, materno, o meu mestre, foi discipulo de João Pedroso e deixou muitas gravu-

ras, algumas de certo merecimento e das quais em breve publicarei o catalogo na acolhedora e simpatica Revista de Guimarães. Outro, paterno, Rafael Pimenta, com o curso geral das Belas-Artes e de Escultura, foi o principal gravador da oficina de Francisco Pastor (tio do Pastor de Macedo) onde trabalhou incessantemente até á morte do proprietario da casa. Tenciono, tambem, fazer o catalogo das suas gravuras com notas biograficas para publicar em 1950, ano do 1º centenario do seu nascimento, não sei ainda onde nem como.

« Agradeço as indicações relativas ao nome de Rafael constantes do Dicionario de Iconografia. Lastimo não ter sabido, no devido tempo, que andávam nesse trabalho do dicionario; ter-lhe-ia oferecido elementos das minhas colecções de revistas antigas e das de retratos de que possuo algumas centenas, muitos dos quais não vejo mencionados na obra de V...

« Quanto ao nosso comum amigo Ferreira de Lima, só direi que me tem incomodado muito o seu estado. Pobre Amigo! Perdemos um homem de caracter e um compa

rheiro de trabalhos inesquecivel. É assim a vida.

« Renovo os meus agradecim.tos etc. »

Paz: Mafra.

Julho: 29.

Carta ao Saturio Pires, a proposito da serie de artigos que está publicando na Defesa Nacional acerca do Marquês de Alorna.

«.... Aqui vai ter mais um numero da Defesa com o seu terceiro artigo. Muito obrigado pela atenção que tem para com o seu unico leitor. É como tal cá estou a informar que recebi e a dizer de mª justiça.

« E achei graça ao facto de esse seu artigo se cruzar com o meu opusculo acerca da campanha de 1801 em que procuro reduzir o grande valor de chefe militar atribuído ao magnifico D. João Carlos de Bragança.

« Ora eu não sei se estou na verdade. O que escrevi é o que me parece encaminhar-se para a verdade. Levanto esse problema que não deixa de ter interesse, com qualquer má vontade, evidentemente, pª com o fundador da Academia. A propria defesa do Stockler

nas celebres Cartas[1], repare bem, sôam, um pouco, a rachado; o grande matematico parece que se quer defender a si, mais do que ao Duque — e isso não deixa de ter certa logica porque foi o seu maior e mais responsavel auxiliar.

« O Taveira e o nosso professor Maia[2] cingiram-se á parte propriamente historica e não entráram no problema das ideias, isto é, pozeram de lado a paternidade dos ~~ideias~~ planos para só verem os proprios planos.

« Repito: não sei se estarei na verdade, mas quero crer que me encaminho para lá com certas e muitas razões. O meu caro Saturio Pires pense no problema porque esto certo que o tentará resolver melhor, pois encontra agora esta m.ª duvida que é, segundo o nosso bom Infante D. Pedro (avant Descartes) o «aazo de descubrir a verdade.»

« Pense no caso e a sua inteligencia e penetração dirão o resto. Um abraço, etc.»

---

(1) Francisco de Borja Garção Stockler: Cartas ao autor da Historia da Invasão dos Franceses em Portugal. Rio de Jan.º 1813.

(2) Alfredo Pereira Taveira, oficial do Estado-Maior e Fernando da Costa Maia, oficial de Cavalaria q. foi nosso professor na Escola do Exercito.

Paz: Mafra:

Julho: 30.

Morreu ontem o Ferreira Lima.

Por notícias particulares sabia-o muito mal e esperava, dum momento para o outro, o desenlace. Mas custou-me.

O Ferreira Lima era um dos raros amigos. Considerava-o muito e tinha por ele a maior estima. Sabia que ele retribuía com igual amizade. Custa, pois, a perder um companheiro assim.

Era um raro homem de caracter. Trabalhava com probidade e afinco. Era, dentro de certos ramos históricos, um verdadeiro erudito um desses «individuos inauportaveis» conforme a classificação de Afranio Peixoto — classificação, dipa-se, insuportavelmente injusta.

Foi sempre um tolerante e compreensivo. Manteve-se monarquico liberal, certamente por tradições de familia e educação, mas manteve-se assim com a maior dignidade, sem abjurar das convicções mas sem ser desleal para com qualquer situação politica. Era catolico praticante; e do mesmo modo correcto manteve o seu sentimento

religioso através de todas as vicissitudes do tempo.

Modesto, muito mais modesto até, não dava a impressão do que era e do q. valia, quer nos conhecimentos quer no caracter. E debaixo da sua maneira, na aparencia, acanhada de tratar, possuia vontade firme, certa tenacidade e não ia abaixo sem mais nem menos.

Como director do Arquivo Hist.º Militar fez, quasi ignoradamente, uma bela obra, embora sempre rodeado de limitações. Foi um director de Arquivo modelo. Cheio que em Portugal não haveria outro. Não considerava o Arquivo propriedade sua, como muitos, mas de todos os que quizessem estudar e trabalhar. Abandonava qualquer filão se aparecesse alguem para o explorar. E isto de ser caso unico...

Era, enfim, creatura muito apreciavel, digna da amizade das almas bem formadas. E algumas amizades e dedicações teve.

Eu devia-lhe atenções, entre elas a de recorrer ao meu juizo ou conselho em certos casos da sua vida particular e em especial dos seus trabalhos historicos; no Arquivo

prestava-me assistência amiga; confiá-va em mim como num irmão e distin-guia-me como a poucos distinguia.

Quero crer que me não esquecerei disto. Devo-lhe essa oferenda.

Devia ir a Lisboa prestar-lhe a última homenagem. O calor, porem, está proibiti-vo. Além disso, hoje, faz anos a Ana Maria e amanhã a Mãe, que vieram aqui, nestes dias, passar os aniversarios. Misturar com um enterro estas festas familiares seria, de certo, aborrecido.

Mandei telegrama á Filha. Logo que possa lá irei a casa cumprir o dever.

Os jornais dão a noticia do falecimento com grande relevo. Qualquer outro coronel teria a mesma ou equivalente informação.

Pobre Amigo!... Não soube adular a Imprensa, e ainda bem. Mais um ates-tado de caracter.

Paz: Mafra

Agosto: 1.

Os jornais trazem a noticia do enterro do Ferreira Lima em curtas linhas. Ao mes-

no tempo mau uma larga notícia do falecimento dum major farmacêutico do quadro do Ultramar que foi político e «jornalista» e não menos largo noticiário da morte do general Fernando Borges, creatura inteligente mas que se evidenciou apenas á custa de certas transigencias e curvaturas e que não deixou atráz de si senão a lembrança de favores feitos como ajudante-general e a lembrança de más vontades dos adversarios políticos.

No Primeiro de Janeiro de ontem, com um dia de atrazo, a noticia da morte do Ferreira Lima veiu, como aqui fica, ao lado, para lembrança. E tambem para se ver o cuidado do noticiarista que até lhe trocou o nome.

FALECIMENTOS

CORONEL FERREIRA LINO

No Hospital Militar principal faleceu o coronel sr. Henrique de Campos Ferreira Lima, director do Arquivo Histórico Militar, historiador do Exército, biógrafo e arqueólogo.

Era membro das Academias das Ciências e Portuguesa da História, e de vários institutos cientificos portugueses e estrangeiros.

O funeral efectua-se hoje, ás 10 horas para o cemitério dos Prazeres.

Contrastes.

Adeante.

No correio de hoje chegou-me carta do general Teixeira Botelho que, como presidente da direcção da Revista Militar me convida para fazer o artigo necrologico relativo ao Fer-

reira Lima que deverá ser publicado no proximo numero.

O convite vem rodeado de palavras amaveis, como é proprio do general; e termina por dizer q. acredita que «a piedosa missão» me «será grata.»

Realmente, ser-me-ha grata a missão e vou aceitar. E direi no artigo o que entender, e á minha vontade. E procurarei fazer a justiça devida.

Paz: Mafra:
Agosto: 2.

Agradeci hoje ao general Teixeira Botelho o convite para o artigo acerca do bom Ferreira Lima e informei-o de que aceitava. E agradeci tambem a oferta do 2º volume dos Novos Subsidios para a historia da Artetharia em Portugal, ha pouco aqui recebido.

Este general Teixª Botelho é creatura cheia de atenções, de delicadezas que estão já bastante fóra da moda. E' homem de outras gerações que estão a desaparecer e que não deixam sucessão apreciavel.

Paz: Mafra.

Agosto: 9.

Hoje, duas cartas, nem mais nem menos. A primeira é p.ª o Vitorino Nemesio do qual quero provocar uma resposta qualquer... É madureza como outra qualquer mas não ofende ninguem...

«... Li ha dias no Diario de Noticias o seu artigo acerca do Turismo interno. A leitura fez-me lembrar o nosso encontro em Serpins, em Abril, e a promessa de V... em falar da desconhecida Miranda do Corvo em outro artigo de uma serie q., se me não engano, intitularia Itinerarios obscuros.

« Mas as recordações tambem são como as cerejas. Atraz do artigo lido vem sem querer e agradavelmente, a lembrança do mês de Agosto de ha 20 anos, epoca em q. V... andava alvoroçado com o centenario do desembarque miguelista na Vila da Praia e a organização do Memorial.

« Depois de amanhã passam 20 anos — quasi uma vida!

« Tudo isto me fez escrever esta carta como desabafo de velho.

«Vinte anos! Vinte anos!... Desculpe o tempo que lhe tomo, etc. etc.»

A outra carta é para o coronel Aurélio de Figueiredo Nunes da Silva, velho amigo de ha 39 anos, do tempo em que fui parar a Portalegre. Pede-me ele conselhos como se verá pela copia que segue:

«... A sua carta veiu aqui ter inteirinha a este retiro... quasi espiritual, cumprido entre saloios. (Se fôr exigente em purismo linguistico leia çaloio...).

«Tive o maior prazer, direi até vaidoso prazer, de a receber, pois me dá honras de mestre; e desculpe não ter mais cedo resposta porque entre outras causas da demora esteve aqui uns dias a mª unica Neta; e o meu caro Nunes da Silva creio que sabe o que são tais contratempos.

«Diz, com razão, que a sua carta é um encravanço e de facto é, não para mim mas para o meu Amigo. Aqui não me é facil dar uma resposta como desejaria; estou, como disse, numa quintarola entre saloios (leia çaloios se entender), longe dos meus ver

listas, dos meus livros, das minhas notas, de modo que só de memoria poderei dar quaisquer indicações; e a minha memoria não é já a de certo tenente que em 1910 fazia sonetos ao bom do Luis Lopes [1] e chalaceava com certo rapaz cujo nome me não ocorre e a quem chamávamos pitorescamente o forquilheiro...

«No entretanto, o que nestes dias me tem lembrado vai em papel apenso e se me ocorrer mais alguma coisa mandarei suplem.to com a melhor boa vontade.

«Deixe-me apenas dizer-lhe que uma historia militar de Portalegre, embora lipeira, não se fará de pé para a mão, mesmo que não vá para alem dos começos do sec.º XVI, ou pelo dos começos de fóros de cidade. Mas, como o tempo já não dá para muitas, parece-me que seria melhor, depois dum introito que indique o apparecimento e o desenvolvimento da vila, realçar apenas os periodos de actividade militar que são, salvo erro, o periodo de 1640-1668, o periodo da Guerra da Sucessão, o da campanha de Liffe e o

---

(1) Luis Lopes de Almeida, coimbricense, antigo funcionario do Banco de Portugal em Portalegre.

da desgraçada guerra das laranjas de 1801. Entrar em minucias de recrutamento, organização, fronteiros e governadores, etc. etc. leva-lo-hia para trabalhos de investigação q. não poderia talvez realizar aí e lhe levariam mais tempo do que aquele que falta para a comemoração.

«Na Torre do Tombo e no Arquivo Histórico Militar poderia encontrar filões preciosos; mas era necessario ir lá, instalar-se e trabalhar por mais meios. Na Torre, não indo pessoalmente, nada se consegue; no Arquivo, a falta do Ferreira Lima torna difícil qualquer consulta que não seja do proprio interessado, alem de que o pessoal é m.to pouco e creio q. não chega bem para o serviço obrigatório.

«Isto é o que me parece e vai mais intuitos de magister que aliás não sou; apenas talvez um pouco mais habituado do que o meu Am.º a estas tarefas inglorias.

«Assim, um prologosinho que não vá buscar ao tumulo algum rapo rei mesopotico e se contente com a epoca da reconquista e a do nosso primeiro monarca até á elevação a cidade, seria o aperitivo p.ª se entrar em tempos mais conhecidos e dos quais ha mais elemen-

los informativos. Isto é o que eu faria se fos se encarregado da missão e o que aconselho ao meu prezado Adm.º desde que me traz a Verreiro. O seu bom criterio e a sua cultura resolverão o melhor possivel; eu só lastimo não poder dar-lhe mais elementos de consul ta o que só poderia fazer se estivesse em Coim bra e não aqui entre salvos (leia salvos se for exigente ...).

«Nos codices manuscritos da Bibliote- ca da Universid. ha noticias de Portalegre, se me não engano, relativas á Guerra da Suces são; um dia pensei em fazer-lhe presente de um artigo para o seu jornal mas a minha vi da não deu para isso e creio q. dificilmente dará. Enfim, nada de lamurias...

«Oxalá lhe sirvam as notas juntas; e pa- ra qualquer explicação (não direi conselhos!) estou ao seu dispôr. Tudo vai de se dirigir para esta guarnição situada na região pá- tria da Escola Pratica e dizer de sua justiça. Aqui estarei até Outubro e ao seu dispôr. E muito á vera! O tempo agora corre mais depressa do que naquele venturado

---

(1) Escola Pratica de Infantaria, em Mafra.

ano de 1910 em que certo tenente e certo al-feres se correspondiam em versos com tudo nada parnasianos... Ainda não tinham surgido o superrealismo, o neorealismo, o...o... - Adeante. Sejâmos cautos.

«Adeus, meu caro Nunes do Ó, etc.»

Paz: Mafra.

Agosto: 15.

O Nemésio respondeu logo á minha carta de 9 do corrente que atraz deixei cofriada. E depois de cumprimentos não sei se sinceros e agradecimentos pela minha lembrança, pede-me que lhe arranje por aqui algures um «carinhoto» onde se refugie nalgum fim de semana, com «uma creada velha.»

Ora nos ultimos tempos, toda a gente que o conhece sabe das suas aventuras com uma prima da esposa, com quem viaja e quasi vê-se diariamente. Este «carinhoto» que ele me solicita não será antes um ninho para o casal teve a amante por 24 ou 48 horas?

Lembrou-se ele de mim para ajudar a encobrir a maroteira?

Pode bem ser que não; mas também pode ser que sim.

Por causa das dúvidas respondi-lhe com a seguinte carta que me parece modesto modelo para quem se quer livrar de melhadas.

Quiz provocar-lhe uma resposta que males se e afinal fiquei comido...

Aqui vai a carta:

«.... Não respondi logo á sua tão bela carta porque me quiz informar acerca do seu pedido do Post-scriptum; e quer por causa do calor quer por não passar ultimamente muito bem de saude, não tenho saído daqui ha bastante tempo.

«Nestes arredores mais proximos não ha casinholo nos termos desejados nem noutros termos porque está tudo ocupado; e numa área mais afastada, dizem-me que igualmente não ha. Comtudo, informam-me de que na estrada de Pinheiro de Loures a Lousa, já no concelho de Loures, visinho de Lx.ª, nos aglomerados novos de Boticas e Guerreiros poderá haver uma ou outra habitação moderna aleyavel com a vantagem de ter á porta algumas dessas de carrinhetas de carreira e ficar a escasso giro metros da capital. Lembro-me de ha tempo lá passar e notar escritos numa ou noutra.

«V. - num salto, poderá daí ir verificar ou informar-se com a secção de Turismo da Câmara de Loures que julgo atender vais solicitações.

«Já sabia, por indiscrição dos jornais que era rogo e, muito naturalmente, com o andar dos tempos, a caminho de avô. Mas que quer? é assim mesmo... cheguei, onde me vê, chego dentro de pouco àquele limite que o Estado impõe a todo o funcionario, limite além do qual reina o esquecimento oficial e, muitas vezes, o extra-oficial.

«Não saurirei diferença porque ha muitos anos estou nesse esquecimento; mas sempre a Ordem do Exercito dá a conhecer ~~urbi et orbi~~ urbi et orbi que outro definitivam.te na Reforma.

«Pois sr. Dr. creia, etc. etc.»

Uf!... Que vá para o Diabo... O que aí fica é tudo forçado e é possivel q.º o destinatario ignore o que está por detraixo das amabilidades. Mas não importa.

O principal é eu não estar disposto para ajudar a trafulhada.

Paz: Mafra.

Setembro: 7.

Segue carta para o Ernesto Soares. Ha cerca de 20 dias que esta fasmaceira não dá azo a uma prosa. Fica a carta p.ª atestar, ao menos, que estou vivo.

«.... Desculpe a demora da resposta á sua boa carta de 21 do mês passado. Não tive esquecimento meus muitos afeições

«A morte do nosso Ferreira Lima fez-me muita impressão. Perdi um bom amigo e perdemos todos um companh.º primoroso de caracter e um trabalhador de grandes e serias qualidades. Fui ha dias visitar a Filha que me pareceu m.to caída. E' bem natural. Só o tempo poderá dar remedio.

«Quanto aos meus dois Vios gravadores, tenho o prazer grazer em lhe fornecer elementos biograficos, mas daqui só irão elementos deficientes. Se a sua conferencia na Cam.ª Municipal de Lx.ª não é muito breve, logo que regresse a Coimbra dar-lhe-ei as notas desejadas; mas se o tempo apertar, direi daqui o que a memoria autorizar, com a melhor vontade.

«Conto, por este meês, ter provas do artigo que irá sair na Revista de Guimarães sobre Alfino da Silva e seria boa ocasião de lhe mandar notas mais completas sobre a vida e trabalhos dele. E

«E quanto ao outro tio, Rafael Pimenta, se a conferencia não é já, talvez fosse preferivel conversarmos, um dia, com vagar. Espero ir a Lisboa em Outubro, uns dias, e encontrar-nos-iamos em qualquer ponto.

«Que lhe parece?

«Espero celebrar o 1º centenario do nascimento deste meu tio Rafael o que não impede de o meu Exmo Amigo lhe fazer as referencias que bem entender, fº as quais darei, com mº gosto, os elementos.

«No entretanto desde já direi:

«a) Alfino Caetano da Silva Pinto, natural de Miranda do Cº, discipulo de João Pedro do. Assinava Silva.

«b) Rafael Idesio Mª Pimenta, natural do Barreiro, hoje distrito de Setubal. Assinava Rafael nas gravuras por sua conta; as da oficina Pastor saíam com este nome ou muitas vezes, apenas com a simples alteração de P.or.

«c) Belisario Pimenta, natural de Coimbra, discípulo do primeiro, amador, apenas deixasse gravuras em alguns livros e jornais. Não assinou.

«Mas haverá inconveniente em deixar isto para conversa amena, em Outubro? Espero as suas indicações e creia-me, etc.»

Gravuras, gravadores... Volto, com a melhor, ás minhas antigas predilecções que melhor fôra não ter perdido.

A vida tem estas contradições e muitas e muitas incongruencias.

Paz: Mafra.

Setembro: 13

Carta de agradecimento ao Alberto Vieira Braga, de Guimarães, que me presenteia sempre com os seus trabalhos:

«.... Só agora acuso a recepção do ultimo opusculo! Esta monotonia de deserto parece que deveria espertar; dá-se, porem, o contrario. Não sei porquê, chego á noite e tenho de concordar que o dia passou e que o perdi....

« Será a velhice? Influencia do tempo irregular? o afastamento de qualquer motivo que distráia? a cantilena do vento aqui permanente nas gelosias que provoca a sonolencia?... Sei lá!... Talvez um pouco de tudo isto.

« Contudo, este conjunto de atractivos para a mandrice não evitou que lesse com o maior agrado o opusculo com que V... me obsequiou. Mais uma bela prova de trabalho util e que me deu ensinamentos, embora já não tenha nem vida nem paciencia para os aproveitar em obra acarinhada ha dezenas de anos.

« Muito e m.to obrigado por tantas atenções E mais uma vez, etc. »

Paz: Mafra.
Outubro: 2

Mandei, em tempo, p.a a Revista Militar os meus dois opusculos A Campanha de 1801 e As duas Guararapes, como sempre fiz com outros trabalhos.

Ora no ultimo fasciculo, o n.º 8-9 de Agosto-Setemb.º, em que vem o meu artigo acerca do Ferreira Lima (por sinal q. com uma ou

outra gralha, escapadas não sei como) vem a nota bibliografica relativa aos dois opusculos a pag. 540 e 541, assinada por F.P., iniciais do general Alvaro Ferreira Passos.

Qualquer das referencias é amavel, correcta e sobria. Acerca das Guararapes parece-me sentir-se a mentalid.e do oficial do Estado-maior que dificilmente concede aos que não teem os cordões dourados capacid.e para avaliar assuntos de tactica e estrategia. Pode ser que esteja enganado, mas é mais do que natural que assim seja — pois só o Estado-maior é capaz de compreender e expor e interpretar tão altos problemas.

Seja como fôr escrevi hoje ao Ferreira Passos uma pequena carta de cortezia. Ele tem sido sempre amavel; foi ele que na sessão festiva da Revista em Maio do ano passado me chamou pensadôr, sem mais nem menos; e segundo me informa o Pires Monteiro foi ele que solicitou o encargo de escrever a nota bibliografica.

Merece, pois, um agradecimento — e lá foi uma cartinha curta mas com os ~~...~~ atenções devidas.

Paz : Mafra.

Outubro : 3

Alcancei hoje, por mercê do Supremo Arquitecto, os meus setenta anos...

Alcancei, pois, oficialmente, o limite de idade que no exercito corresponde á passagem á Reforma.

Sou, de hoje em deante, um coronel reformado como tantos outros que servem, até, de modelo para figuras comicas de teatro ou de romance.

Ora nesta altura da vida cabe-me perguntar a mim mesmo, medindo a minha consciencia, o que foi a minha vida até aqui? Que valor tiveram estes 70 anos bem gastos quer para mim quer para os outros?

Na verdade, meus mesmos meus miseros opusculos que publiquei poderão servir de meu livro para dizer:

— Sim senhor! Fez alguma coisa com geito!

Fui novo, fui um mau estudante, de espirito incerto, sem orientação bem definida, baloiçando-me de quimera para quimera, de fantasia para fantasia, concebendo mal as realidades da vida, talvez por temperamento de

timido ou, possivelmente, de doente da vontade.

E' possivel, pois, que de tudo isso resultasse a m.ª ingressão no exercito que hoje ainda não compreendo cabalmente nem se explica bem se se considerar o ambiente onde formei, mais ou menos, a m.ª mentalidade.

Como diabo vim eu parar ao exercito, classe onde sempre me encontrei deslocado e inadaptado? E' este um problema que não tem facil solução nem vale a pena tentar resolver.

Agora, que o caso passou em julgado, para que vale entrar em analises dessa ordem se já se não ganha nada com isso?

O certo é que, no exercito, eu fui creatura que nunca deu coisa q. se visse e que encontrou sempre ao seu redór certa desconfiança e indiferença; e, verd.e verdade, fóra do exercito piór ainda porque a profissão nunca me deu azo a vôos de qualquer especie.

Vôos... vôos...

E teria eu azas para voar mais alguma coisa do que andar cá por baixo como afinal sempre andei?

F-22

É possível que a minha vida fosse outra bem diferente e, de certo, muito mais útil, se o caminho tomado não fosse o desta maldita e «nobre profissão das armas.»

Que eufemismo este o da «nobre profissão das armas!» Que mentira esta, grande formidável mentira esta, a da «nobre profissão das armas!...»

Mas enfim...

Que lhe hei-de eu fazer? Para que lamentar? A vida já lá vai, já dei o pouco que tinha a dar. Que posso eu agora, para além dos 70 anos quando, realmente começa ou deve começar a decadência?

Paz: Mafra.

Outubro: 16.

O Teixeira Botelho, presidente da direcção da Revista Militar agradeceu-me o artigo que fiz acerca do Ferreira Lima ao qual já aludi recentemente me referi atrás. Os termos do agradecimento [1] obrigaram-me a responder com novas amabilidades.

E é no que se passa o tempo... Cartê-

---

[1] Em carta particular de 12 do corrente.

1705

zia para aqui, cortezia para acolá. Tem isto ao menos o mérito de provar que ainda há gente bem educada.

E a propósito do mesmo artigo, contou-me há pouco em Lisboa o Pires Monteiro que o general Teixeira Botelho, na ocasião do falecimento daquele bom amigo que foi o Ferreira Lima, mostrára-se apreensivo quanto á pessoa a quem deveria ser entregue a incumbencia da commemoração pois alegava que sendo o morto um academico seria natural que a obrigação caisse em outro academico e, na Revista, o unico, apara, era ele, general.

O criterio não deixa de ser curioso.

Não sabe o Pires Monteiro porquê, mas o general não queria ou não poderia fazer o artigo; e como a conversa se dava entre socios da Revista, alguem lembrou o meu nome que o general aceitou, diz o Pires Monteiro, calorosamente. Eu não era academico mas merecia a excepção....

Daqui veio o convite que, devo dizer, me agradou. Seja qual fôr a origem do convite, a verdade é que constitue prova de certa consideração apesar... de não ser academico. E por isso aceitei com agrado.

Recebi carta do Pires Monteiro na qual me diz que o impressionou o artigo pela sinceridade que nele transparece; recebi também da filha do Ferreira Lima uma outra em q. me agradece penhoradamente o que escrevi.

E fronto final. Não espero mais cumprimentos.

Paz: Mafra.

Outubro: 17.

Fui ontem á Feira das Mercês, no concelho de Sintra, em que oiço falar ha tantos anos e da qual não fazia ideia.

Não imaginava que ainda houvesse feiras naquele género, curiosa na verdade, a lembrar as velhas feiras ruidosas onde se ia quasi só para a dança e cavalgada.

Com efeito, o que mais dava na vista e no olfato, era a tenda ou barraca de cavalos e bestas, desde a simples frigideira com tijolos a fazer de fogareiro para frigir a carne de porco, mariscos característico do certame, até certas instalações bem arranjadas, com mesas bem postas e criados de casaco branco e o discreto radio a largar para os espaços um minuete de Beethoven.

Havia de tudo. E até a promessa, quando a noite caisse, de a mata rumorosa da bela tapada, se converter discretamente em bosque sagrado da Babilonia.

Arruamentos com ourives, com roupa feita, cobertores, cereais, cerâmica, calçado e até o autentico ferro-velho, representante legitimo da Feira da Ladra. Um sol-e-dó passava alegremente atravez da multidão; e os componentes, conscios do seu papel, iam compenetrados dos deveres que a Tradição lhes impunha.

Bilhete de entrada p.ᵉ o automovel.

Nº 000095

Tapada das Mercês

ASSISTÊNCIA

CARROÇAS, GALERAS E MOTOS

5$00

Os vendedores de imagens milagrosas da S.ª das Mercês, tentavam impingir uns bonequinhos que poderiam ir vender a Fatima com o mesmo resultado; e paralelam.ᵗᵉ os traficantes de bentinhos, pretinhos, cornichos, lacinhos, toda a quinquilharia propria

das romarias que tenho visto desde a Senhora do Faro, em Valença do Minho, até ás do Sul. Ao entretanto havia m.to que ver e que observar; e o espectáculo cheio de vida e de côr, era digno de ser visto melhor e com mais vagar do que eu ~~[illegible]~~ consegui ver.

A serra de Sintra dava fundo de cenário maravilhoso, por entre neblina fina que se esfarrapava de encontro ao arvoredo da Tapada; em baixo, nos vales, o casario moderno que alastra sem peso nem medida por todo o termo, polvilhava o negro da terra; e por toda a parte havia um riso de alegria, ao perto e ao longe, que se casava excelentemente com o cheiro estimulante da carne de porco a rechinar em fezenas e fezenas de fripideiras.

Ainda bem... As agruras da vida evolávam-se com o perfume das comezainas; e enquanto os carrocéis giravam e os foguetes estoiravam no ar com alegria, não se pensava no que vai pelo mundo nem no que vai pelo país.

Bendita seja, pois, a Sr.ª das Mercês!...

Paz: Mafra.

Outubro: 21.

O Salazar deixou outro discursata... Como sempre, longo, difuso, um tanto ou quanto misterioso mas com afirmações que não deixam de ter interesse para mais tarde comentar.

Estes discursos são, evidentemente estudados e têem a intenção de dar directrizes aos seus subditos.

Por ex.º: a propósito das proximas eleições para deputados, diz o que se segue em recorte do jornal que vale a pena arquivar:

Sabe-se que além das listas da União Nacional se apresentaram nalguns distritos listas de oposição (não se vê meio de dar-lhes outro nome). O Governo aceita todas as consequencias que legalmente podem resultar das candidaturas e da vitoria dessas oposições que aliás não deseja: — preferiria incluir nas listas da União Nacional, como independentes, se o desejassem e como aliás fez a outros, os nomes daqueles que, constituindo valores construtivos, pudessem servir utilmente o País no seio da representação nacional. O regime só tem vantagem em funcionar de modo que homens, mesmo em discordancia com os fundamentos do sistema ou inibidos por qualquer circunstancia de confessar o seu acordo, tenham tambem possibilidade de servir a Nação. Mas, sacrificando para o efeito valores integrados na sua ideologia e na sua ética, não será demais exigir subordi..ação dos interesses particulares ou de grupo ao interesse geral e a total independencia do espirito critico sem subordinação a qualquer disciplina exterior. São exigencias minimas para que pouco e pouco se não venha a cair na oposição por sistema ou como modo de vida.

Estes periodos valem dinheiro. O país é realmente um alfobre de acomodatícios sem consciencia nem vergonha.

Mais adeante, acerca da questão das sucessões dinasticas, depois de dizer que seria justo que as familias ex-reinantes gozassem

viver em Portugal, em perfeita comunidade com os portugueses, sái-se com esta advertencia que parece contradizer tudo, mas que só traduz (p.ª o meu juizo) a maneira tortuosa e, vá lá! jesuitica, com que em regra expõe certos pontos de vista:

Quem fala com esta franqueza pode dizer mais o seguinte: seja qual for a atitude da próxima Assembleia, liberrima neste como nos mais assuntos e suposto que é a mais larga, eu reputaria inconveniente para a tranquilidade da familia portuguesa a residencia permanente no País do Senhor Dom Duarte Nuno. O seu alto criterio lho indicariam tambem. Não vale a pena aduzir razões, porque procedem menos da inteligencia que da sensibilidade, e devemos respeitá-las.

Isto parece convite para o sr. D. Duarte Nuno fazer as malas.

Mas será?... E' capaz de não ser.

Os designios do patrão são tão tenebrosos! Sabe-se lá o que ele quer!

Paz: Mafra.

Outubro: 22.

Hoje de manhã, pelo binoculo, vi passar ao largo a esquadra espanhola que traz o Candilho Franco a Portugal.

Havia ligeira neblina, de modo que só consegui ver o perfil de tres cruzadores em linha indiana. Os avisos ou contratropedeiros da escolta não se viam, bem como a nossa flotilha que, nesta altura da costa já os de-

via acompanhar — flotilha a que a laracha lisboeta dos cafés já alcunhou de «esquadra de espera galego...»

O que haverá por detraz de toda esta festança que se vai fazer e que custará rios de dinheiro? Manobra internacional? Simples manejo de governo cripto-fascistas?

Ver-se-ha um dia.

Paz: Mafra.

Outubro: 23

Ontem, em Lisboa, grande festarola com a chegada do Candilho.

Testemunha ocular disse-me que em toda a gente que corria ás ruas da Baixa, havia ar alegre, de boa disposição.

E' natural. A nossa gente habituou-se á funçanata constante e Lisboa morre por funçanatas.

Assim, o Candilho ficaria com a impressão de que a sua presença provocou mais alguma coisa do que a simples curiosidade. E em regime como este é tão facil arranjar o simulacro duma manifestação!

E o Diario de Noticias, de cócoras e de boca aberta comenta com este bocadinho de oi-

1708 v.º

ro que vale a pena transcrever porque pode ser que ninguem se lembre de o incluir em qualquer antologia:

«Os dois Chefes de Estado, sobre cujas figuras convergiam todos os olhares, na imobilidade da continencia, transcendiam da sua condição humana e ganhávam o relevo dos imortais, por simbolos de dois grandes povos e responsaveis nos seus altos destinos.»

Assim, a Historia terá que contar com toda esta multidão de ourepeis e de mentiras e de raspar nesse «relevo dos imortais» p.ª ver se descobre alguma coisa que se aproveite.

Como daria vontade de rir se tudo isto não fosse muito triste!

Paz: Mafra.

Outubro: 24.

Vi hoje, com estes meus olhos mortais, o Caudilho, o grande salvador das Espanhas. Vi-o a uns metros de distancia, em carne e osso, no campo de obstaculos do

Deposito de Remonta, onde se realizou uma festa hipica por sinal m.to interessante e q. para mim foi novidade.

O Canditho é homem mais baixo do que alto, aspecto vivo, talvez mesmo marcial embora a saliencia já visivel do ventre lhe tire um pouco de aprumo. Vi-o entrar á vontade, sem ares de imponencia, talvez por que estivesse entre tropas; o andar era desembaraçado, um pouco bamboleante, talvez devido ao começo da obesidade; o olhar era vivo, como de homem habituado a todos os perigos.

Os cumprimentos que fazia para um e outro lado eram rapidos, já quasi automaticos. Subiu devagar os degráos da tribuna; sentou-se na poltrona de modo a deixar ver a proeminencia do ventre, quasi de mulher gravida. Conversáva com os ministros, a seu lado, sem deixar de observar curiosamente as tribunas laterais onde se comprimia a maior soma de generais e brigadeiros que ainda vi em toda a minha vida...

O que pensaria o Canditho Franco do nosso exercito a avaliar pelas dezenas de

oficiais generais ali sentados, não sei eu porque, na verdade, ele não mo disse; é porem de crer que algum comentario intimo fizesse pois é evidente que o homem deve estar informado do que por cá se passa e do valor desse brilhante e mais do que numeroso quadro de manxas e golas estreladas.

Enfim, notei que ele observou atentam.te a demonstração hipica e no fim, saiu com o mesmo ar de á vontade, vivo, sem pesporrencias castelhanas, cumprimentando para a direita e para a esquerda, mesmo para aqueles que, como eu, se conservaram de chapeu na cabeça.

Notei tambem, e com certa satisfação, que a oficialidade que m.to abundantemente concorreu «por ordem superior» na passou das continencias regulamentares; não vi qualquer sinal de entusiasmo ou simpatia: apenas os cumprimentos, a frio.

Ainda bem.

Á saída, duas senhoras de idade que estavam perto de mim deram palmas quando o Canditho lhes passou em frente; mas foram palmas q. ficaram sem apoio, o que ainda foi piór.

Ele não daria por isso, mas houve quem olhasse para as velhotas e se risse.

Quem diabo poriam as duas respeitáveis carecas — porque, na realidade eram carecas?

Paz: Mafra.

Outubro: 27.

Recebi hoje um memorandum da Revista Militar em que sou avisado de que sou credor á sua tesouraria de 80 escudos pelo artigo que escrevi á memoria do Ferreira Lima em Agosto passado.

Pobre Ferreira Lima!

É claro que respondi que não aceitava os 80 escudos. Era forte gaulhar os 80 escudos á custa duma homenagem sincera.

Lisboa.

Novembro: 10

Vamos eleições no proximo dia 13. Grande dia vai ser p.ª o Estado Novo!

Recebi aqui uma lista e uma circular patriotica convidando-me a votar. A minha residencia é em Coimbra, mas o recenseamento aqui não averiguou e fundou-se

nas informações da Repartição de Finanças. Cá veiu ter a lista e a circular por sinal que me erráram o nome, chamáram-me Belchior...

Belchior!... a transformação do nome tem que se lhe diga; mas, enfim, sempre contavam com mais um voto. E como, já agora, quero deixar mais uma recordação, guardarei adeante, no final do volume, a circular q. acompanhava a lista.[1]

E pela circular fico classificado de menos patriota. Eles lá sabem de classificações.

Paz: Mafra:

Novembro: 15.

De volta á Paz e ao ler os jornais atrazados aqui retidos, encontrei a noticia da morte do Floro Henriques.

O desaparecimento do Floro Henriques leva-me a considerações e lembranças de varia especie. Considerações acerca da vida e da morte; lembranças de outros tempos em que convivi de perto com ele e em que, devo

---

[1] A pag.ª 363 e 364.

dizer, recebi alguma influencia da sua constante e persistente tendencia didactica.

Lembro-me bem de que uma vez que lhe dei para ler o manuscrito com a descrição do meu passeio a Castro Laboreiro em 1907, ele me disse como comentario:

— Quando escrever, cinja-se ás suas ideias e deixe as dos outros. Os nossos universitarios é que assim fazem porque não teem ideias...

Nunca isto me esqueceu. E quando escrevo e ás vezes cito um ou outro autor, o conselho do Flaro acóde-me á lembrança como aviso.

Talvez de feito um pouco estranho que meus todos compreendiam, ressentia-se seguramente da educação que supportou no Seminario onde chegou a concluir o curso. Mas era bem intencionado e era honrado quer na vida particular quer na politica.

Nesta ultima fase da sua vida, reduzido quasi á miseria, manteve-se com integridade moral muito digna de exemplo.

Morreria de repente, segundo julgo pela noticia. Era de saude forte e não imaginava que assim estivesse tão proximo do fim.

Mais um que caiu. É' o desmoronar dum edificio construido ha muito; as pedras vão caindo successivamente.

Escrevi á minha uma carta cheia de sentimentos: « Não se perde, dizia eu, uma "amizade de ha quasi meio seculo sem abalo "sensivel. » Etc.

E na verd.e senti abalo ao ler a noti-cia. Um desmoronam.to não se sente com indiferença.

Coimbra.

Novembro: 26.

Cheguei, finalmente, a Coimbra e entrei de novo em m.a casa. Quatro mêses de au-sencia!

Emfim, novamente entre os meus li-vros... até ver. Daqui a 3 semanas volta-rei a fechar a porta para ir até Lisboa.

Outra separação.

Esta vida de nomada... é triste se bem que pareça alegre. Mas emfim, que lhe hei-de eu fazer?

O destino assim o quer. O melhor é pas-sar a fatalista e... cara alegre!

Coimbra.

Novembro: 29

Uma coisa em que ando a matutar é a vinda da notavel garretteana do Ferreira Lima para a Universidade.

Em conversa com a filha, D. Maria Lina, em começos deste mês quando passei por Lisboa, o caso ficou quasi assente.

Ela não quer vender, quer oferecer; e percebi que gostaria que, em troca, lhe fizessem um In Memoriam e publicassem os dispersos do Pái.

É aspiração justa que não sei se a Faculdade de Letras fará — pois o Ferreira Lima era um simples oficial do exercito desprovido de capelo e borla.

Ora hoje recebi cartão da D. Maria Lina em que me fala, embora um pouco confusamente, em uma Casa-Museu com o nome do Pái; não compreendi bem o que ela quer com isto mas, pelo sim, pelo não, resolvi ir á Biblioteca da Universid.e com o fim de sondar, sobre o assunto, o director que é o dr. Manuel Lopes de Almeida.

Este não estava. Conversei com o 1º. bibliotecario, Cesar de Sousa Pegado que me in-

formou-se que a hipotese da vinda da garrettiana fº Coimbra já fôra tratada em conversa entre o director da Bibliotheca e o dr. Costa Pimpão.

O Pegado acconselhou-me, até, a procurar este ultimo professor pois a garrettiana deveria ir para a Faculdade de Letras para onde transitaria o nucleo já catalogado pelo Ferreira Lima e ha tempo comprado para a Bibliotheca pela Universidade.

Resolvi, pois, abordar por estes dias o dr. Costa Pimpão, pessoa de muita simpatia e que é conhecido por espirito ferozmente reaccionario.

Vamos a ver.

Coimbra.

Novembro: 30.

Hoje de manhã, ainda eu estava em trabalhos materiais, bateu-me á porta o professor Costa Pimpão...

Não tinha relações pessoais com ele; só o conhecia de vista. Depois dos cumprimentos e desculpas pela hora matinal da visita, entrou afoitamente nos motivos que o trouxeram aqui: o Cesar Pegado falára-lhe e ele entendeu

que não se devia demorar muito em tratar do assunto, etc. etc.

Conversámos largamente; ele expoz-me as enormes vantagens da Faculd.e ficar com a garrettiana e iria hoje mesmo falar ao director da Faculdade e ao Reitor, etc. etc.

E ficámos de escrever, cada um, a D. Maria Lina, pois seria conveniente não demorar muito e aproveitar o ensejo e a boa vontade da senhora.

Acerca do In Memoriam, o dr. Costa Pimpão achou que, desde que há oferta de tudo, a Faculd.e não cumpria mais do q. um dever em promover tal publicação de homenagem e não seria difícil a reunião dos dispersos. Vale mais que nesses dispersos há muitas espécies garrettianas.

Enfim, parece-me que o caminho ficou aberto para a conquista de tão rico espólio. Vamos a ver o q. se consegue.

O Costa Pimpão pareceu-me menos retrahido do que julgava. Fala com método, pausadamente; dá a impressão de que está na cátedra, expondo doutrina.

É dos que já nasceu catedrático...

Coimbra.

Dezembro: 6

Pessoa amiga cedeu-me por dias o livro seguinte que por aí anda, de mão em mão, ás escondidas:

La Politique Allemande (1936-1943) — Documents secrets du Ministère des Affaires Étrangères d'Allemagne. Traduits du russe par Madelaine et Michel Eristov. — Espagne. — Editions Paul Dupont, Paris, 1946.

Compreende a serie de documentos surpreendidos pelo exercito russo na sua entrada em Berlim.

Começa com o texto integral do acordo secreto italo-espanhol de 28 de Novembro de 1936 para acção conjunta contra o comunismo que «neste momento ameaça mais do que nunca a paz e a segurança da Europa.» É um verdadeiro tratado economico-militar, ainda feito durante a luta civil em Espanha; nele a Espanha faz muitas e variadas promessas.

Seguem-se varios documentos que jus-
tificam a clara ~~intervenção~~ intervenção da Alema-
nha e Italia na guerra civil espanhola, da
manutenção em Espanha das forças alemãs
e italianas consideradas indispensaveis pa-
ra a conclusão da luta, especialmente avia-
dores germanicos classificados de muito bons.

Outros documentos tratam de evitar a fis-
calização internacional sobre a existencia de
forças estranhas em Espanha e de voluntarios
encorporados nas forças espanholas; e isto p.ª
contentar a Inglaterra que seria conveni-
ente não hostilizar principalmente para se não
complicarem as relações anglo-italianas.

Preocupações acerca da adesão de grande
parte do povo espanhol á revolta contra a Re-
publica são expressas noutros documentos.

Mas entra-se na Grande Guerra e Portu-
gal começa a aparecer na documentação.

Resumirei o que puder e só transcre-
rei o essencial de toda a papelada secreta
trocada entre a Espanha e a Alemanha.

Em 7 de Maio de 1941, um documento se-
creto, genero relatorio, assinado por Kramer,
coronel da aeronautica alemã, adido em Ma-
drid, informa o ministro dos Estrangeiros

alemão, de que nos meios militares espanhóis, as relações com Portugal são objecto de continuas conversas ~~—~~ sendo vulgar ouvir-se dizer: « Logo que transpozermos "a nossa fronteira ocidental sobre o Altan- "tico..." » ou « Logo que as esquadrilhas ale- "mãs poderem participar nos combates no "Atlantico, partidas de bases portuguesas "então na mão dos espanhóis..." » Informa mais de que se diz abertamente que um país tão pequeno como Portugal não tem direito a existir numa nova Europa e que, Vaulá debaixo do aspecto geografico como do etnografico, Portugal pertence á Espanha.

É certo que, informa ainda, muitos oficiais lembram o auxilio eficaz dado pelo Governo Português durante a guerra civil, mas a maioria encara abertamente a « necessi- "dade » duma intervenção militar num futuro proximo. E essa intervenção teria por finalidade fazer passar para segundo plano todas as questões de ordem interna e unir toda a Espanha; alem de colocar o governo da nação na mão dos seus « dirigentes natu- "rais — os generais. » E terminada a ocupação, a Espanha unida voltar-se-ia com

estado « realmente totalitário conforme o "sistema europeu de Adolfo Hitler. »

É claro que, para esta guerra contra Portugal que faria « muito fraca resistencia » os espanhois contavam com o auxilio da Alemanha.

O general Aranda, director da Escola de Guerra foi o encarregado dos estudos preparatórios da invasão, sabendo de antemão que em Portugal não havia qualquer medida preventiva contra uma agressão eventual por parte da Espanha.

O coronel Kramer, porem, comentando tudo isto, supõe que a resistencia portuguesa poderia ser « sensivelmente maior do que a "que em Espanha se calculava » mas, ao mesmo tempo, não vê impossibilid.e na empresa tanto mais que, nessa altura, o melhor das tropas portuguesas estava nos Açores. É certo que seria de esperar auxilio da Inglaterra, particularmente em aviação; e neste caso era de contar com a derrota espanhola se a Alemanha não acudisse.

A questão de Gibraltar « parece ter passado a 2.º plano em razão da tensão de relações com Portugal. »

É certo que em Espanha não se duvida dos sentimentos amigáveis para com o Eixo da parte de Salazar e do sub-secretário da Guerra Santos Costa; mas receia-se qualquer modificação em virtude de intrigas inglesas. Kramer diz mesmo que «as camadas dirigentes são poderosas e favoráveis ao "Eixo» e informa ainda de que o coronel Cintra (sic) da aviação afirma que «todos os "oficiais superiores aeronáuticos, que são numerosos, eram conhecidos e poderiam ser "eliminados no momento oportuno» embora se deva contar com trabalho idêntico da parte contrária.(1)

Este relatório termina com informações relativas somente à Espanha.

No documento seguinte insiste-se pelo arranjo da ponte do caminho de ferro em Alcudia e pela construção, ao lado, duma outra ponte.

Em Junho de 1941 o embaixador alemão em Espanha, de nome Stohrer, in-

---

(1) Em nota diz-se que esta declaração do Cintra está sublinhada no docum.to com lápis azul e a palavra eliminados vem acompanhada por um ponto de admiração, também a lápis.

siste na informação da actividade de Serrano Suñer para fazer entrar a Espanha na guerra, a qual entrada, segundo o relatório supra, começaria pela invasão de Portugal. Procurou-se, acrescenta, explorar o incidente de Algeciras mas nos meios militares sleserva-se prudentemente a falta de preparação do exercito e o mau estado economico da nação. E como Franco, «caracter indeciso» não resolue, formou-se outra corrente favoravel, por mais facil, á intervenção na guerra apenas contra a Russia, ao mesmo tempo que Suñer deseja provocar um conflito com a Inglaterra para conseguir a «unidade ideologica da Espanha...»

Nos começos de 1942, a 20 de Janeiro, o mesmo embaixador Stohrer informa Ribbentrop de que o ministro dos Estrangeiros espanhol lhe dissera que Salazar pedira adiamento de alguns dias para o encontro com Franco, em Sevilha, alegando que necessitava preparar a documentação indispensavel; mas acrescenta que Serrano Suñer é de opinião que o pedido de adiamento era só «o desejo de não causar impressão desfavoravel na Inglaterra e na America» e não a

possibilidade de anular a entrevista projectada.

Stohrer expôs então a Suñer «o teor das "instruções recebidas» e este respondeu que desejava chegar «a um acordo perfeitamente "explícito acerca do auxílio a Portugal. Nestas "condições as declarações transmitidas do mi"nistro do Reich, tomaram para ele a maior "importância.»

O auxílio a Portugal...

Que auxílio seria este?

Continuêmos:

O documento seguinte, nº 30 a pag. 86, é de 19 de Fevereiro de 1942: <u>telegrama</u> secreto do mesmo Stohrer para Ribbentrop, informando da exposição que o ministro dos Estrangeiros espanhol lhe fez a seguir ao encontro, em Sevilha, de Salazar com o Caudilho. Esta exposição é de grande interesse e vai o mais completa possível:

O ministro espanhol vinha muito satisfeito pois ficára convencido de que Salazar, ao fim das 48 horas de Sevilha, ficára «pes"soalmente ligado com ele.» E o ministro, para ser agradável ao alemão, entrou em <u>confidências</u> e contou o seguinte que ficou

exposto, com o método e ordem germânicos, da maneira seguinte:

I: Posição de Salazar perante a guerra e potências beligerantes:

a) Salazar não tem simpatia profunda pela Inglaterra mas considera «como uma me "cessidade[1] com a qual tem de contar» as boas relações com ela, dadas as antigas alianças e a fraqueza de Portugal.

b) Salazar mostra «violenta antipatia "pelos americanos. A semicerimonia com a "qual eles se comportam com Portugal, em "particular nos problemas económicos, feri- "o profundamente.» Queixou-se da má von tade dos Estados-Unidos que prejudica os interesses portugueses; e orgulhoso pela velha cultura portuguesa, Salazar concorda com um escritor inglês que disse que os americanos passaram com rapidez do estado bárbaro a um estado decadente.

c) Salazar mostrou certos receios quanto às concepções alemãs de política geral e problemas concretos; e perante a afirmação de Suñer de que a vitória do Eixo era a derrota

---

[1] Os publicados são do documento.

1721

do bolchevismo, respondeu que não sentia o grande perigo do comunismo porque «a "Inglaterra e os Estados-Unidos se oporiam "a ele por razões de egoismo...» Serrano Suñer não concordou e fez-lhe ver que a derrota da Alemanha com o auxílio da Russia tornava muito tardia a oposição dos anglo-saxões; mas Salazar respondeu que, em contraposição, a vitória da Alemanha traria como consequencia a germanização da Europa e Portugal, como os paises pequenos, perderiam a sua independencia.

d) Salazar foi mais longe e mostrou o receio de que um dia a Alemanha atacasse a Espanha e Portugal e ocupasse a Peninsula; e afirmou que os metodos usados pelos alemães para com Portugal mostram falta de compreensão das nossas necessidades o que constitue base para graves conflitos.

e) Salazar procurou discretamente sondar o peso da pressão exercida pela Alemanha no sentido da entrada da Espanha na guerra. Sempre que este problema aparecia nas conversações, quer Franco quer Suñer respondiam que as relações entre Alemanha e Espanha mantinham caracter de «franqueza e confian

"ça mutua . . . » Uma vêr, porem, deram-lhe a entender que a Espanha solicitara da Alemanha a não insistencia para a entrada na guerra em razão das graves dificuldades que isso traria. E Suñer afirmou que esta leve elucidação, aliás conforme a verdade, produziu em Salazar « uma impressão "particularmente viva » — e como este tinha a convicção contraria, deixou exteriorizar a sua surpresa « literalmente da maneira se"guinte: — Palavra de honra! Não acreditava "em tal e considerava isso impossivel! » Suñer explica que esta impressão favoravel de Salazar viria da afirmação de que a recusa discreta da Espanha em entrar na guerra não afectou as relações entre os dois países.

f) O ministro alemão quiz saber se Salazar acreditava na vitoria dos alemães; Suñer respondeu que ele preferia que a guerra terminasse por « um resultado nulo »[1] e q. aduzira argumentos favoraveis á vitoria provavel dos inglezes, primeiro por motivos de ordem economica, depois pelas revoltas cada vêr mais graves nos paises ocupados pelos

---

[1] O sublinhado é do documento.

germanicos e ainda pelo cançasso na pro-
paganda Alemanha. Quer Franco quer Duñer
fizeram-lhe ver, com argumentação varia,
que a vitoria dos inglezes era impossivel; e
Salazar, apesar de lhes dizer que as suas in-
formações contrariavam esta convicção do go-
verno espanhol, parece ter saído da confe-
rencia convencido de que não deveria con-
tar com a vitoria da Inglaterra.

II: Relações Hispano-portuguesas.

a) Franco e Duñer fizeram ver a Sala-
zar que, dada a situação internacional, qual-
quer agressão da parte dos anglo-saxões con-
tra o territorio portuguêz ou ilhas adjacentes
seria considerado pela Espanha «como agres-
"são dirigida contra o seu proprio territorio»
e declaráram saber bem qual a reacção do
país perante essa situação. Salazar «mos-
"trou perfeita compreensão» quando ouviu
esta franca declaração tão clara e respondeu
que estava persuadido de que os inglezes nã
da tentariam, bem como não acreditava em
uma agressão alemã. Confessou, porem, q.
os Estados Unidos exerceu pressão no sen-
tido da ocupação dos Açores mas quer crer
que não será a pressão suficientemente

forte para poderem levar a efeito o policiado com insistência.

Stohrer, porem, comenta nesta altura q. Salazar mantém certa reserva a [redacted] respeito deste assunto, não sem afirmar que se defenderia por todos os meios de qualquer agressor, disposto como estava a «defrontar "o pior» — afirmação que Stohrer garantiu como verdadeira. Este ministro espanhol foi mesmo mais longe e contou que Franco prometeu o possível auxílio no caso de agressão inglesa bem como a possível ajuda da Alemanha, esperando, em compensação, que Portugal désse ajuda equivalente se fosse necessário. (E cita instruções telegráficas de 17 de Janeiro que não vêem no volume.)

b) «O perigo que as intrigas inglesas ou "comunistas apresentam para o governo de Sa "lazar, foi discutido com o mesmo espírito "de inteira franqueza.» Salazar afirmou q. não vê perigo sério quanto à ameaça dos comunistas e não acredita que os ingleses sejam capazes de o afear do governo, pois o embaixador Sir Samuel Hoare tho afirmou; contudo ficou combinado estabelecer maior ligação entre as duas polícias não só para

rigiar os manejos comunistas como tam-
bem os dos inimigos do regime.

c) Quanto as relações com as Americas
latinas, Salazar declarou que seriam apenas
de caracter cultural e amigavel e não te-
riam importancia de maior; e concordou
em participar «na creação de uma nova Eu-
"ropa.»

d) Quanto aos problemas economicos, os
dois paises peninsulares deveriam entender-
se, dadas as dificuldades extremas em que se
encontravam.

e) Stöhrer conclue que o ministro Su-
ñer declarou que se o encontro de Seville
não chegou «a resultados sensacionais» con-
seguiu dessipar suspeitas e mal entendidos
de parte a parte e que não restava duvida de
que se creára nas relações espano-portugue-
sas «um clima[1] novo!» Suñer afirmou
estar convencido de que Salazar se retirou
«profundamente satisfeito.» E acrescentou
que classificára Salazar como «homem es-
"tremamente simpatico, bem educado, civi-
"lizado, amavel, de perfeita dignidade e com

---

[1] O sublinhado é do original.

"locução muito precisa ou exacta. Apesar de
"certas expressões bastantes reservadas, dá a
"aparencia de homem moralm.te viril.»

Stohrer, porem, [redacted] embora acredite
na linha geral da descrição da entrevista, pare-
ce convencido de que Suñer exagerou a afir-
mação de que os seus argumentos conseguiram dessipar as duvidas do ministro por-
tuguês.

Seguem-se documentos relativos á pos-
sivel restauração monarquica em Espanha
que os ingleses vêêm «com benevolencia.»

Depois, outro documto acerca da visita de
Suñer ao Papa que foi «muito amigavel e re-
"stringe-se de caracter de absoluta franqueza...»

Em 9 de Outubro de 1942, um telegrama se-
creto de Stohrer a Ribbentrop trata dos «ru-
"mores relativos ao estabelecimento de contacto
"entre os governos de Espanha, Portugal, Ar-
"gentina e Chile» para formação de um blo-
co; interrogando o ministro dos Estrangeiros
Jordana, este respondeu «com a sua habi-
"tual prudencia» que nada conhecia o assun-
to porque entrara em funções ha pouco, mas
julgava que os dois paises americanos e' que

tentavam a realização desse «bloco» que po-
deria ser proveitoso para contrabalançar a in-
fluencia dos Estados-Unidos e reforçar a reta-
guarda portuguesa no caso de agressão anglo-
saxonica. Contudo Jordana solicitou a sonda-
gem a Berlim a tal respeito.

Seguem-se documentos relativos ás rela-
ções espanho-alemãs p.ª a hipotese da entra-
da da Espanha na guerra.

Em Janeiro de 1943, Moltke, então em-
baixador em Madrid, trata de varios assuntos
mas começa a duvidar da vitória do Eixo e da
influencia desta duvida no espirito dos diri-
gentes espanhois; e em Fevereiro, em nota p.ª
Ribbentrop, como a anterior, exalta a impor-
tancia da neutralidade da Peninsula «como
"ilha de paz no meio da guerra tão rancorosa»

No mesmo Fevereiro de 1943, Moltke
afirma a Ribbentrop que Franco tem con-
tinuado com actividade no sentido da «pre-
"paração do clima para negociações de
"paz» que tentaria o caudilho ás honras
de mediador"(1). Destas negociações Portugal
era «informado regularmente nos termos

---

(1) Os sublinhados são do documento.

"dos ultimos acordos de Lisboa » e « dene-
"rá (Portugal) representar papel importan-
"te » no agrupamento de neutros que se pro-
jectava. Moltke tinha até a impressão de que
esta actividade mediadeira de Franco consti-
tuia um dos factores determinantes da sua
politica.

Os documentos seguintes continuam
a tratar das negociações de paz por inter-
medio da Espanha junto da Inglaterra. Em
um desses documentos (n.º 54, de 7 de Abril
de 1943) fala-se dum embaixador alemão
Eisenlohr que nesta altura andava ocupa-
do « durante muitas semanas ainda com
"as negociações com Portugal.» Não ha indi-
cações a respeito dessas negociações mas
diz-se no docum.to que elas teem incomo-
do « o extremo nervosismo dos espanhois »
por estes verem que estas ditas negociações
teem sido preferidas nos meios diplomaticos
alemães ás que andavam pendentes com a
Espanha. Para evitar conflitos ou descon-
fiança a Alemanha resolveu mandar ou-
tro embaixador, o dr. Schlotterer « rea-
"tar immediatamente » as negociações com
Madrid.

No ultimo documento, telegrama secreto ou confidencial de Dickhoff, então embaixador em Madrid, para Ribbentrop, datado de 1 de Maio de 1943, tratam-se de varios assuntos que interessavam á Alemanha e á Espanha tratados na primeira entrevista do embaixador com Franco que o recebeu «com a pompa castelhana e africana em uso...» Ao correr da conversa assentou-se em que a Peninsula estava livre de qualquer agressão inglesa ou americana; e Franco disse calcular que «neste momento, Portugal não corria nenhum perigo. Somente se receiava que o Estados-Unidos dessem qualquer assalto repentino aos Açores, contra o qual assalto, aliás, Portugal se defenderia na medida dos seus recursos.»

E assim termina a serie dos 55 documentos secretos, encontrados pelos aliados no ministerio dos negocios estrangeiros da Alemanha. Não faço comentarios mas da leitura salta a preocupação de superiorid.e dos espanhois perante nós; quando quero acreditar que o Salazar seria muito supe-

rior em mânhas, reserva e boa visão dos sucessos aos seus muito ilustres opositores. E a razão é simples: os outros são simplesmente generais...

E lendo bem o relatorio de Stöhrer, este puxa bastante p.ª a verdade.

Coimbra

Dezembro: 8.

La vai hoje extensa carta ao Aurelio Nunes da Silva acerca das comemorações centenarias de Portalegre. A carta vai quasi doutoral...

«... Só ha pouco chequei; o tempo máu e uma ligeira grippe não me deixaram sair da quintarola. Por isso só agora vou responder ao meu caro Am.º se bem que, pelas suas informações, vejo que pouco mais eu poderei dizer.

«Vamos por partes, segundo as regras da velha retórica que em bons tempos do seculo passado eu tive que meter na cabeça para poder ficar aprovado nemine discrepante...

«A) Recebi um convite muito amavel (certamente suscrito pelo Nunes da Silva) da

1728 Comissão do Centenario. Já respondi agradecendo e dando a vaga promessa dum trabalho historico qualquer e da m.ª presença em Portalegre na semana festiva.

«B) Quanto ao trabalho historico prometido (que aliás o meu Am.º já tinha tambem solicitado) confiava em que os Mss. da Biblioteca da Universidade me dessem assunto. Fui, como S. Tomé, verificar e, na realidade, ha umas especies curiosas relativas ao cerco e rendição de 1704, especies que não servem como documentos para a historia séria porque são satiras, larachas, poesias jocosas, provas perfeitas do nosso eterno vicio de chalacear mesmo com as desgraças da Patria; mas davam para um pequeno estudo do ambiente e para considerações acerca do nosso caracter, etc. etc. Ponho-lhe, pois, o caso com a maior franqueza: para o seu resumo de historia militar não lhe servem, são lugigangas que não tiram nem põem; e para um estudo especial talvez desse coisa de algum interesse e eu teria m.to prazer em o fazer á minha moda. Caso o meu caro Am.º concorde assim farei e o director da Biblioteca já se ofereceu para o publicar no Boletim correspondente ao ano de 1950.

Que me diz? Peço a sua franqueza sem receios de qualquer especie.

«C) Quanto ás suas leituras... terão, oh Deuses Imortais! O Nunes da Silva vai deitado abaixo estantes sobre estantes... E a esta hora deve ter esgotado o assunto. Eu, compulsando os meus ficheiros, vejo que dificilmente lhe darei novidades, pois as obras citadas (algumas das quais possuo) seriam as que eu lhe citaria com excepção de uma ou outra. Vai, contudo, uma nota ajunta com muito poucas indicações.

«D) Desculpe não lhe ter mandado ainda os n.os do Correio de Coimbra de que me fala na sua carta de 25 de Outubro; coisas urgentes têem-me tomado o tempo, mas amanhã ou depois irei tratar disso com a melhor vontade. Depois de quatro meses de ausencia, havia assos acumulados que tive de resolver.

«E agora, meu caro Am.º, continue no trabalho pois me parece que tem muitos elementos já para o simples resumo que deseja. E creia-me, etc. etc.

E aqui estou eu feito consultor historico e protector de monografias...

Confesso que não desgósto de aconselhar, em tais assuntos, o que a m.ª experiencia me diz; e este Nunes da Silva que eu conheci em Portalegre, quando em 1910 para lá fui desterrado, é creatura simpatica que merece todas estas atenções e a boa vontade possivel.

Vamos, pois, andando.

Coimbra.

Dezembro: 11.

Extractos de carta para o Pires Monteiro em que é abordada uma sugestão relativamente a uma especie de historia da literatura militar:

«.... na sua ultima carta, do dia 5, ha uma indicação preciosa: a vontade de um artigo, ou possivelmente livro, acerca dos nossos escritores militares.

«Grande projecto!

«Para artigo, é assunto grande de mais; embora a nossa literatura militar não seja das mais abundantes, a noticia mesmo ligeira q. fosse, das suas caracteristicas e dos seus cultores, dava para serie de artigos e não caberia num só.

«O nosso amigo Ferreira Lima, ha uns anos, quiz-me convencer de que eu deveria fazer uma <u>Historia da Literatura Militar Portuguesa</u>; e eu, sem querer, nas primeiras impressões, ia dizendo que sim...

«Creancices de velho. Mas, caindo eu nisso, vi a magnitude do problema, a falta de tempo e... disse-lhe que a fizesse ele!...

«Ora agora, a sua ideia fez-me despertar essas recordações e levaram-me a perguntar-lhe: porque não tenta o Pires Monteiro essa tarefa? Desde já lhe digo que é grande mas tambem lhe digo que está ao seu alcance. Tem metodo e capacid.e de trabalho e se não tem a vida presa com empecilhos como eu, estará nas condições.

«Quanto ao q. me solicita, com o maior prazer darei as notas necessarias; mas como vive estes dias m.to ocupados e para a semana irei a Lisboa passar as ferias, tenarei as notas pessoalmente. Tanto mais que me avisa de que não tem pressa.

«Pois pense no assunto e mãos á obra! E creia-me, etc.»

Coimbra

Dezembro: 13.

Hoje, com o dr. Gumersindo da Costa Lobo, fui á Universidade falar com o dr. Damião Peres, professor de Letras e muitas coisas mais para lhe pedir que, como director da secção de Numismatica da Casa da Moeda, conseguisse do director da mesma, a cunhagem de uma medalha commemorativa do centenario de Antonio Augusto Gonçalves.

O Homem que hoje, como tantos! está convertido não só a religião catolica - apostolica - etc. como tambem á religião do Estado Novo, recebeu-nos muito amavelmente e, com toda a afabilidade, nos deu a certeza de que faria todos os esforços para a realização do pedido, tanto mais que a Casa da Moeda iniciou já uma serie de medalhas commemorativas de homens notaveis portuguezes.

Pareceu-me que o dr. Damião Peres compreendeu bem o que queriamos e aceitou de boa vontade a interferencia. A' saída o dr. Gumersindo commentou:

— Não ha nada como ser inteligente...

E' certo, pensei eu e continuo a pensar; mas, á cautela, é bom esperar pela resposta

do director da Casa da Moeda, e avaliar o va-
lor e interesse do intermediario.

Não vá eu espaçar-me...

Coimbra.

Dezembro: 16.

O oficio dirigido ao director da Casa da Moeda conforme pedia o dr. Damião Peres em 13 do corrente, ficou assim redigido:

«Ex.mo Sr. Director da C. da M. — Os abaixo assinados, constituídos em comissão que celebrou, desde Dezembro do ano p.p. até Junho do corrente, o primeiro centenario do nascimento do insigne professor, arqueologo, e escritor conimbricense António Augusto Gonçalves, desejaram que dessa comemoração ficasse mais alguma coisa de perduravel. Com esse desejo, dirigem-se os mesmos a V... solicitando que, na serie de medalhas de homens notaveis portugueses que V... vão inteligentemente e patrioticamente iniciou, fosse incluída a do Ant.º Augusto Gonçalves que, pelo seu valor intelectual e moral não desmerecerá dos outros — condição sem a qual nos não atreveriamos á solicita-

ção que aqui fazêmos. — Informámos V... de que o escultor Costa Mota Sobrinho tem quasi completa, a nosso pedido, a maquette necessaria. — E afirmando a V... o muito reconhecimento pela atenção que lhe possa merecer este nosso muito justificado desejo, assinámos-nos, com toda a consideração — A Bem da Nação — etc.»

Seguiam-se as assinaturas de todos os da comissão, para não haver enganos...

O ilustre director da Casa da Moeda, que é um oficial do exercito qualquer, que eu não conheço, será capaz de anuir? O Daniel Peres será capaz de patrocinar o pedido com eficácia?

Vamos ver, vamos ver.

Coimbra

Dezembro: 17

Outrora, num electrico, encontrei o dr. Costa Pimpão que parecia fingir que me não via. Mas eu dirigi-me a ele e perguntei se já tinha resposta da D. Maria Lina Ferreira Lima. Vi-lhe fazer um gesto vago, com um esboço de sorriso de que não

gostei; e murmurou, olhando para a rua, qualquer coisa que queria dizer ou mistério ou contrariedade grave...

Eu fiquei-me a olhar; e, naturalmente, na minha expressão haveria tal interrogação e estranheza por a sua atitude que ele levantou-se e convidou-me a sair na primeira paragem. Estávamos, nessa altura, na Praça da Republica; e ele então contou-me que recebera uma carta do Mario de Sampaio Ribeiro, um pouco agressiva, quasi em nome da filha do Ferreira Lima, declarando que era tido prematuro a respeito da vinda da garrettéana para Coimbra; dizendo que a D. Maria Lina não queria suas ofereceria a dita garrettéana á instituição que quizesse, etc. etc. e que era de estranhar a deliberação do dr. Costa Pimpão em assunto tão reservado...

E' claro que o Costa Pimpão ficou admirado e naturalmente com a impressão de que a minha intervenção no caso não fôra correcta ou fôra, pelo menos, leviana. Daqui, certamente, o gesto e o sorriso que me surpreendi, proprio de um catedratico de capelo e borla que se quer embora o gesto e o sorri-

se não fosseu grande prova de sua educação. Mas adeante.

Eu, então falei-lhe claro e com certa dureza; disse que o Sampaio Ribeiro não tinha que se meter no assunto e que a minha intervenção fôra a sério e sem interesse de qualquer espécie, etc. etc. Expus nomeam.te, talvez com mais minucia, as conversas que tive com a D. Maria Lina, das quais se inferia a certeza de que a garrafeira ou vendida ou oferecida, viria para Coimbra.

Depois da minha fala o Costa Pimpão pareceu-me mais humanizado, disse que escreveria logo á D. Maria Lina uma carta em que pedia desculpa de qualquer mau bocado que lhe fizesse passar e outra ao Sampaio Ribeiro a explicar as razões da carta á filha do Ferreira Lima.

Conclusão: despedi-me visivelmente aborrecido com o incidente, especialm.te pelo juizo que o catedratico Pimpão poderia ter feito. Logo que cheguei a casa, escrevi uma carta á D. Maria Lina com m.tas desculpas pelo incomodo moral que a minha bem intencionada deligencia lhe teria causado e quasi com a declaração de que não mais fa

teria no assunto nem mais incomodaria fosse quem fosse.

E ponto final.

Quem me mandou a mim meter-me em casos destes?

Coimbra

Dezembro: 21.

Ontem, ao telefone, fui chamado pela D. Maria Lina que está em Coimbra, em casa da D. Raquel Bermudo, onde veio passar uns dias. Depois dos cumprimentos, disse-me que vinha a minha casa — e realmente veio e conversou largamente.

De começo, não lhe falei no caso da gar retteana; mas ela, percebendo e de certo tendo lido-se da m.ª carta, abordou o assunto com a seguinte pergunta:

— Então, sr. F... que conselhos me dá?

Vi, por isso, que não ficara zangada ou melindrada; e concluí por não compreender a atitude do Sampaio Ribeiro.

Entrámos, pois, amenamente, na conversa e de novo lhe fiz ver que onde o gar retteana ficaria bem era na Faculd.e de Letras de Coimbra, etc.; e depois de também lhe fa-

ver ver que da nossa parte (minha e do Costa Pimpão) não houve qualquer intenção menos correcta e tudo era resultante da conversa que com ela tivera em Lisboa no mês passado, a D. Maria Lina mostrou-me as cartas do Costa Pimpão para ela e para o Sampaio Ribeiro.

É possível que o Pimpão não fosse suficientemente diplomata para com a rapariga; mas na segunda carta desculpava-se comigo, como quem queria dizer que fôra eu que o metera na embrulhada...

O que me pareceu de pouca correcção e de pouca verdade. Mas adeante.

A intervenção do Sampaio Ribeiro é q. fica por compreender.

Vamos também adeante.

Para encontrar razões e como fiquei impressionado com o estado mental, bem visível, da D. Maria Lina, sempre dominada por ideia fixa que não cheguei a perceber, com também em estado de incerteza que me incomodava, convidámo-la para jantar hoje e propus-lhe uma conversa com o dr. Costa Pimpão para este se explicar e ver como estava a funcionar aquele pobre cerebro.

E assim foi.

Aqui, no meu escritório, falou-se claramente no assunto e ela então explicou que o seu desejo seria, numa casa da rua de Garrett de Carvalho, em Lisboa, onde o Pai nasceu e, por coincidência, muito perto daquela onde morreu Garrett, instalar a garretteana e toda a biblioteca galeriana, com os móveis e todas as bugigangas das colecções; daria ao conjunto o nome de Casa-Museu Ferreira Lima e ficaria aberta ao público.

Dava-se o caso de o prédio estar agora devoluto e como era propriedade dum primo já entabolára negociações com eles. Estes, porem, homens mais práticos e por consequência sem preocupações de tal especie, iam fazer obras para que o predio ficasse com duas moradias, cada uma para seu dono, e assim o projecto esbarrava com o utilitarismo dos dois primos.

Ora esta apresentação de novo plano foi mais ou menos um balde de agua... E para mim uma inteira surpresa.

Porem, cautelosa e pacientemente, quer eu quer o Pimpão fizemos-lhe ver ou, pelo menos procurámos fazer-lhe ver que, para

perpetuar o nome do Pai, melhor seria a garrettearia ficar em sala da Faculdade de Letras de Coimbra onde muitas gerações passariam e onde os estudos feitos deixariam nota da origem, etc. etc. Eu fui até mais longe porque, com certa surpresa da Costa Pimpão, procurei mostrar-lhe que a Universid. de Coimbra é a única universid. portuguesa com prestígio lá fóra e a sua Faculd. de Letras beneficia desse prestígio — de onde viria maior conhecimento da obra garrettearia do Pai — o que não deixa de ter certa razão, segundo julgo.

Dissémos mais que a Casa Museu exigia uma instituição do Estado a que se ~~~~ afoitasse e não teria e não teria a repercussão que teria a sala na Faculdade de Coimbra, etc. etc.

Ela parecia convencida; mas com o olhar vago, ás vezes fixo no chão, com uns silencios exquisitos de quem se alheára completamente da conversa, deixou-nos a impressão triste de que aquele cerebro funciona mal.

A D. Raquel Temudo, em casa de quem ela está, compreendendo isso, conseguiu le-

va-la ao medico neurologista Correia de Oliveira que, talvez brutalmente, lhe disse necessitar ser internada p.a tratamento rigoroso. A palavra internada arrifiou-a e fez-lhe mal. Uma trapalhada.

A conversa, parece, teve a vantagem de o Costa Pinhão ver, com os seus olhos, que se a atitude da D. Maria Lina vinha do seu estado mental muito deprimido e não de ter arranjado um par de botas sem tom nem som. E concluímos depois, já a sós, que seria melhor não se mexer, por ora, mais no assunto e dar tempo ao tempo.

E como conto ir a Lisboa pelo Natal que aliás está à porta, e ficar umas semanas de Janeiro, verei então como ela está e procurar concluir alguma coisa.

Enfim... Eu já tinha idade para ter juizo e devia lembrar-me de que a Universid.e é sempre a mesma Universidade e de que eu sou um pobre diabo que não deveria meter-se em cavalarias tão altas.

Vamos a ver.

J

~ 1950 ~

Lisboa.

Janeiro: 1.

Cá estamos eu novo ano...

Que diabo se lhe ha-de fazer? O tempo corre, o mundo rola e o calendario vai marcando tudo com a melhor regularidade possivel.

Pois é verdade, novo ano!

Deve ser como os outros.

E apesar da afreposada amenidade do nosso clima e em especial do de Lisboa, es tá hoje um frio de rachar.

Pois que rache á sua vontade e... vamos adeante. Apesar dos setenta já feitos ca es tou para lhe resistir conforme poder.

E sem biografia. As cautelas e os caldos de galinha valem de muito...

Lisboa.

Janeiro : 3

Hoje, num alfarrabista, por puro acaso, li nas relações ~~[illegible]~~ que o Secretariado da Propaganda e Informação envia regularmente com títulos de livros e nomes de autores cujas obras se não podem vender a indicação da Cartilha do Povo do dr. José Falcão. E restei que essa indicação vinha numa série de livros de propaganda comunista.

O dr. José Falcão comunista!

E' possivel que esta classificação provenha de ele ter escrito um opusculo sobre a Comuna de Paris, em 1872. Com esta gente que governa todas estas explicações são possiveis.

O dr. José Falcão... bolchevista!

Lisboa

Janeiro : 10

Já fui entregar ao dr. Damião Peres o oficio da Comissão do Centenario de Antonio Augusto Gonçalves que pede ao director da Casa da Moeda a cunhagem duma medalha comemorativa.

E' conveniente notar aqui, para validade, que fui entregar o oficio ao dr. Damião Peres

que é professor da Faculd.e de Letras de Coimbra, á Casa da Moeda em Lisboa onde parece que passa o seu tempo como director da secção de numismatica. Isto é: quem quizer falar ao professor de Coimbra, dr. Damião Peres, tem de o procurar em Lisboa...

Posto isto, vamos adeante.

Recebeu-me bem, numa saleta aquecida, com belas poltronas e tapetes fôfos, mas sempre com o mesmo ar afreguesado de quem vai para o comboio.

O oficio já aqui o deixei, atraz, em 13 e 16 de dezembro do ult.º ano [1] bem como alguma conversa com o professôr. Este, puxando dos oculos, leu atentamente o papel e depois, mais atentamente, começou a decifrar as assinaturas, uma por uma, pedindo explicações acerca do Alvaro de Lemos e João Machado de quem não estava bem certo...

Isto tudo me deu certo aspecto inquisitorial. Esta inquirição acerca dos nomes deu-me no gôto. Queria ele ver se entre os signatários haveria algum comunista? Ou queria averiguar do conformismo ou

---

(1) A pag.ª 210 e 211 deste vol.º

inconformismo dos dias, perante a actual situação política? O cuidado que ele pôz nas assinaturas foi, para mim, uma surpresa desagradavel.

Mas enfim, lá ficou o papel. O dr. Peres, quando concluiu o exame quasi que pôz na rua com a sua habitual puxadela do relogio. E' claro q. me levantei logo, despedi-me, desci as escadarias largas, como de teatro, e na rua medi-tei sobre a breve entrevista...

E pensei que seria melhor não se ter travado a deligencia. Vamos a ver. Mas pelo começo... o exito parece-me pouco certo.

E pronto.

Lisboa,

Janeiro: 15.

Disse-me hoje o Dires Monteiro que a D. Maria Lina Ferreira Lima estava em tratamento numa casa de saude em Carnaxide.

Deu-se o previsto.

A casa de saude é para doentes mentais e pertence a qualquer ordem religiosa

Sempre houve quem a começasse a tratar-se e oxalá dê os resultados que merece. Infelizmente as impressões que deixou

em Dezembro último, quando foi a Coim. bra confirmáram-se.

Pobre rapariga!

Coimbra.

Janeiro: 27.

Ha pouco, em Lisboa, o Pires Monteiro, em conversa, aflorou-se a vaga aquiescencia a um possivel convite para eu exercer o cargo de Director-Secretario da Revista Militar na hipotese de mudar a m.ª residencia para Lisboa.

O Pires Monteiro, em sessão de Direcção, naturalmente falou no assunto; e eis que recebo um oficio do presid.te da Direcção da Revista, o general Teix.ª Botelho, no qual me congratulava com a m.ª resolução de mudança de residencia p.ª a capital e a aceitação do cargo de Director-secretario.

Aquilo foi dito e feito.

Lá respondi hoje com um oficio muito amavel, com agradecimentos, mas dando a entender que a m.ª ida para Lx.ª estava em hipotese, apenas, e que a m.ª idade não era a mais adequada p.ª os trabalhos inerentes ao cargo que exigia mais vigor e actividade.

Enfim, amavelmente, acatei a pressa do Pires Monteiro embora, fº não parecer desagradavel, não estroçasse recusa.

Coimbra.

Fevereiro: 14.

A Casa da Moeda respondeu já ao nosso apêlo de dezembro [1] acerca da medalha commemorativa do centenario de António Augusto Gonçalves.

Veiu dirigido para o dr. Gumersindo da Costa Lobo, certamente por ser o amigo doutor da comissão; e depois de dizer que recebeu a exposição por intermedio do Sr. Damião Peres, conclue: «... tenho a honra de informar V... que o assunto vai ser attentamente estudado, a fim de ser resolvido na devida oportunidade.»

Na devida oportunidade... Isto é: a resolução será sempre adiada e a medalha não se chegará a fazer.

Era de contar com tal despacho. No entre tanto, como gente bem educada, mandámos hoje um ofício de agradecimento e declarámo-

---

[1] A pag.ª 211-212.

mos que mantinhamos a esperança de ser atendido o pedido. Simples formula, é claro, de boa educação.

E pronto.

Hontem fui ao Povim passar a tarde com o Lourenço Chaves Almeida. É sempre agradavel uma tarde ali passada e por isso mesmo mandei hoje um cartão bem humorado e bem intencionado:

« Meu caro: Uma tarde no Povim é sempre um motivo de boa disposição para uns dias. Sossêgo, palestra amena sem receios de ouvidos indiscretos, recordações de outros tempos, assuntos agradaveis de ouvir e de expôr — tudo se junta para uma boa disposição, alem das excelentes torradinhas que suas Filhas querem sempre dar, como pábulo benevolente para o meu velho vicio e, já agora, para este vicio de velho. Bem hajam todos!

« Mando-lhe tres recortes de jornais por este correio: o do Nemesio, o do Raul Lino que parece, até certo ponto, provocado por aquele; e uma noticia acerca duns cabelos de três

de Castro que lhe não será indiferente ver e guardar.

«Até breve, em dia alegre e menos frio. Um abraço, etc.»

Coimbra.

Fevereiro 15.

A D. Maria Lina, filha do Ferreira Lima escreveu. Diz-me que realmente estive em tratamento na casa de saúde de Carnoxide e que veio de lá «bastante melhor do antes "mais calma para enfrentar a minha irrefará "vel sorte.»

Sempre o mesmo bardão. Oxalá ela real mente melhore e o caso de garrettiana ve nha a arrumação devida.

O dr. Costa Pimpão continua a ler, quando nos encontrámos, um sorriso tão esquisito que já tive vontade de lhe dizer qualquer coi sa em tom aspero, ou preguntar-lhe se ele julga que eu sou aldraião.

Estes cavalheiros de cafelo e barba julgam se os unicos entes com cabeça e saledaria; e este ainda é dos de fôrma aubipa apesar de ser novo.

Coimbra

Fevereiro: 24.

Carta para o dr. Fernando da Silva Correia, actualmente director do Instituto do Doutor Ricardo Jorge e grande figura, segundo parece, em assuntos de Higiéne.

«... Agradeço sinceramente a carta de V... não só pela atenção como porque constitue, para mim, uma bela lição e um incitamento.

«Quanto a incitamento devo dizer que já puz cobro a trabalhos novos e muito mais áqueles que demandam investigações; agora, resumo a vida em arrumar o que ainda anda disperso na minha papelada. Mas nem por isso deixei de apreciar a boa intenção de V... que, ha 20 anos, me daria ganas de mergulhar nos arquivos em busca de novos filões.

«Agora... Lugar aos novos!

«As notas que V... leu tão benevolam.te são apenas esquirolas duma vasta ossatura abandonada, notas que eu escrevo para me ver livre das insistencias de dois amigos que tenho no jornal e que, ao mesmo tempo, vão deixando sinal do que por aqui tenho em ver-

betão e varios volumes manuscritos arre cadados.

«Mas quanto á duvida de V... acerca da capela da Sª da Piedade, deu-se o caso de a nossa rapida conversa em Janeiro ultimo ruim electrico em Lisboa me levar a fazer umas notas exactamente respeitantes ao tem jolozinho pitoresco de Palmas; e quando rece bi a carta de V... já as tinha mandado para a tipografia, a primeira das quais saiu no nu mero de ontem.(1)

«Logo que as tres notas sejam publica das, mando-las-ei a V...; e embora não di gam definitivamente que entre a capelinha e o hospital não havia relação, quero crer que V... verificará a impressão que eu sempre tive, isto é: de que a empresa piedosa de Do mingos Pires não tinha relação, oficialmente, (para melhor me explicar) com a obra de as sistencia hospitalar da vila.

«Compulsei o arquivo da Confraria da Piedade e não encontrei qualquer referencia; e em toda a papelada de outros arquivos que manuseei, a mesma coisa..

---

(1) No Diario de Coimbra.

« É possivel que eu esteja em erro, mas com os elementos que encontrei creio que mais nada se poderá concluir.

« E desculpe V... tomar-lhe tanto tempo e creia que se não fosse o natural desânimo da idade o assunto ainda me tentaria.

« E creia-me ainda, etc. »

O dr. Fernando Correia insiste, na sua carta, em que o hospital da S.ª da Conceição da vila de Miranda do Corvo deveria ser consequencia da fundação da capela da S.ª da Piedade de Taboas, pois, segundo diz, « o culto "da S.ª da Piedade andava ligado á pratica das "obras de misericordias, por confrarias ou "não. » E incita-me a meter-me pelo problema: « e gostaria q. continuasse as suas "sempre tão escrupulosas investigações. »[1]

Eu creio que não, como escrevi na carta que aí ficou copiada: a capela nada tinha com o hospital. Mas póde ser que eu erre. Outros que estudem o assunto, que eu já dei o que tinha a dar. E, vá lá! que não dei muito pouco.

---

[1] A carta está na colecção.

Coimbra

Fevereiro : 26.

Carta para o Ernesto Soares. Assunto: a gravura em madeira, felizmente, agora, um pouco reabilitada entre nós:

«.... Foi com m.to prazer que recebi as suas notícias e a afirmação de que continua com os estudos a que tão superiormente se dedica. Ainda bem!

«E oxalá a saude e boa disposição para eles continuem pois são trabalhos a que se não liga a importancia e para os quais o meu Ex.mo Am.o veio chamar a atenção, segundo me parece, com exito.

«Veja, por ex.o, a Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira em publicação: os gravadores ficaram, em geral, no tinteiro. E' certo que lá veem o Caetano Alberto, o Lallemant, o Neto, por ex.o; mas não encontro o João Pedroso (!!) o Pleiter, o Penoso e outros.

«A' cautela, fui mandando para lá notas acerca de meu tio Rafael Pimenta e hei-de mandar, a seu tempo, outras sobre o outro tio Alberto Caet.o da Silva. Enfim... vamos a sua carta, deixêmos lamentações.

«Não tenho duvidas, de qualquer especie, em lhe mandar as notas que péde. Todos os dias estou á espera da separata da Revista de Guimarães com o artigo acerca de Albino Caet.º da Silva Pinto; revi provas ~~acerca~~ ha cerca de 2 mêses e tencionava (e tenciono) mandar-lhe, logo que cheguem, um exemplar exactamente porque contava já com o que me diz da publicação da sua bela conferencia. Louvôres sejam dados á Camara lisbonense.(1)

«Quanto a chapas de madeira de Rafael Pimenta, não tenho. De Silva Pinto estão algumas na Lousã e tres que mandei para o meu artigo ainda me não foram devolvidas de Guimarães.

«Quer que eu vá á Lousã e escolha uma ou outra? pois para repetir as do meu artigo não terá tanto interesse.

«Quanto ás minhas... tenho em meu poder apenas duas que vão marcadas na relação junta; mas eu fui um amador tão obscuro que francamente não vale a pena querer notar obras sem valor.

---

(1) A Camara subsidia a publicação

«O meu Amigo, porem, dirá de sua justiça. E assim se fará.

«Da velha xilogravura anterior ao sec.º XIX nada sei. E desse Penoso de que me fala, só sei que trabalhou muito e menos mal, mas desconheço-lhe a vida e condições de trabalho.

«E sem mais, creia-me, etc.»

Coimbra.

Março: 5.

Carta para o capitão ou major Armando Pascoa, director da revista Infantaria, carta que não necessita de prologo.

«. . . . Ante-ontem estava eu a escrever ao director da revista Infantaria quando o carteiro da distribuição da tarde deixou a circular impressa e o amavel cartão de cumprim.tos do meu ex.mo camarada.

«Achei curiosa a coincidencia e suspendi a carta porque o convite de V.Ex.as obrigava a pausa e a certo cuidado na resposta.

«Ora a razão da minha carta de 3 era a seguinte: desde 1936 que tenho na gaveta umas paginas de impressões colhidas pessoalmente no local dos Atoleiros onde me leváram a

curiosidade e o desejo de ver esse Verrê-
no em G. Guimarães, com tanto rigôr,
demonstrou as suas raras qualidades de che-
fe militar.

«Nunca as publiquei por não saber on-
de e por duvidar do seu merito; e como ago-
ra anda acêsa a polémica acerca da estátua
e a vossa revista lançou o primeiro alerta,
lembrei-me de as oferecer ao Ex.mo Camara-
da para as paginas da Infantaria no caso
de entender que não desmereciam.

«Essa a razão da carta que lhe ia escre-
ver; porem, vejo no cartão a indicação de
«revista tecnica» e quero crer que não ve-
rá nela calinadamente um arbijo de simples
impressões com actualidades literarias.

«O Ex.mo Camarada dirá de sua justiça
com a maior franqueza.

«Quanto ao convite da circular, que
poderei eu dizer, afastado como ando da
polemica como de quasi tudo?

«E' certo que tenho uma opinião, mas
não eclectica ela é que não sei se poderá en-
fileirar ao lado de outras bem definidas e de
algumas, forçosamente, dogmaticas. Con-
tudo, para corresponder á sua distinta ama-

bilidade, vou ver se, por estes dias, encon-
tro disposição de espirito para resumir em
meia duzia de linhas o meu modo de enca-
rar o problema.

«Muito e m.to obrigado pela prova de con-
sideração com q. [redacted] distingue um velho tra-
çado ao canto e creia que, etc.»

E aqui fico entalado com a obrigação
de dar uma opinião sobre a estatua de Nuno
Alvares Pereira que uns querem a cavalo e
outros a pé. Temos nova guerra do alecrim
e da manjerôna.

E' para haver em que entreter o espiri-
to. Não deve ser só com o foot-ball.

Coimbra

Março 17

O Armando Pascoa já respondeu e
na volta do correio.

Muito amavelmente, aceita a oferta do
artigo sobre os Aloeiros. Lá irá amanhã
ou depois, revisto com cuidado e passado a
limpo.

Para o que dér e vier.

Coimbra:

Março: 17

Uma historieta alegre... E' para não ser dito escrito em tom soturno.

No Instituto de Coimbra quando ha conferencias, a mêsa da presidencia constitue-se sempre com professores universitarios ou pessoas de categoria oficial; nunca lá vi nem vadias creaturas fóra destas zonas elevadas da sociedade conimbricense

E' preciso antipo, segundo parece, correspondente á prosapia cathedratica; e os reitores universitarios quod est, est. Pronto, não se fala mais no assunto.

Ora ontem houve sessão para ouvir uma conferencia do professôr francês Yves Renouard, da Faculd.e de Letras de Bordeus especialista em historia economica medieval. O presidente e o vice-presid.te não poderam comparecer por motivo de doença e encarregáram o dr. Torcato de Sousa Soares de fazer as honras da casa.

Muito bem, até aqui.

Quando os diripentes do Instituto vinham com o conferente, dos gabinetes e salas da direcção para o salão das conferencias, o dr. Tor

cato Soares veiu falar-me e, voltando-se para o dr. Gumersindo da Costa Lobo e outros que o seguiam, disse esta enormidade que me pareceu ser continuação de conversa lá dentro:

— E porque é que o sr. Coronel não ha-de presidir? Então eu é que hei-de presidir sempre?

Eu esbocei logo um gesto anuncl de recusa e ia a dizer qualquer coisa que justificasse o gesto, quando o dr. Costa Lobo atalhou com certa pressa:

— De certo, o sr. Coronel não veiu preparado...

Estes homens de cafelo e barba são impagaveis! Antes de eu me escusar, houve logo quem atalhasse para que eu não subisse á presidencia, eu, um pobre diabo sem o cafelo e a barba...

Eu, na verdade, não esperava nem o convite nem a objecção com veemencia eliminatoria. Ao convite, diria sempre que não; mas tambem, se imaginasse que me levantavam a objecção eu teria valor o despraser de dizer-lhes: embora com ar de quem se sacrifica:

— De facto, não contava com isso, mas tenho muita honra em ir presidir...

E iria sem medo. Para dizer o que eles dizem como sempre tenho ouvido, não é necessario queimar as pestanas e ter na cabeça a borla doutoral. E para a outra vêz, se acontecer o mesmo, digo logo que sim... E subo ao estrado da presidencia com o natural descaramento de qualquer professôr universitario...

O Torcato Soares, porem, foi amavel. Talvez notasse a observação do dr. Gumersindo e para remediar convidou-me para fazer parte da mêsa. E emparceirei com quatro capêlos no estrado da presidencia.

Já é!...

Uma honra para a familia.

Coimbra.

Abril: 12

Hoje a Maria Helena e o Cristovão foram visitar o seu antigo professor Carlos Simões Ventura, da Faculd.e de Letras.

Este recebeu-os muito bem, conversou muito e aproveitou o ensêjo para dar tremenda descasca no colega da Faculdade, dr.

Franc.º Rebelo Gonçalves ao qual atribue as razões por que se afastaram ultimamente da Faculd.e alguns rapazes de merecimento que poderiam ser excelentes professores.

E teve esta frase que me parece que deve ser fixada:

— E não podendo fazer dele um homem de caracter, cortei as relações por completo.

Eu fiquei um pouco admirado com isto. O Simões Ventura é ás vezes algum tanto excessivo nos seus juizos; mas o que teria havido para ele concluir que não conseguiu fazer do Rebelo Gonçalves «um homem de caracter?»

Ainda aqui deixarei um dia o meu juizo acerca do dr. Rebelo Gonçalves e talvez, tambem, acerca do Simões Ventura quando me servir com disposição para tal trabalho que vem que se lhe dipa... Por agora, fica só registada aquela frase.

E já não é pouco.

Coimbra.

Abril: 25.

O chefe do Estado-maior da 1ª. Repião Militar (Porto) em nome do general comand.te

que actualmente é o Manuel Couto, mandou-me um ofício solicitando-me indicações biográficas e iconográficas de três generais que comandáram noutros tempos a Divisão portuense. Querem organizar um livro de oiro (!) como já foi organizado em Lisboa e recorreram aos meus verbetes para completarem certas lacunas nas biografias dos ilustres comandantes.

Quem seria da ideia desta solicitação?

Fosse quem fosse. O que isso prova é que sou creatura importante em tal província de conhecimentos, isto é: em biografias de generais desconhecidos...

São eles: Henrique da Silva Fonseca de Carneira Leite, visconde de Alcobaça (1784-1853); - Francisco José Pereira, barão de Vilar-Gunfim, (1783-1848); - e Francisco Xavier Ferreira (1790-1865).

É claro que procurei nos meus verbetes e nos livros tudo quanto poderia encontrar para aumentar o numero de elementos biográficos e lá mandei, hoje, com uma carta para o chefe do Estº-Maior, as notas bem relacionadas e explicadas — para lá procederem aos grandes desvidas.

A carta, já agora, fica aqui arquivada por pura curiosid.e:

«.... Incómodos de saude fizeram com que não respondesse com a brevidade que dese-java, ao ofício de 9a dias. Peço o favor de, com os meus cumprimentos, apresentar as minhas desculpas ao Exc.mo General.

«Infelizmente a resposta é fraca. Nos meus verbetes e notas quasi nada encontrei a respei-to dos três comand.tes da Divisão do Porto e, em especial, da sua iconografia. Como o papel de qualquer deles não foi de grande vulto, o seu nome não se encontra frequentemente; e se-ria necessaria uma pesquiza minuciosa nas obras que tratam da Guerra Peninsular e das lutas civis de 1820 a 1851 para se completar a biografia — trabalho excessivo que não corres-ponderia aos resultados.

«De certo Vex.as recorreriam ao Arquivo Historico Militar quer para a iconografia quer para dados biograficos; fóra dele não se con-seguirá muito mais do que dizem os Dicioná-rios que é, sensivelmente, o que consta das pequenas notas que vinham juntas ao ofício. O que eu acrescento pouco mais é, mas vai

com a melhor vontade e o pesar de ser tão pouco.

«Casualmente encontrei referencia a retrato de outro camarad.te da 3ª. Divisão; certamente V.Ex.ª conhecem-no — mas a nota vai em obediencia ao prolegio quod abundat non nocet que os Latinos tinham como principio de saludaria.

«Renovo os meus cumprim.tos, etc.»

E aí está para que eu sirvo... Desde Janeiro que não faço outra coisa que não seja despachar pedidos deste genero!

Que não para o Diabo!...

Coimbra,

Maio: 3

Mais uma carta para o Pires Monteiro. Este amigo (que o é, realmente) obriga-me a um dispendio epistolar bastante grande. Não the tenho a mal, pelo contrario; tenho-o como amigo certo.

Aí fica a carta:

«.... Tinha resolvido, no ultimo do-mingo, responder á sua carta de 11 do mês

passado. Mas, nesse dia, os sinos da Universidade badaláram toda a tarde, anunciando ao burgo e aos arredores que mais uma ovêlha entrára no redil academico com a imposição liturgica do capelo e da borla.

« E é curioso que, nesses dias em que os sinos parece que deviam repicar de alegria por mais um triunfo da Inteligencia e do Trabalho, não senhor: o badalar é quasi um dobre, é uma plangente toada como se houvesse peste ou fome... Eles lá sabem.

« O bronze, afinal, transmite talvez o q̃. ha muito anda na gíria academica e no cuscurrilhar burguêz: a borla imposta por mão doutoral na cabeça do candidato é um « apagadôr... » O que ele apaga é que se não sabe bem; ha divergencias acerca do assunto, divergencias que nunca pensei em averiguar pelo respeito q̃. tenho pelas coisas sagradas...

« E, que diabo! a verdade é que in rebus universitatis quod est, est. E pronto. Talvez que o segredo ficasse enterrado com o sr. D. João III que eu ontem vi erecto no Patio das Escolas, em pedra dura, para aguentar o tempo, em frente á porta da Biblioteca onde fui trabalhar depois de larga ausencia.

«Adeante. Vamos a coisas praticas e deixêmos o tadalar do tirouxe e a tarla doutoral.

«Ora hoje, sim! hoje está um rico dia que si de verão e informa-me o Borda de Agua que é dia da Santa Cruz, dia glorioso em que Santa Helena com a parte de quem apanha uma cautela premiada, encontrou no Golgota a cruz-suplicio, já escondida entre giestas altas e fitos de alfanaca de colura. E por isso se fez ha pouco, ao som de morteiros que me assustaram, a inauguração de uma cruz de pedra, num largo dos novos bairros para os lados de Belas, com musica, foguetorio e agua-benta do Bispo-Conde...

«Feliz País e feliz Povo o nosso!

«Dia triunfal, o de hoje; dia de feriado; o céu azul, uma tipoia berisa para quebrar um pouco o calor prematuro — e agua benta a rodos, para limpar os pecados dos homens e, pelos vistos, das pirofrias pedras!...

«Ora bem. Vamos, como disse, a coisas praticas.

«De certo viu o ultimo numero de Infantaria onde continua o inquerito acerca da estatua de Nunalvares; e com certeza notou

duas coisas: uma, a pobreza quasi geral do valor das opiniões expendidas; outra, mais consoladora, a quasi unidade e firmeza de vistas dos velhos, quer os da nossa geração quer os mais adeantados como o general Pereira Bastos. Ainda bem! Consolei-me alguma cousa com isso. A velhice não é tão fraca como apregoam...

«E esta já vai adeantada e ainda não disse o que devia dizer logo do começo.»

E segue-se um assunto bem importante, causador, afinal, duma epistola a querer ser espirituosa. Sem querer, desviei o correr da pena para a facécia e grouxo, enchi quasi duas folhas de papel.

O que vale é que o Pires Monteiro gosta muito deste genero epistolar.

Leiria:

Maio: 7.

Vim a Leiria de proposito para ver a Exposição de Arte Sacra tão apregoada e para ouvir a conferencia do dr. João Gaulo.

A exposição, embora com certos defeitos, é um trabalho apreciavel de esforço e de boa

vontade; os leirienses são bairristas e, quando querem, fazem coisas que em muitas outras terras se não consegue.

A conferencia versou acerca de museus, o bordão preferido pelo João Couto. Metodologia, museologia e varias outras palavras modernas com que agora nos enchem os ouvidos.

Presidiu o Governador Civil, o medico leiriense Afonso Zuquete que me convidou para mêsa, por sinal que ao lado do padre superior dos franciscanos em cujo edificio se realizava a conferencia. Do outro lado ficou o Matos Sequeira que de Lisboa veiu tambem assistir.

O belo e novo edificio dizem-me que é destinado a uma universid.e catolica dirigida pelos ditos franciscanos.

Será ou não será; mas a onda sóbe e o Estado ajuda carinhosamente.

Adeante.

O João Couto expôz o seu têma com certo brilho e apresentou as novas ideias sobre museus. Não sei se terá razão; são assuntos em q. me não meto; mas o que eu notei foi a evolução que se operou no espirito

do conferente nesta provincia de conhecimentos artisticos.

Será ele sincero? Ou a evolução não é mais do que adaptação ao ambiente?

O João Couto formou a sua mentalidade á sombra do velho Antonio Augusto Gonçalves de quem se confessa discipulo. Por isso eu faço aquelas duas preguntas — que afinal são inocentes.

Coimbra.

Maio: 23.

As Notas que, sobre Miranda do Corvo, publico desde Junho do ano passado no Diario de Coimbra, tratam de todos os assuntos que a fantasia apetece. Assim, duas das ~~[illegible]~~ Notas referem-se ao chamado Tesouro de Chão de Lamas, das quais só uma ainda foi publicada no nº de 19 do corrente, apesar de terem sido escritas em começos de Março.

Ora esta primeira nota mereceu o reparo do velho Padre Avelino Dominguez, que eu conheci paroco em Lamas, ha uns bons 45 anos, pouco mais ou menos. Era ele então um homem novo, com pouco mais de 30 anos de idade, saudavel, vivo, bom fala-

dor e excelente garfo. Proclamada a Repu-
blica abandonou a vida eclesiastica e como
era de Podentes, conc.º de Penela, fez-se Vesou
reiro da Câmara do seu concelho. Passou de-
pois, creio que fº. fugir a suas vontades do
bispado, para Tavira onde exerceu o mesmo
cargo muitos anos até que, um dia, em obe-
diencia a ordens superiores, afoseurou-se e
Veue de vir para Coimbra, e ele aí anda, coi-
tado, já velho e um pouco trofego devido ao
reumatismo, a dizer missas a 20$00 pelas ma-
rias igrejas da cidade...

Os colegas não lhe perdoaram o desvio
que teue ha quarenta anos; e o bispo Coelho
da Silva, pobre erro, ameaçou-o com suspen-
são de ordens se não viesse á submissão.

Ora foi este P.e Domingues que, quando
jóde, foge até á sua casa da Lagoa de Podeu-
tes, que me escreveu a respeito da minha
Nota XXVII a que acima me referi. Manda-
me um excerpto da revista Brotéria referen-
te ao Vesoiro e informa-me de que se incli-
na a que o proprietario do mesmo seria o fa-
lecido morgado de Chão de Lamas, José de Pai-
va Manso Barrea Carvalho, o qual teria feito
o negocio com o governo espanhol, depois de

inutilmente querer faze-lo com o governo português.

É' possivel. E assim saíu do País um verdadeiro Tesouro archeologico.

Ora a carta do Padre Vaz a seguinte resposta que foi hoje para o correio:

«.... Muito e muito obrigado pela sua cartinha. E os agradecimentos não vão só pela tolerança da informação (que eu não conhecia) mas tambem pela certeza que me dá da leitura atenta que faz ás modestas ou mais do que modestas Notas miranduenses.

«Acerca do Tesouro de Chão de Lamas, tenho larga bibliografia espanhola; não conhecia, porem, esse trabalho publicado na Parochia que vou já amanhã ver na Bibliotheca da Universid.e; e iria já hoje (tanto o caso me interessa) se o dia não fosse consagrado á festa ruidosa dos estudantes o que equivale a dizer que anda o diabo ás soltas.

«Já entreguei no Diario o segundo artigo acerca do Tesouro e estou a ver que ainda dará terceiro.

«Tambem suspeito que o vendedor fosse o velho morgado Barros Carvalho; o q. me

admira é que, dando-me eu bastante com ele, nunca me tivesse falado em tão notável achado arqueológico. Talvez eu alguma coisa lhe pudesse fazer já que as preciosidades não saissem de Portugal. Paciencia.

«Refrito: muito e muito obrigado pela informação e pela atenção, etc.»

E antes de terminar com o episodio, cá lhe apara uma rectificação: o P.e Domingues não era Tesoureiro da Câmara em Penela e em Tavira mas sim contador judicial.

O seu a seu dono.

Coimbra.

Junho: 2

O Alberto Meira, do Porto, a proposito do meu art.º na Revista de Guimarães sobre meu Tio Albino da Silva, gravador em madeira e do meu interesse por essa especie de trabalho artistico, diz-me em carta que eu estava indicado para fazer a historia dos gravadores em Portugal...

Vê-se que o Meira não sabe bem o que diz. Respondi-lhe hoje com a seguinte epistola anuncl:

«. . . . Agradeço muito a carta de V... e as boas palavras que me dirige. Devo, porém, advertir que não sou o homem de que os nossos gravadores em madeira necessitam para que se lhes faça a história e se lhes preste a justiça devida.

«Confesso que gostaria muito de o ser; mas a verd.e é que comecei tarde com a tarefa e os anos caminham mais depressa do que nós desejámos. V... há tempo lembrou a minha alegre passagem por Valença do Minho a propósito do Minho Pitoresco; foi isso em 1907 para 1908 e tinha eu então os meus 27 anos. Deixe-lhe V... a conta com uma simples soma e veja se estou fresco e tenho para tarefa tão pesada. Limito-me apenas a fazer o que posso já que não faço o que desejava.

«Encontrei, nas minhas colecções, a gravura que tomo a liberd.e de enviar inclusa. Não sei do que se trata. Se V... vir que lhe serve para alguma coisa ou para O Tripeiro, tenho muito gosto em lha oferecer.

«Encontrei, também, há dias uns volumes de O Recreativo. Jornal Semanario, de Lisboa (Tipografia de Bulhões), de 1838, uma gravura, com vista do Porto, ainda com a ponte

de barcas; não tem assinaturas, é de técnica grosseira e é de desenho tão extraordinario que tanto póde representar o Porto como outra qualquer terra á beira dum rio. Tem como legenda: Noticia Geografica da Cidade do Porto e, na verd.ª, segue-se por mais tres colunas uma noticia qualquer.

«De certo VV... conhecem o trabalho; caso contrario poderei mandar tirar aqui uma fotografia para a remeter a V...

«Tomei nota do nome dum gravador (ou desenhista?), Santos; vamos a ver se dou com alguma coisa nas minhas buscas.

«E continue V... etc.»

Não conheço, pessoalmente, este Meira. Ele é que diz que me conhece desde Valença do Minho e de Viana do Castelo, de ha quarenta e tres anos. Assim será.

Coimbra:

Junho: 3.

O P.e Avelino Dominques, de Podentes, leu a minha segunda Nota sobre o Tesoiro de Chão de Lamas saída no Diario em 30 do mês findo e volta com nova carta extensa

mas muito curiosa. Dá-me noticias de ou-
tros achados archeologicos na sua região e
ao mesmo tempo faz considerações acerca
deles e tipa-os com a Reporminia. Curiosa, a
carta, que guardo com toda a justiça, mas á
geral não me meto a criticar.

De archeologia ... nada pei. Franqueza,
franquezinha como diz o Povo.

Coimbra.

Junho: 28.

No Primeiro de Janeiro de hoje vem a
noticia que aqui fica colada no final do volu-
me [1] e que mostra que já deu alguns resul-
tado a campanha levantada contra a esta-
tua equestre de Sumatheares.

A execução do monumento como esta-
va projectado foi suspensa officialmente e a
Direcção dos Monumentos autorizada a alterar
o contrato com o escultor.

Este caso da estatua é bem indicativo
dos nossos costumes e da nossa mentalidade.
Até o Augusto Casimiro deitou folheto sobre
o assunto, no qual reune seus artigos publi-

---

[1] A pag. 362.

cados com todo o entusiasmo de Poeta e de Infante, preconizando a estatua a pé, como nos Atoleiros!

Ora Nunalvares estaria a pé, nos Atoleiros? Enfim, a fantasia ainda vale muito e quem não tem que fazer... faz cotheres.

Coimbra.

Julho: 16.

Hoje, procissão solene da Rainha Santa, desde a igreja do Carmo, na Sofia, até á de Santa Clara.

Muita e muita gente. Procissão extensissima; etc. etc.

Vi passar o ~~[illegible]~~ cortejo na rua de Visconde da Luz; tinha interesse em ver quem vinha ás váras do palio e quais as autoridades acompanhantes.

La vinha o novo bispo-conde, o Sena de Oliveira, imponente, no lugar proprio; e empunhando a vara da frente, do lado esquerdo, fardado com todas as condecorações, o Correia Cardoso, o José Maria Correia Cardoso!

E' certo que as outras varas eram levadas por oficialidade superior; nunca, na minha vida, o exercito foi chamado, tão em

maça, para tão altas e invejaveis funções; pelo menos, não me recordo de ver a tropa assim metida entre varais...

Mas enfim, hoje as coisas mudáram e acho que estão bem... E o Cardoso é, na guarnição, o oficial mais graduado. Logo... o Cardoso estava indicado para a honraria.

Parece pois que este meu antigo capitão ainda não desistiu de ir a brigadeiro. Ha muito que vai assistir á missa dominical se é q. não vai tambem a outras; ha tempos que se confessa com certa assiduidade de modo a ser visto e notado; ha certo tempo que, enfim, cumpre todos os actos propiciatorios necessarios...

E' bem certa a conhecida fraze:

— Muito custa a ganhar a vida honradamente!

E a proposito:

Vem hoje nos jornais noticia bibliografica duma publicação relativa aos livros raros do rei D. Manuel, iniciativa da Fundação da Casa de Bragança. Essa publicação é prefaciada pelo dr. Joaquim de Carvalho, o professor de Letras da Faculdᵉ de Coimbra.

Pela informação do Diario de Noticias de Lisboa, por sinal bastante extensa, fiquei com a impressão de que o prefacio é um hino ao talento bibliografico e á intelligencia arguta do rei coleccionador; hino que, sem querer, liguei á vara do palio que o Correia Cardoso empunhava na procissão.

Este, ainda tem, ao menos, a desculpa de querer ser brigadeiro; mas o dr. Joaquim de Carv.º, que diabo quer ele ser, alem do que já é e que, diga-se com verdade, já não é pouco?

Quero ver se leio o prefacio para fazer ideia e juizo mais seguros.

Quem sabe se o autor da noticia torceu o bico ao prégo para intalar o mestre universitario?

Sei lá!... Tudo é possivel.

Paz (Mafra).

Setembro: 14.

Ha quasi dois mêses que aqui estou. E, com franqueza, sem ter que dizer a este «tão certo secretario.»

O mundo continua a rodar regularmente como sempre; e lá em baixo, na estrada na

cional, as excursões ruidosas continuam a passar constantemente.

Viva a folia!

Ora hoje, no Despertar de Coimbra recebido de manhã, vinha o seguinte passo que não quero deixar de arquivar para futuras e hipotéticas memórias desta pasmaceira:

: Passeios & Excursões :

Grupo Excursionista «Os Teóricos»

II

Saídos de Mafra, como já dissemos, penalizados de, pelo menos, não vermos a sumptuosa Biblioteca d seu Mosteiro, tomámos rumo à **Ericeira,** em cuja estrada se ergue, altaneira, a Quinta da Paz, propriedade do nosso distinto amigo sr. coronel Belizário Pimenta.

Qualquer alegre excursão de coimbricenses cujo relator se lembrasse de deixar a amabilidade que aí fica. E o que é curioso é que não escapou ao escritor, embora passasse de fugida, a situação da casa e da propriedade.

Altaneira, nem mais nem menos.

E já agora, quero também arquivar, e fica no final do volume[1], uma notícia tirada do mesmo jornal Despertar, do dia 2 do mês de Agosto e que me ia esquecendo de comentar.

---

[1] A pag. 365.

O caso é simples: morreu, ha mêses uma freira das Carmelitas do convento de S.ta Teresa, de Coimbra, vulgarmente chamado, ha muito, das Terezinhas. Os jornais deram a noticia e disseram q. fora enterrada na cerca do convento.

O Octaviano de Sá (honra lhe seja!) em artigos no Despertar tratou do caso debaixo do aspecto jurídico e mostrou que esse enterramento era abusivo e constituia desrespeito á Lei. Parece que os artigos causáram impressão no publico e as criticas choveram logo contra todas as facilidades que hoje se dão á Igreja mesmo saltando, como neste caso, por cima do que está legislado.

E' claro que o assunto foi resolvido como não podia deixar de ser dentro do actual regime politico: o ministro da Justiça, com simples despacho, legalisou o abuso e autorisou a criação dum cemiterio privativo.

A questão terminou como devia terminar: legalisou-se uma transgressão e fez-se a vontade á Santa-Madre Igreja...

E pronto. Não vale a pena falar mais no assunto.

Paz (Mafra)

Setembro: 20.

O Pires Monteiro quer apresentar ao proximo Congresso para o Progresso das Ciencias que se deve reunir em Lisboa, em Outubro que vem, uma tese que é, mais ou menos, a que apresentou ao Congresso da Historia da Activid.e Cientifica Portuguesa, em 1940, com o titulo Conhecimentos militares como Ciencia social.

E, como acontece quasi sempre, pediu-me o meu conselho «sempre sabedor e sensato» como dizia em carta de 27 de Agosto ultimo.

Lá lhe respondi, não me lembra o quê; mas o que lhe disse mereceu nova carta em 3 deste mês na qual me diz que, perante os incitamentos que lhe transmiti, começou logo a redigir o projecto da tese, etc. etc.

E em 12 do corrente receli nova epistola, acompanhada do resumo da tese que entregou na vespera e dum pedido para eu o ler e fazer as observações «sempre judiciosas» e dar-lhe a minha «amavel mas justa impressão...» para que, com elas, estudar cautelosam.te a defesa.

O Pires Mont.º faz de mim seu consul tor e orientador — seu razões para isso. Mas volta e meia... zás! Lá vem pedido de conselho.

Enfim, o certo é que hoje lhe mandei a seguinte carta, consequencia da vesa que vai apresentar ao Congresso:

«.... Cá estou a responder ás suas cartas e a dar-lhe impressões ácerca da sua comunicação ao Congresso. Continúo a afirmar-lhe que a sua resolução vem todo o interesse actual, neste passo da vida da Humanidade tão cheio de confusões.

«E antes de entrar profissionalmente no assunto, devo fazer-lhe uma observação: refere-se, a fls. 1, á obra do Sebastião Teles, publicada em 1887, e diz que antes dessa data o Professor Ermidio Garcia expoz o seu quadro das ciencias sociais, isto é, em tempos anteriores a 1887; a fls. 2 diz porem: «Lembra "vamente um seu aluno..." etc.

«Ora creio haver aqui anacronismo: o Mendes Leal formou-se aí por 1894 ou 1895 altura em que foi meu professor de Historia e Geografia e seria nos anos de 1890 a 1895 q.

frequentou a Universidade. Quero eu dizer com isto que o <u>imediatamente</u> empurra a frequencia do Mendes Leal para anos anteriores a 1887 — o que não é verdade.

«Se estivesse em Coimbra, dir-lhe-ia ao certo os anos da formatura, mas posso garantir que foi pelos que indiquei.

«Eu não sei se esta observação é justa; mas o <u>imediatamente</u> interpretei-o como se a replica do autor tivesse Leal se referisse ao aparecimento da classificação do Professor Garcia a qual foi apresentada anteriormente a 1887 conforme escreveu.

«Entrando propriamente no assunto, creio que os paragrafos 2 e 3 são suficientemente claros; a preocupação teorica absorve as atenções; e espiritos inteligentes deixam-se ir atraz das aparencias e não vêem o <u>Homem</u> que, como escreve «continua sendo o unico agente interessado.»

«A rapaziada moderna ri-se destas filosofias; entende que no materialismo industrial está toda a sabedoria. Nunca tomei nota ~~circunstanciada~~ circunstanciada do que a esse respeito tenho ouvido aos novos, assim como no que se refere aos estudos superiores de Historia

e Cultura geral, julgados dispensáveis por essa gente brava que viê apenas a salvação das instituições militares em haver generais com quarenta anos... Se eu tomasse essas notas, que rico manancial para aquilatar uma epoca!

« De facto, "os meios tecnicos são instrumentos de acção e não pertencem á ciencia militar", como diz com precisa clareza. Não sei se terá contraditores; mas a defesa é tão facil! Demais, o meu Amigo conhece tão bem o assunto que, sem esforço, fará relutar qualquer teorico materialista, insistindo, como insiste no §4.º no verdadeiro sentido da Historia, considerado uma das bases dos conhecimentos pelo qual, creio eu, se poderá chegar a essa "imaginação tecnica" que afinal não será mais do que o poder de adaptação com alguma ponta de invenção, a todas as circunstancias e a todos os meios.[1]

« E não será esse sentido da Historia que ajudará ainda o conhecimento desses

---

[1] Periodo longo e talvez um pouco confuso. Mas foi assim e assim fica copiado.

factores morais, ponto extraordinariam.te delicado que exige acuidade de inteligencia não só para os aprêender como para os manejar?

« Por exemplo: em Aljubarrota, Nun'Alvares, aparte as resoluções objectivas e claras de tactica, soube usar das forças morais como mestre; creio que deixei isso escrito na minha comunicação ao Congresso Medieval em 1940.

« Ora eu estou aqui a glosar a sua comunicação, pois não saberia fazer outra coisa; e é-me grato, nesta manhã calma em que vejo desenhado o contorno pitoresco da serra de Sintra sobre um céu muito azul (o que neste verão frio e nevoento não é vulgar), é-me grato, dizia, transmitir impressões acerca da sua tese e não opinião q. poderia parecer impertinencia magistral. Longe disso.

« A sua comunicação está perfeitamente equilibrada; e apenas notarei que desejaria ouvi-lo mais detidamente acerca do § 5.º na parte respeitante á creação do Corpo Tecnico — assunto que está fóra do meu alcance, ha dez anos afastado de tudo o que

seja exercito e seus progressos. Isso fica para outra ocasião; por agora o meu aplauso á iniciativa e farei o possivel por ir ouvi-lo se me fôr dado entrar na sala onde funcionar a sessão.

«Ainda me lembro muito bem de como o nosso Cristovão Aires ensinava historia militar, e de como se formávam ideias sobre ela que ficariam para toda a vida se não se fizessem estudos posteriores bem orientados que abrissem janelas. Eu devo, valha a verdade, o começo de nova orientação ao celebre Homem Cristo, capitão de Infantaria 23 quando comecei a minha malfadada carreira oficial; indicou-me livros desconhecidos na Escola do Exercito e com mais ou menos obscuridade que nunca deixava de amenizar a sua conversa, pôz-me ao facto das novas correntes de critica e de filosofia de Historia. Devo-lhe, realmente, esse serviço.

«Depois, fui eu que tratei de mim, sem outra ajuda, embora um pouco aos trambulhões. E apesar de militar com curso da Escola, posso dizer que em tais assuntos, sou um auto-didata.

«Pois vamos a isso! Nunca é demais bater o ferro frio. E, como no caso do velho organista de Nova-York, alguem ouvirá a sua voz e a interpretará devidamente. E nos volumes das comunicações, lá ficará a sua p.ª atestar, á laia do velho do Restelo, o eco do bom senso.

«E ponho ponto.

«Isto tudo veiu ao correr da pena, como conversa a que não faltou, não sei por que carga de agua, a evocação dessa estranha figura do Homem Cristo, homem de talento que não tinha caracter nem brio.

«E desculpe o aranzel, etc.»

Paz (Mafra)

Setembro: 22.

Hoje, no Diario de Noticias vem uma carta de Roma acerca da possibilidade de certos cardeais serem Pápas, quando o cavalheiro que lá está der a alma ao seu creador.

Entre os «papaveis» figura o nosso ilustre Cerejeira de quem o jornalista faz o elogio. E o artigo termina com o periodo que adeante copio, que é uma clara confissão que poderá servir para certos incrédu-

los que não teem olhos para ver como as coisas correm ou teem e não querem ver.

Diz o passo da carta de Roma:

«... Cerejeira goza, ainda, de notavel "autorid.e no Vaticano como um dos artifi- "ces desse corporativismo catolico salazaris- "ta que é hoje considerado como a mais "fiel aplicação da doutrina da Igreja em ma- "teria social e economica.»

Fugiu, ao articulista, a boca para a verdade: «um dos artifices desse corpora tivismo catolico salazarista...»

Muito bem! muito bem!

Assim é que se deve falar...

Lisboa.

Outubro: 5.

O dia está nevoento e triste, como o es pirito de quem pensa no que ha quarenta annos aconteceu, entre a esperança e o entu siasmo dos bem intencionados.

O Tempo associou-se ao anniversario com bruma de certa densidade; o sol não quiz turvar a sua alegria a essas come-

morações reaccionarias que, propositadamente, de certo, fizeram coincidir com o anniversario do regime. O ultramontanismo espanejou-se, aí, de rabo alçado, agarrado á memoria centenaria dum pobre frade altruista que talvez por engano canonizaram. Foi um bôdo ás claras, sem rebuço — e ainda falta a primeira pedra para a igreja paroquial de S. João de Brito, jesuita.

O Cerejeira, cardeal legado, recebe honras de Principe de Sangue; e o Chefe de Estado Português curva-se á sua passagem como subalterno de Rôma.

E o ilustre saltimbanco do Augusto de Castro largou no seu Diario de Noticias o artigo de fundo que é uma maravilha de ductilidade e de cinismo. Fica guardado no fim do volume [1] para me lembrar de quanto vale a inteligencia do homem quando quer mostrar quanto póde a doblêr...

E ainda o Julio Dantas, outro saltimbanco, mas caduco, vai celebrar na Academia o centenario do pobre frade João

---

[1] A pag. 365

Cidade... Que esforços fará esse ché-ché para explicar a sessão solene em honra do santo que nada tem que ver com a instituição do Duque de Lafões e José Correia da Serra?

Como tudo isto vai, bem orientado e de vento em pôpa?

Que terei eu mais que ver ainda?

Paz (Mafra):

Outubro: 31.

Acaba hoje o mês de Outubro e eu ainda nesta pasmaceira, á espera de maré para me ir embora.

Quero apenas deixar ligada a este mês outonal que me tem enchido de frio, esta simples pregunta:

— Que diabo de môsca morderia o Governo para, quasi de repente, se desfazer em salamaleques perante republicanos mortos?

A transladação do Teixeira Gomes teve cunho oficial com ministro a presidir; e deixáram falar o Camara Reis á porta do jazigo!

Depois, morreu o António Maria da Silva que teve honras militares e a quem os

jornais situacionistas encheram de louvores e a grei deram as honras de apurado caracter!

O António Maria da Silva que eles chamificaram como simbolo de corrupção politica!...

Que diabo de música macabra essa canalha jesuitica?

Ainda ha poucos mêses morreu o Sá Cardoso, antigo presidente do Governo, presidente da Camara dos Deputados e possuidor de qualquer grau da Torre e Espada; pois o seu enterro foi o mais simples possivel e, por causa das dividas, vigiado pela policia politica.

E como aconteceu a este, assim a outros muitos republicanos que exerceram altas funções do Estado.

Não ha duvida que houve mordidela de música. Agui, neste deserto, não sei o que se passa; mas que ha barbatana... lá isso ha, com toda a certeza.

Não comprehendo muito bem ~~esta~~ esta diferença de tratamento para homens que a actual situação nivelara e que, como a mesma cerimonia, já teve um pri-

são por varias vêzes com os insultos mais proprios em casos semelhantes.

Emfim... Que se lhe ha-de fazer?

Lisboa:

Novembro: 9.

Mais um salto á capital do Imperio... E neste salto vive a explicação do caso a que atraz me refiro do António Maria da Silva.

Contaram-me o seguinte: se é verdade ou mentira, não o sei; mas vai como me contaram:

Um genro do Antº Maria da Silva é creatura reaccionaria, antigo seminarista e mais coisas conseguintes; e como o pobre, a seguir a um ataque cerebral estave algum tempo sem dar acordo de si, conseguiu que ver em casa um padre que procedeu a todas as habituais cerimonias prophiciatorias para uma boa morte.

Os velhos amigos e correligionarios do antigo chefe da Carbonaria, quando voltaram a casa para acompanhar a familia, viram que as mãos do morto, na [illegible] posição de prece estavam envolvidas num rosario e notaram que á cabeceira estava ar

mado, com todas as regras, um altar completo...

Foi assim, que em troca desta conversão miraculosa, o Governo deu ordem para que se fizessem honras militares no funeral e para os jornais da situação exalçárem a integridade de caracter do morto...

Com o Duarte Leite, como quiz morrer impenitente, o caso foi muito diferente. Da casa de saude onde morreu, exigiram a rapida saída do corpo porque havia nela qualquer dependencia religiosa; e negáram a entrada no cemiterio onde a familia queria deposita-lo porque o cemiterio está debaixo da alçada de qualquer ordem da fradaria.

Assim, com pequeno intervalo, se viu a diferença que ha entre o que morre com as suas opiniões porque conservou as faculdades lucidas até ao fim, e o que morre catolico de verdade ou o que a familia (como no caso do Ant.º Maria da Silva) deixa que surrateira e aleivosamente se dê remate fingido a uma vida de verdadeiro anti-clerical.

Enfim... Adeante.

Paz (Mafra)

Novembro: 16

O director do Arquivo Histórico Militar, coronel Alberto Faria de Morais, mandou-me uma nota, recentemente oficial, solicitando a minha usual colaboração no Boletim Jubilatório. Respondi-lhe com a seguinte carta que, ao mesmo tempo, é uma correcção ou uma lição de boas maneiras:

«... Recebi a sua nota nº. 342 de 6 do corrente que aqui encontrei depois duns dias de ausencia em Lisboa.

«Lastimo não poder satisfazer o que me solicita porque não preparei original para o Boletim. Devo falar-lhe com a maior lealdade e franqueza: como o Boletim mudou de director, esperei que o novo dissesse se queria ou não que eu continuasse a colaborar — e daí o abandono das pesquisas p.ª o Catálogo e Sumários que desde 1934, com ligeiras interrupções, tenho mantido.

«Não possuo, pois, qualquer parcela de original para mandar; se em Coimbra não era fácil conseguir, de pé para a mão, como pode, trabalho de responsabilidade

como é o Catalogo e Sumario, aqui, então, muito menos poderia arranja-lo, como muito bem compreende.

« Queira acreditar que me subscrevo, etc. etc. »

Como oficial de Cavalaria, é possivel que não atingisse bem onde eu queria chegar... Mas lá vai assim e ele que se governe como entender.

Coimbra.

Dezembro: 2.

O Faria de Morais, o director do Arquivo Historico Militar, a quem escrevi a carta que ficou atraz, em 16 do mês findo, [redacted] caiu em si e veiu ás boas.

Escreveu-me, muito amavelmente, e com todas as explicações.

Vê-se que não é tão cavaleiro como eu supunha e que tem aprendido alguma coisa... E que percebeu a m.ª carta.

E antes assim — para honrar a familia militar que segundo os panegiristas é o escol das sociedades.

Assim seja.

F – 35

Lisboa

Dezembro: 23

De novo em Lisboa, com trovoadas e temporais de granizo.

E assim corre o tempo, tambem a politica internacional anda cheia de tempestades bem aborrecidas.

E a proposito...

Contou-me o historiador de Sousa Lima que, para substituir o grande e volumoso António Ferro na chefia do Secretariado Nacional de Informação, vai ser nomeado um antigo professor liceal José Manuel da Costa (salvo erro) que ha muito é o chefe do Gabinete ou secretário do Salazar.

Ora este Costa quer um secretário de confiança e encarregou de descobrir a pessoa idonea o Armando Larcher, chefe da Censura, o qual foi ter com o historiador e o convidou para o cargo com certa insistencia.

Perante a admiração deste pelo convite tão inesperado, o Larcher explicou que o José M.el da Costa queria creatura «estruturalmente honrada» e isso era «muito difi-"cil de encontrar actualmente...» E ainda para provar o asserto acrescentou que o pes-

soal do Secretariado, com funções de inspecção, era quasi todo constituído por gente sem escrupulos, gente que se deixava comprar para não participar certos factos contrarios ás regras estabelecidas. Etc. etc.

Vê-se, pois, que o Secretariado necessita de pessoal «estruturalmente honrado...»

Santa Gente, esta que nos governa, que depois de vinte e cinco anos de trabalho intenso de moralização e de imposição da doutrina cristã, veio de andar, como Diogenes, de candeia na mão, á procura de um homem que seja «estruturalmente honrado!»

E depois, como ontem ouvi na palestra da Emissora Nacional, afirmou que é necessario educar o Povo porque é mas alfaias que se gerou e aperfeiçoou os tiranos-perseguidores...

Santa gente!...

Lisboa:

Dezembro: 25.

Natus est Jesus!... Assim se afirma aí por toda a parte. E eu quero crer que assim seja, pois que toda a gente o diz. E eu não gosto de contrariar.

Foi ha 1950 anos, si vera est fama, que a creancinha nasceu e vêm ao mundo para trazer a Verdade aos homens, segundo corre por toda a parte; e até o cardeal Cerejeira o fez saber em alocução radio-fundida que ha pouco tive o imenso prazer de ouvir.

Assim será. Não digo que não. Repito: não gosto de contrariar.

Porem, não percebo porque é que ha tantos anos se proclamou a Verdade e a Mentira é cada vêr maior. Não percebo porque andam para aí a prégar que é necessaria a cristianização como unica salvação possivel e, afinal, o que vêmos na sociedade é tudo quanto é mais contrario aos tais principios dos Evangelhos.

Para que estar aqui a gastar tinta se as intenções deste gente que governa são bem diferentes do que as palavras querem rigorosam.te dizer?

Etc. etc.

Não vale a pena continuar no assunto para não irritar mais o fígado que não anda muito catolico...

Pois é verdade: natus est Jesus!

Lisboa

Dezembro: 31.

Assim acaba mais um ano. Hoje, deambulei pelas ruas de Lisboa, pacatamente, ao acaso; e varios comentarios me viéram ao bestunto e, verdade, verdade, se desfiseram como fumo.

Muita gente pelas ruas. Muito movimento de automoveis, de electricos e de autocarros. Nas fisionomias não se vislumbrava qualquer sintoma de amargura derivada das horas tristes que o mundo está atravessando.

Pareceu-me que toda a gente andava contente — se é que não andava feliz...

Na realidade, a nossa vida, a vida dos Portuguezes, repousa em boa mão; e o mundo póde girar á vontade sobre os seus eixos que não haverá novidade de qualquer espécie.

Ainda bem!

Feliz Povo!...

— 1951 —

Lisboa:

Janeiro: 3.

Hoje, casualmente, encontrei na Revista Militar onde fui, como costumo, por 4ª-feira, conversar com o Pires Monteiro e outros velhos amigos e não amigos, encontrei (dizia) o Alvaro Pope.

Envelhecido, alquebrado, saíra de casa para ir ao médico e, de passagem, fora dar um abraço ao Pires Monteiro.

Já nos não víamos há vinte e tal anos. Abraçámo-nos e... comovêmo-nos.

Ele está um velho, muito caído, um inútil. Ainda mostra, ás vêres, no olhar, uns restos da antiga vivacidade; mas vivacidade que se apaga logo com tristeza.

Pobre Alvaro Pope!

E assim passaram uns 23 anos.

Lisboa:

Janeiro: 12

É quasi aflitivo notar o crescimento e desenvolvimento da Reacção, quer a política quer a religiosa.

Quanto a esta ultima, é tão patente que não vale a pena procurar justificar as minhas afirmações; quanto á política, sempre aqui deixarei notado um caso que me deu na vista de bem que me não admirou.

Fez-se uma sessão solene na Sociedade de Geografia commemorativa do 26º anniversario da morte de Antonio Sardinha.

A que propositó o 26º anniversario? Por ser duas vezes 13 ou, mais popularmente, duas duzias de frades?

O certo é que na fez a sessão, na qual se elevou, como aliás era natural, a grau de altura, o nome do Antº Sardinha — proclamado, pela cerimonia, o maior poeta do seu tempo.

No dia immediato, na chamada Assembleia Nacional, dois deputados, um dos quais o Manuel Lopes de Almeida, da Faculdº de Letras de Coimbra, referiram-se á sessão de homenagem em termos alguns

tanto hiperbolicos suas, enfim, dentro de certos limites.

A seguir levantou-se outro deputado, um certo Ricardo Durão que creio ser oficial de Artelh.ª e propoz que a Assembleia se congratulasse tambem com a celebração do centenario de Guerra Junqueiro; e não ficando por aqui, teceu louvores ao Poeta, quasi hino laudatorio, com palavras calorosas e de certo entusiasmo

Ora a isto, com arrogancia espectaculosa, o João Amaral, um dos camelots do Sardinha, levantou-se e protestou.

Protestou contra quê?...

Protestou contra os louvores a Guerra Junqueiro na mesma sessão em que se incensava o Antonio Sardinha, pois desde que se tratasse deste, nenhum outro louvôr se deveria dar — fosse a quem fosse. E para cumulo, propoz que o discurso do Ricardo Durão fosse considerado, como não proferido...

Que tal?

O presidente da Assembleia lá compôz como poude o caso insolito e entrou-se na ordem do dia sem mais incidentes —

pois estou convencido de que a chamada Assembleia Nacional ficaria perplexa sem saber como deveria resolver a embrulhada.

Na verdade, já o burro de Buridan se via atrapalhado entre as duas rações...

E a propósito...

Há dias, houve quem me afirmasse que o Augusto Casimiro se acomodara, já há algum tempo, com a actual situação política; e que até, perante qualquer pretensão, escrevêra uma carta ao Salazar com louvores profiláticos, na qual chegára a afirmar que tinha nele toda a confiança.

Assim será.

Tudo pode ser. Mas, a ser verdadeira a história, é mais uma machiada...

A pessoa que isto me afirmou, chamou a minha atenção para o facto de o Augusto Casimiro, na carta para o Salazar, afirmar, como de cima para baixo, orgulhosamente: «Tenho confiança em Vossê!...»

Ora isto condiz, realmente, com a vida do Poeta-Soldado. O orgulho, a vaidade, a preocupação de altivez, ainda muitas

vezes misturados com certa candura bem intencionada. E antes seja assim.

A ser verdadeira a afirmação, aliás feita a serio e por creatura que não é para mentiras nem tem interesse em denegrir os outros — a ser verdadeira, dizia, é um pouco triste e desanimadora.

Que motivos levariam o Poeta a este estranho procedimento?

Quantos problemas esta tremenda quadra nos apresenta!

Lisboa.

Janeiro: 18.

Ha dias, fui a Campo de Ourique e quiz ver de novo a estatua da Maria de Fonte, do Costa Mota, Tio, levantada num dos canteiros do jardim do bairro.

Cheguei, olhei, procurei e... a estatua já lá não está!

Tiráram-na, como tiráram do Jardim da Estrela os bustos de Teofilo Braga e de Antero do Quental. A mulher do Minho, de bandeira em punho, com gaitos revolucionarios, não era agradavel para os olhos pudibundos e ordeiros desta gente q. nos

governa. Pronto!... fóra com a estatua! não vá ela entusiasmar as gentes pacatas do bairro.

Até as estatuas metem mêdo.

Lisboa.

Janeiro: 21.

Hoje, domingo, dia explendido de Inverno. Leve neblina por sobre o Tejo, dáva á Luz do Sol certa opacidade, muito lipeira embora, que fazia salientar os contornos das colinas da margem sul e lhes dava perspectiva agradavel que normalmente não teem quando ha nitidez de atomosféra

Tarde bela, na verdade, convidativa a passeio e a meditação.

Toda a gente, nas ruas, parecia feliz. Grupos de familias, muita creançada, tudo com ar alegre, como de quem, ao fim da semana, renovou o ar dos pulmões e se distraiu ou procurou distrair um pouco da negregada vida de trabalho.

Não resisti... E chegado ao Cais do Sodré, meti-me no vapôr da travessia para Cacilhas, no meio da turba popular q. recolhia ás suas casas, satisfeita com o pas

pois, brincando com a criançada, com os velhos — sempre com o mesmo ar saudável da alegria.

Eu olhava tudo: a paisagem e a multidão; quer uma quer outra me interessava porque, afinal, a alegria de todos contrastava com a minha tristeza e a paisagem marítima, envolta em neblina, um pouco indecisa, casava-se bem com a mesma tristeza que me alcançava.

Porque a verdade é que me pinto acabrunhado: a vida, cada vez me aborrece mais, cada vez compreendo menos essa muito apregoada alegria de viver. É possível que essa alegria caiba a um ou outro; mas isso deverá acontecer como nas loterias.

Lisboa:

Janeiro: 22.

Fui há dias à Biblioteca Nacional comprar uns números dos Anais que ainda não tinha.

Como o empregado levasse ao Inspector das Bibliotecas e Arquivos, actualmente, na interinidade, o António Ferrão, o recibo

para ser assinado e selado, este mandou pedir-me que para entrar no seu gabinete.

Recebeu-me muito bem, dizendo q. sempre que ali fosse por qualquer motivo, o meu lugar seria naquele gabinete e não na secretaria; e ao agradecer este oferecimento, respondeu-me que ele era apenas a prova de consideração que tinha pelos meus méritos...

É claro que estas frases são frases feitas certamente para todos os mortais; no entretanto notei que raras vezes me acontece um caso destes, isto é, receber atenções que, na verdade, não era obrigado a receber. Parece-me que o Ferrão se apenas assinasse e selasse o recibo e nada me mandasse dizer, não praticaria acto de incorrecção e eu não faria o menor reparo.

Mas, enfim, quiz ser amavel. Sentei-me e começou uma conversa interessante na qual veiu á baila o caso dos roubos na Biblioteca que ele ignorava e mais um menos denunciou nos seus relatorios, com as cautelas devidas, bem como a situação da Torre do Tombo ultimamente embrulhada com a acção do Alfredo Pimenta.

E na conversa houve certas alusões ao Julio Dantas cuja inacção, em tais assuntos, foi criminosa, etc. etc.

O António Ferrão encontrou com quem desabafar!

E, na verd.e, desabafou...

E no final ofereceu-me as colunas dos Anais, as quais estariam sempre ás minhas ordens como era de direito, etc. etc.

A conversa excedeu meia-hora; e seria maior se eu não cortasse com receio de parecer importuno.

Ficaria com um amigo?

Lisboa:

Janeiro: 30.

Ontem tomou posse da direcção da Torre do Tombo, o dr. Silva Marques que crêio ser professor da Faculd.e de Letras de Lisboa.

Os jornais resumem os discursos pronunciados no acto da posse, os quais quer o do Inspector interino António Ferrão que o do empossado, tocam nos pontos essenciais da conversa que há dias tive com o primeiro.

Entrará-se-ha por novo caminho naquela Nacional Torre do Tombo?

Aquilo está ha muito a gadir, como dizia o veneravel fr. Bartholomeu dos Martires, uma profundissima e veneravelissima reforma...

Virá agora? Oxalá. Eu é que já me não aproveitarei dos seus beneficios.

Lisboa.

Janeiro: 31.

Ha perguntas aos... Lembro-me bem! Moravamos ainda no 2º andar da casa da Praça do Commercio, onde nasci; ouvi meu Tio Alfino da Silva subir a escada, afresado, e dizer com ar alegre — que no Porto estava proclamada a Republica.

Eu, que vivia em ambiente republicano e o ouvia apesar de creança, fui ao patamar da escada e gritei:

— Viva a Republica!

uma ou duas vezes. Meu Tio, que entrára no quarto dele que deitava para os lados do Rossio, lavava as mãos e ria-se; debaixo, do primº andar, surgiu a cabeça do João Gomes Pais, o chefe da oficina que, com ar de grande atrapalhação me disse para cima:

— Oh menino! esteja calado!... Olhe a policia!

Era a voz do bom senso a aconselhar a necessaria prudencia, enquanto se não soubesse, á certa, o resultado da revolta. E como falou em policia eu, naturalmente, intimidei-me e meti o entusiasmo no saco...

O que teria acontecido? Lá em casa e principalmente na oficina havia verdadeira anciedade. Venceram? não venceram?

Lembro-me bem, da consternação, á noite, quando se soube da derrota. O João Pais bem me dizia:

— Menino... olhe a policia...

Bons tempos!

Sessenta anos... E eu ainda ando por cima desta miseravel crosta terrestre!

Lisboa:

Fevereiro: 11.

Ontem, na Academia das Ciencias, houve sessão solene em que o Antonio Correia de Oliveira, sucessôr do Eugenio de Castro na cadeira academica de efectivo ou de numero, fazia o elogio deste conforme as pra

xes e regulamentos da casa do Duque de Lafões.

O mesmo cenario do costume: luxo nas damas, com as costas núas; casacas e fardas, condecorações, etc. O Julio Dantas sempre o infalivel e impecavel banalão, com a farda academica constelada de crachás, soléne e balofo. O resto, a comitiva, com o ar servil dos velhos escudeiros do Duque D. João de Bragança. Cortezias para um lado, salamaleques para outro, tudo com cerimonial compassado, hieratico, dum ridiculo super-fino.

Como na assistencia estivesse o Trindade Salgueiro, com os seus vermelhos de arcebispo, vá de o pôr em relevo, como figura principal: ex.mo arcebispo para aqui, ex.mo arcebispo para acolá... Só faltou que lhe déssem a primazia sobre o ministro da Educação, o impagavel Pires de Lima. Mas pouco faltou.

A sessão, em resumo, não esteve á altura do Eugenio de Castro — que, na verd.e, mereceria mais.

O Julio Dantas, é certo, fez um paralelo curioso entre o Eugenio e o Correia de Oli-

veira; mas depois embaraçou-se em louvores ao Getulio Vargas perante o embaixador do Brasil, louvores que deram o aspecto de posição política por parte do presidente da Academia — o que me não parecem muito proprio além de nada se relacionar com a memoria do Eugenio de Castro.

Dir-se-ia que o Doutor estava picado por qualquer motivo contra o presidente Epitacio Pessoa que apoz acabou o seu mandato. Seria?... Lá se avenham.

Depois, o Carneiro de Oliveira leu o elogio historico do seu antecessor na cadeira e, caso inédito, foi em verso. Isto constituiu um precedente curioso na longa série de elogios que na casa do Duque de Lafões se teem lido ha quasi dois seculos.

A verdade, porem, é que, com excepção dum ou outro passo, a peça não corresponden á grandeza do culto celebrado que merecia, por parte da Academia, estudo mais serio e mais elevado. Palavras sonoras, um ou outro verso elegante e... pronto. Mais nada.

E' certo que, entre os academicos mais na liça, não sei se haveria quem fosse ca-

paz de analizar, com justa medida e são criterio, a obra do Poeta do Sagramôr.

A seguir, o enfatuado Joaquim Leitão, de farda academica, espadim e chapeu emplumado, leu umas laudas de prosa, menos más como peça literaria, menos mal recitada, mas vasia de sentido. Repisava o paralelo estabelecido pelo Julio Dantas a respeito dos dois poetas e levou ás nuvens o alto espirito e elegancia moral do Correia de Oliveira que ele, Leitão, um dia viu na Baixa de Lisboa, no Rossio ou Avenida, com a indumentaria modesta de franciscano, cumprimentar com fidalga distinção a « Rainha Senhora D. Amelia » que passava no seu carro « rodeada pelo carinho e admiração do povo ... » Etc.

Assim se entreteem os academicos, afinal de maneira inofensiva. E na verdade, pª tirar conclusões sobre a obra do Eugenio de Castro, não havia melhor argumento do que aquele do Correia de Oliveira, franciscanamente vestido, cumprimentar com elegancia a Rainha que passava rodeada pelo carinho e admiração do Povo... Como critica literaria é... perfeita.

Para terminar, o Dantas improvisou o discurso de encerramento com um resumo cortado de passos alegres, de anedotas que fizeram rir o respeitavel publico, de comentarios ironicos á peça literaria do Correia de Oliveira, enfim, um embroglio que me pareceu pouco proprio para o seu cargo de presidente e muito menos para a sessão em que se celebrava o Eugenio de Castro. E tudo isto misturado com mais palamaleques para a Igreja catolica representada ali pelo Trind.e Salgueiro, de cortezias para o ministro dum governo a que a Academia tanto deve e de subserviencias p.a com o embaixador do Brasil por conta do grande Getulio Vargas, amigo incomparavel (sic) dos portugueses, etc. etc.

E assim acabou a sessão, no fim de duas horas.

Os filhos do Eugenio de Castro não apareceram. Creio que apenas estava presente uma filha e uns netos.

E assim se vai divertindo a Academia das Ciencias — e faz muito bem.

E antes assim que piór.

Lisboa:

Fevereiro: 13.

Consultei hoje, dia aziago, o medico especialista dr. Cascão de Anciães.

Começou a consulta por entregar á dama que está á entrada, duas notas de 100 escudos, isto é, bem contado, 200$00. E eu era, na tarde, o quinto doente inscrito.

Vamos a ver o resultado. Mas a verdade é que eu já não podia suportar a série impertinente de enxaquecas que me persegue e o constante recurso ao paliativo das pilulas de ginergéne.

Diz ele que tudo vinha da alimentação. Prescreveu novo regime e umas drogas de certa energia.

Vamos a ver, como dizia o cégo.

Coimbra.

Fevereiro: 26.

De novo em casa. A minha vida de nómada continua... Que lhe hei-de eu fazer? Não nasci para gozar o que desejo gozar — aliás, bem pouco era.

Mas vamos adeante. Por desfastio, mandei hoje esta carta ao Hernani Cidade, carta

provocada pelo facto de, no seu Camões Épico ele citar numerosos trabalhos relativos ao Poeta e não citar o meu Camões e as "artes bélicas." Talvez seja impertinencia e mostra de vaidade de autor, mas deixar ir. É possivel que ele conheça o meu ensaio e não lhe ligasse importancia; e assim teria o resultado que aliás lhe não faz mal nenhum... É até possivel que se ficasse rindo e me chamasse parvo.

Tudo póde ser.

Segue a carta que reduzi ao mais breve possivel:

«.... Li ha pouco, com a attenção e o proveito que sempre tiro das obras de V... o volume do Camões Épico. Esta leitura sugeriu-me a ideia de mandar a V... um trabalho meu acerca de Camões por calcular que o não conhecerá. Desculpe V... o atrevimento, mas creia que me assino, com a maior consid.ção, etc.»

Creio que se não póde ser mais curto sem faltar ás regras da amabilidade...

Coimbra:

Março: 5.

Termináram ontem os festejos comemorativos do 50º aniversario do C.A.D.C. (Centro Academico Democracia Cristã).

Os jornais relataram suficientemente a festança do jubileu. Os homens andáram de rabo alçado e com razão.

O Estado associou-se e a Universidade tambem. Tudo convergiu para realçar essa manifestação ultramontana.

Só bispos e arcebispos, contaram-se derasete! Como não hão-de exultar as almas?

Mas o que eu mais notei foi a queda da mascara hipocrita com que a Igreja se coleria nas relações com a actual situação politica. Até aqui dizia a Igreja que nada tinha com a politica do país, que não se metia nela, etc. etc.; agora não: ficou-se sabendo que foi no C.A.D.C. que esta situação se forjou, que foi no dito Centro que a ideia tomou corpo e é nele ainda que se deposita a esperança da ~~...~~ continuação de apoio á mesma, per omnia saecula, sem desfalecimentos...

O cardeal Cerejeira, ao terminar as comemorações, disse com calor:

— Mocidade do C.A.D.C.! Foi ela q. acendeu os brandões que libertaram Portugal! É a vossês que cumpre mantê-los bem acêsos... etc.

As palavras são quasi estas. Basta verificar. No final do volume ha um recorte de jornal com as palavras mais exactamente reproduzidas.[1] Mas a ideia do venerando porfurado está exacta.

Ficámos pois sabendo: os brandões da actual situação politica foram fabricados e acêsos no Centro Acad.º Democracia Cristã, e é a esta agremiação que cumpre manter o fogo sagrado.

Muito bem! muito bem!

Coimbra.

Março: 6.

Ontem esteve aí o Rocha Madail, de tarde, um grande bocado. Teima em eu colaborar na obra que traz em composição das cartas do Joaquim de Vasconcelos para

---

[1] A pag. 366

António Augusto Gonçalves, com uma re-
senha da vida do Conselho de Arte e Arqueo-
logia da 2ª Circunscrição, muito falado nas
ditas cartas.

Eu Lisboa, ultimamente, consultei
no Arquivo do Minist.º da Educação os livros
das actas do Conselho e tirei muitas notas,
A memoria, sómente, já me não dava pa-
ra fazer a resenha e um dia lá fui ao Mi-
nistério onde, por feliz acaso, encontrei os
restos da minha bem organisada secretaria
do Conselho. Restos, apenas...

Eu já contava com a insistencia do
Madail e fui-me preparando. Vamos a
ver se me resolvo a escrever a resenha em
que poderei ter qualquer desacato a respei-
to da minha distribuição...

Coimbra.

Março: 16

Venho cá, a passar as ferias, a Ana
Maria. Saí hoje com ela e pela primeira
vez entrei nos carros Trolley-bus das car-
reiras dentro da cidade.

Notei que, apesar dos poucos dias de
serviço, o bilhete que me venderam tinha

o nº. 29027, de serie A. Vê-se que o meu rimeiro de passageiros é grande.

Pois é verdade: foi hoje a minha estreia nos Trolley-bus citadinos.

Coimbra

Março: 28.

O Hernani Cidade respondeu á minha carta de 26 do Fever.º ultimo, com palavras de agrado pelo Camões e as "artes belicas", aci ma do que poderia esperar.

A carta recebida é daquelas que se podem emoldurar na sala de visitas.(1)

Respondi hoje com esta outra:

«. . . Incomodos de saude teem-me a per breve. Agradeço muito a carta de V... e as palavras tão amaveis e de favor com que me honrou.

«Creia que digo a verdade: senti-me muito honrado com a apreciação feita ao meu modesto trabalho sobre Camões.

«Penso (não sei ainda bº grado) fazer segunda edição; na revisão terei em

---

(1) Ficou guardª na colecção de cartas.

conta as observações de V... acerca do passo do Filodemo.

«Repito: muito e muito obrigado por tudo e peço que creia, etc. etc.»

Segunda edição do Camões e as "artes bellicas"! Quando será isso?

Bons desejos, afinal.

Coimbra:

Abril: 19.

O juiz dr. Gilberto de Beça Aragão escreveu-me acerca da possibilidade duma segunda edição muito ampliada do Dicionario Bibliografico Militar do falecido general Francisco Augusto Martins de Carvalho, seu sogro. E com essa noticia solicitava a minha colaboração não só para a revisão da obra como tambem para um prefacio e quaisquer anotações que se tornassem necessarias.

É claro que fiquei algum tanto surpreendido com a carta. Este juiz Aragão tem sido sempre amavel comigo e correcto em tudo; mas, francamente, não esperava que me viesse bater á porta para tal assunto.

Respondi logo com a seguinte carta que traduz fielmente a sua maneira de ver:

«.... Muito e muito obrigado pela carta de V... Creia que me honro com o convite que, em principio aceito. Lembro, porem, que a minha residencia em Coimbra poderá prejudicar a assistencia necessaria á revisão.

«Muitas vezes, quando conversava no Arquivo Historico com o falecido cor.el Ferreira Lima, nos referiamos ao Dicionario Bibliografico Militar que, em cima duma escrivaninha, está empacotado ha anos. Abordávamos, ambos, as dificuldades da sua publicação e concordavamos em que, dado o atraso em que ele ficou desde o falecimento do autor, haveria duas soluções: ou publicar como o autor o deixou e organizar um suplemento até á actualidade; ou actualizá-lo completamente e isso iria tirar a autenticidade á obra que deixaria de ser, no seu todo, original do falecido general Martins de Carvalho.

«Em qualquer dos casos, porem, o meu parecer é que a actualização não é trabalho

para militares mas sim para bibliotecas oficiais onde haja deposito legal e gente especializada nas tarefas de bibliografia.

« Desculpe V... estas minhas observações que, de certo, lhe terão ocorrido já; mas a maneira tão franca como V... me expõe o assunto leva-me a escrever com igual franqueza.

« A revisão, propriamente, do original, tal como está, deve ter, creio eu, certas dificuldades que exigiriam mais que um revisôr. Enfim, V... pesará todos os prós e contras e dará sempre as suas indicações que receberei com muito gosto.

« Peço a apresentação dos meus respeitos, etc. etc. »

Coimbra:

Abril: 25.

Hoje, passado quasi um mês sem deixar, nestes cadernos, qualquer sinal da m.ª pobre vida, mandei uma carta á Maria Lina, filha do Ferreira Lima

E' a permanente aflição da garretteana e a não menos permanente indecisão acerca do destino que lhe ha-de dar.

E o dr. Costa Pimpão quando me encontra continua a mostrar a natural impaciencia de quem não vê sinal de se chegar ao resultado ancioso esperado.

Emfim... segue a carta

«.... Ha uns dias andava para escrever a V.... Vendo mais que ainda não respondera ao seu postal ultimo, tão atencioso. Queira V.. desculpar.

«Mas ante-ontem encontrei o dr. Costa Pimpão que me deu noticia duma carta com novas com V.. e não quero deixar passar mais tempo.

«Agradeço o cuidado acerca da minha saude. Creio que estou melhor, possivelmente até muito melhor, mas menos assim com certos altos e baixos.

. . . . . .

«Quanto ás causas que trazem o espirito de V... preocupado, volto mais uma vez a dizer que não ha razão de maior para esse estado doentio. Deve V.. possuir o seu espirito pois tudo se poderá resolver com alvitres ou desgostos. Creio eu que a primeira coisa que V.. deve fazer, quer

figue com os livros e manuscritos quer os venda ou entregue, é o catalogo simples de todos eles. O dr. Costa Pimpão disse-me q. procuraria ajudar esse catalogo e aí tem V... uma forma de começar a resolver os problemas levantados.

«Só depois dum catalogo completo se poderá avaliar o recheio das estantes e armarios — e então V.. resolveria como entendesse mais para prestar homenagem á memoria do Pai de V... Ha varias soluções que os amigos e admiradores dele não recusariam auxiliar.

«Sossegue, grim.º que tudo, o espirito e creia que ha sempre remedio para tudo. Minha Mulher vai escrever por estes dias para lembrar a promessa duma vinda até Coimbra quando o mês de Maio se apresentar alegre e florido e as festas academicas alvoroçarem a cidade. E com os nossos cumprim.tos, etc. »

Coimbra:

Maio: 2

Sogue mais outra carta. «A falta de comentarios á vida que passa e corre,

traslado cartas. É uma forma, como outra qualquer de deixar impressões.

A carta q. se segue é para o coronel Alberto Faria de Morais, director do Arquivo Hist.-Militar de quem já aqui tenho falado, creio eu, algumas veres.

«... Recebi ontem a sua separata O cerco de Almeida que me deu muita satisfação e cordialmente agradeço.

«Apenas folheei o opusculo e como uma ou outra passagem a que a minha atenção foi chamada, fiquei com a excelente impressão dum trabalho serio e proveitoso. Bem haja!

«A História da companha de 1762 está por fazer. Ha muitos anos inscrevi na minha agenda (como hoje se diz por influencia da O.N.U.) o projecto dum trabalho critico acerca desses sucessos, tendo pelo encontro de mss. relativos aos mesmos na secção de reservados da Biblioteca da Universid.e. Porem o tempo passou, a vida foi correndo e, como muitos assuntos da dita O.N.U., este foi passando a 2.º plano e hoje está arrumado no sotão bem fundo

onde se guardam, para sempre, os impossiveis.

«Oxalá o cor.l Faria de Morais empreenda a obra. Por uma rapida frase no começo do estudo, parece divizar-se esse seu desejo. Não desista! Está novo ainda e tem tempo para trabalho de fôlego, de mais a mais com material de sobra tão perto e tão á mão. O volume do P.e Sales é apenas contribuição.(1) Não desista, pois — a obra é meritoria e preencheria uma lacuna enorme na nossa historia militar.

«Renovo os agradecim.tos, etc.»

Coimbra:

Maio: 8.

Disse-me um amigo que o embalsamamento do corpo do general Carmona não foi bem feito; presentemente, a urna está deitando máu cheiro. Isto lhe foi afirmado por pessoa que em Lisboa ha dias foi á casa do capitulo nos Jeronimos e sentiu o cheiro particular do apodrecimento.

---

(1) O Conde de Lippe em Portugal, do Ernesto Augusto Per.a Sales, publicado em 1937.

Se assim é, o pobre homem que fez de presidente da Republica mais de 20 anos, e deu a impressão dum equilibrio seguro, estava reservado para simbolo da situação politica a que se prestou presidir.

Por mais brilho que queiram dar a tudo, por maior esplendor com que a queiram rodear — vai tudo dar ao apodrecimento...

E' o destino das Ditaduras — por mais q. queiram contrariar a Historia.

Quem sabe, até, se o pobre Carmona não vem romper o equilibrio fictício e factício em que se vivia ha 25 anos?

As reservas e cautelas q. ha sobre o problema da sucessão e certos zuns-zuns espalhados, assim dão a entender.

Será o começo do fim?

Não é, talvez, natural; mas se é, tudo tem de acabar em podridão.

Esperêmos

Coimbra.

Maio: 10.

Ora hoje vamos lá a caso jovial. Nem tudo são tristezas neste desgraçado mundo em que vivêmos.

Disse-me o Rocha Madail que, quando mudáram o arquivo universitario para o novo edificio, lembrara ao dr. Mario Brandão seu director, que seria de utilidade a publicação do catalogo dos estudantes da Universid. de 1537 para cá, com as datas da frequencia e as da formatura; e acrescentára que isso poderia ser uma especie de comemoração das novas instalações.

O dr. Brandão, fez as mãos na cabeça e respondeu:

— Ora! ora!... Isso era horrivel! Vão me larpar com pedidos de toda a parte, solicitando informações e copias... Não! não cáio nessa...

Se isto é verdade e não quanto seja possivel do Madail, vê-se que o Mario Brandão já está integrado no espirito dos directores dos arquivos portuguezes: o que lá está dentro é só para eles. Ninem quizer que perca o seu tempo a investigar e eles só deixarão ver a publico o que pessoalmente lhes não servir.

E' assim mesmo.

Desde que ando metido por arquivos, sempre assim os encontrei: fechados, difi-

ceis, quasi impenetraveis — e já vejo que assim continuam.

E o mais curioso é que o Madail, que por simples má-lingua contou a facécia, tambem é da mesma raça.

Corja!...

Coimbra:

Maio: 12.

Hoje temos aí o Teixeira de Pascoais em todas as dimensões...

Não compareço a nenhuma das manifestações que a Academia promove porque não estou resolvido a suportar apertões e discursatas apologéticas.

Estamos no tempo das homenagens em vida. E isto dos grandes homens se deixarem homenagear... tem muito que se lhe diga.

Contou-me, aqui no meu escritorio, um rapaz Araujo Correia (filho do medico e literato João de Araujo Correia, da Regoa) que o Pascoais tinha auxiliado muito a comissão promotora da homenagem no que respeitava á exposição bibliografica como, aliás, em tudo o mais.

Então, que diabo! o festejado colabora na festa?

O Pascoais precisa destas festarolas para consolidar o nome?

Lembro-me duma funçanata que, em tempos, a academia reaccionaria fez ao Antonio Correia de Oliveira; este encheu-se de vaidade e embófia e os ultramontanos rejubiláram. Acontecerá coisa identica com o Pascoais? Haverá qualquer intuito oculto nesta manifestação?

Não sei bem o que o Pascoais pensa em materia politica; estes poetas de genio verdadeiramente não teem ideias muito assentes em politica e até em religiões — mas é pena se a vaidade o anda a picar.

O Pascoais não merece tais picaduras.

Coimbra:

Maio: 16.

Deixo aqui a copia duma carta sensaborona que escrevi hoje á professora D. Virginia Gersão, ainda a-proposito duma conferencia que ela fez no Instituto sobre a pobre poetisa Amelia Janny — o cisne do Mondego, conforme a boa tradição.

A carta nada vale. Mas fica como modelo de sensaborias que muitas vezes somos obrigados a escrever.

Aí fica:

«... Recebi ha dias o ultimo volume d'O Instituto onde vem a conferencia que V... pronunciou acerca de D. Amelia Janny. Li-a logo para relembrar o prazer que todos tivémos em a ouvir.

«Porem, deparei com umas referencias á minha pessoa que me confundiram e me deixáram quasi ~~[illegible]~~ arrependido da liberdade que tomei de lembrar a V... certos elementos que me pareceram desconhecidos. E eu, francamente, pregunto a V...: então a lembrança dum pobre verbete merecia tão elogiosas referencias?

«Só se explica isso pela grande generosidade e velha amizade de V...; e assim, a minha quasi inutilidade vai ficar ligada ao brilho e ao valor da conferencia com que V... perpetuou o nome da Poetisa.

«Creia V... que lhe fico m.to grato e que me subscrevo, etc.»

Coimbra.

Maio: 19.

A propósito do Museu Academico que, por iniciação, segundo parece, do Rocha Madail, os estudantes universitarios estão a organizar na sua Associação, os jornais andam a dar conta dos ofertantes — por sinal, diga-se a verdade, bem poucos.

O Madail, é claro, para fazer sobressair a iniciativa, manda para as gazetas umas noticias mais ou menos circunstanciadas. E como pelo dedo se conhece o gigante, lá vem no Diario de Coimbra de hoje um louvor á sua pessoa com menção de outros ofertantes entre os quais eu, como me vê pelo recorte junto. E fica aqui o recorte para se ver como os ofertantes são tratados: tu cá tu lá, de igual para igual, sem a costumada e normalissima cerimonia.

> Também o coronel Belisário Pimenta, já entregou no Museu Académico uma valiosa colecção de folhetos, fotografias, jornais, ilustrações e outro material que vai ser exposto.

Aquele Madail vale muito dinheiro... Agora anda ás voltas com o Museu Académico para qualquer dia se zangar com os rapazes e abandonar a iniciativa.

Coimbra

Maio: 22.

Ontem, exequias na capela da Universidade, pelo pobre Carmona que, oficialmente, morreu no seio da Igreja católica.

Digo oficialmente porque, enquanto esteve em seu juizo, o Carmona recusou sempre amavelmente a interferencia da Igreja. Isto me foi ainda ontem afirmado por um eclesiastico de categoria da diocése que não levou a bem a comédia final. Quando o velhote entrou em côma, não só a mulher como membros do Governo entre os quais o Santos Costa que parece não largou a residencia, chamáram o conego Honorato de Mendonça que, com representação do cardeal Cerejeira, procedeu ás cerimonias necessarias para bem morrer.

E assim morreu o velho livre pensador e maçon que, vá lá! se aguentou enquanto enquanto pôde no balanço final. Mas pareceria mal que o Presidente desta nação fidelissima morresse impenitente. E não tiveram duvida em representar a comédia em que a Igreja católica é sempre eximia.

Enfim... Adeante.

Por esse país fóra vai um afan formidavel pelo eterno descanço do velhote. Não ha aldeola perdida onde se não rezem missas, continuamente, com assistencia das autoridades e da petizada das escolas. Parece que ha empenho em aplacar qualquer má vontade divina contra os deslizes cometidos pelo pobre marechal honorario...

Pois ontem, a Universid.e não faltou ao seu dever: na capela privativa celebraram-se exequias solenes e fez o elogio funebre o P.e Pinto Carneiro que aí é advogado da Câmara Municipal e anda muito na moda pelos seus discursos transcendentes.

Não conheço este padre, nem de vista; porem o excerpto que o Diario de Coimbra hoje insére, deixa qualquer mortal em duvidas acerca dessa transcendencia. O excerpto a q. me refiro fica arquivado por curiosidade[1]; a amostra, embora pequena, é, na verdade, curiosa. Como diabo se dizem coisas destas numa capela universitaria, perante o corpo docente universitario e gente graduada

---

[1] A pag. 367.

F - 40

da terra? E á gazeta, como querendo ainda acentuar, anota o «acentuado lirismo» do discurso para concluir com as «alvoradas virginais...»

E aí está como se forma uma lenda ao redor de homens que são fundamentalmente simples e que só o acaso, por bem ou mal notável, elevou á categoria dos «meninos inacessíveis...»

Emfim, os tempos que correm ainda vão para mais novidades destas: «meninos inacessíveis... alvoradas virginais...»

Mas a verdade é que o jornalista foi transcendentemente cómico.

Coimbra:

Maio: 24.

Houve hoje aí a procissão do Corpo de Deus que me passa, habitualmente, quasi á porta. Não resisti e desci a rua para ir ver a manifestação.

Na realidade, a coisa sobe e sobe muito. A procissão, muito diferente do que era antigamente, foi contudo uma grande manifestação reaccionaria. Não ha duvida nenhuma que esta m.ª afir ma-

ção não é exagerada; e se não foi novidade para mim, no entretanto, devo confessar, fiquei um pouco atordoado...

E a verdade é que o caso se nota, ás claras, pelos olhos.

Agora, o exercito entra ás escancaras nas manifestações a que por eufemismo todos chamam «de fé.» Atraz do júbilo, entre as vaidades civis e judiciais, ia um pouco numeroso de oficiais fardados, em grupo compacto. E deu-me na vista um deles, que não conheço, cheio de medalhas, que procurava espaço em frente para dar mais na vista; era tenente-coronel ou coronel e ia com ar pateta, como quem queria que lhe vissem o feito costelado....

Não ha duvida: a Igreja teve razão, a pouco e pouco, dominar; a duvida ultramontana sobe e vai subtilmente esmagando as resistencias.

Até lá, pateta e apesar de todas as suas afirmações, o dr. Costa Rodrigues, secretario geral do Governo Civil. Ia em nome do Governador, é certo; mas a verdade é que lá ia, de casaca, e com toda a compostura...

Coimbra:

Junho: 1

Ontem, em Lisboa, houve reunião dos cursos que em 1900-1901 entráram na Escola do Exercito. Comemoração do meio seculo...

Do curso de Infantaria a que pertenci, apenas doze compareceram; os desoito da reunião eram completados com um engenheiro civil, dois artelheiros e tres de Cavalaria.

O destroço que cinquenta anos teem feito!... O que resta de cento e tantos rapázes matriculados em 1900!

Ora hoje, no caminho, enquanto o comboio galgava os duzentos e tal quilometros de distancia, puz-me a pensar nos doze condiscipulos que apareceram e não resisti a fazer um exame rapido de cada um.

A reunião foi agradavel, correu sem nuvens, com alguma alegria até; houve certa homogeneidade, apesar da diversid.e de caracteres e mentalidades; houve a tacita aceitação das realidades que o mesmo é dizer da velhice.

E, que Diabo!... o que lá vai, lá vai!

E parece, realmente, que o que lá vai, lá... foi! Almoçaram copiosamente quasi todos o que provou a excelencia do respectivo aparelho digestivo; e os pequenos nadas que separáram alguns, em tempos idos, ficáram naturalmente afogados nos belos vinhos (que eu não bebi) que desapareceram rapidamente das garrafas.

Adeante. E antes assim.

Quantos faltarão á proxima reunião festiva?

Ora o exame que fiz aos condiscipulos, aqui fica pela ordem de antiguidade do curso:

1) Helder Armando dos Santos Ribeiro: Sempre a mesma creança. Alegre e optimista. Espirito confiante, talvez pouco capaz de ver bem a realidade. Honrado e cheio de boas intenções. Era o nº 6 na escala dos aspirantes.

2) Alberto dos Santos Pereira Monteiro: o dr. Tinturas, de alcunha. Com a capa de bom rapaz sempre e acima de tudo interes

25/3

seiro, calculista. Nunca deu ponto sem nó. Muito rico, é avaro. Sua política foi sempre oportunista, sem qualquer crença séria, além da das suas conveniencias. Em certos passos da vida, velhaco. Era o nº 8 do curso sem q. para isso tivesse qualquer mérito; chegou lá pelas muitas habilidades que teve para triunfar na vida.

3) Luis José da Mota. Nº 10 do curso, com certos direitos pelas qualidades militares ingenuas. Pouco inteligente mas muito trabalhador. Soube sempre governar a vida pondo de lado escrupulos de consciencia que naturalmente nunca teve. Foi grosseiro o que quiz mas não chegou a general — o que foi, para as suas ambições, o maior golpe da vida pois tudo o que fez levava esse fito.

4) Alberto da Silva Pais: nº 18 do curso. Inteligencia muito viva; caracter de rija tempera. Homem serio, esforçado. Fala muito pouco com o punho fechado, de modo nervoso. E' um incansavel e nesta parte muito irritado. Anti-clerical sincero.

5) Arnaldo da Silva Douwens, o nº. 28. Ordinario, creatura sem educação. Trabalhadôr, com pouca inteligencia e creio que sem preocupações de caracter. Reaccionario que se conseguiu equilibrar á custa de transigencias.

6) Raul Silvão Loureiro, o nº. 30, o Pinga-Amôr por alcunha. Sempre correcto, muito cuidadoso do seu fisico, impecavel no trajo quer civil quer militar, levou a vida a direito com fama de bom moço e de pessoa indiferente á politica e leal com todas as situações, mas inquestionavelmente monarquico, reaccionario e com aversão sincera á Republica. Soube captar com habilidade e foi chefe duma repartição de responsabilidade no Ministerio da Guerra com ministros democraticos, na qual fazia a sua politica sabiamente encoberta. O salvadôr 28 de Maio de 1926 veiu integra-lo no seu verdadeiro elemento. De-mais, pouco inteligente e bastante inculto.

7) Julio Garcês de Lencastre, o nº. 42 do curso. Pouco inteligente mas dotado de esper

Terra, dessa esperteza que, ligada a uma certa dose de audacia, levam a triunfar na vida com mantapeus. Com qualquer especie de ideias ou principios, vem-se governado bem, embora se deva dizer que na sua vida de colonial vem prestado alguns serviços com sinceridade.

8) João Passos Pereira de Castro Junior o nº. 48 do curso. Bom homem, boas intenções, pouca inteligencia. Passou pela vida sem deixar sinal, alem das alegres facécias e uma aparente boa disposição. Esteve pioneiro na Alemanha em 1918, depois da acção de La Lys; pois nenhum desse periodo tira motivos para anedotas. Bom chefe de familia, enternecido com os filhos e netos.

9) Eurico de Campaio Caturio Pires, nº. 54 do curso. Temperamento vibratil, inteligencia viva, com aprumo. Daqui veio que nas escolas era republicano; depois, em Caçadores nº. 5, a convivencia com os reis e gente de côrte, levou-o á monarquia e daqui ás campanhas do Paiva Couceiro. Soube sempre suportando as contrariedades com dignidade

seus curvaturas, como muitos. Nos estudos de História militar tem mostrado critério e bom juízo.

10) Mauro Otaviano Carneiro de Azevedo, n.º 67 do curso. Caracter brando, sem arestas. Ao modo vício. O que se diz, vulgarmente, um bom rapaz. Casou rico e tem levado a vida sem encontrões, sempre preocupado com a boa administração da casa e em não quebrar o equilíbrio de bem viver. Creio que será daqueles que se podem chamar felizes. Sem ambições (que os dois irmãos tiveram) mantem, aos 70 anos, a tonomia e até quasi o aspecto físico dos trinta anos — como se estas décadas de anos passados, agitadas e tremendas, não lhe tivessem galgado por cima.

11) Mario Silvio Ribeiro de Menezes, o n.º 74 do curso, se me não engano o penultimo. Inteligente, vivo, alegre, teve mocidade toda a vida a sua fama de não te rales mas ao mesmo tempo levando honradamente (mas corretamente) a agua ao seu moinho. Magnífico, sempre, atravessou o período re-

publicano sem grandes complicações, um pouco á custa do seu espirito de laracha e a fama de bom rapaz que nas escolas o impunham, como aliás ainda hoje, á simpatia geral. E, pode dizer-se, simpatia justificada sem favor.

E aqui ficam rapidas impressões dos convivas do almoço, que pertencem ao curso — o que não quér dizer que não sentisse, do mesmo modo, certa satisfação em os ver reunidos

O que lá vai, lá... foi, disse eu acima. E assim deve ser. Uns são mais queridos do que outros — mas, enfim! oxalá os encontre a todos para o ano que vem.

Coimbra:

Junho: 10

Dia de Camões. Grande gala. Feriado. Etc. etc. Este ano, porem, Camões foi substituído pelo campeonato de foot-ball...

Uma festa que a Associação Academica queria hoje fazer, foi adiada para o dia 17 proximo; e foi substituida (e com maior vantagem) por uma solene procissão de

creadas de servir em honra da Senhora de Fatima.

Fui ver a manifestação: na verdade, aquilo representa uma formidavel organização clerical. Dizem os jornais que vieram de Fatima até aqui umas 4:000 servigais arregimentadas na chamada ordem de Santa Zita; é possivel: o cortejo, que eu vi passar, era infindavel e acompanhado por um pelotão de padres que exerciam a policia e davam o tamiré para orações em voz alta e certos canticos religiosos.

Tudo aquilo que me foi dado ver impressiona um trabalho de papa enorme, uma forte organização de que só o clericalismo é capaz. Os liberais não querem isso ou não querem ver; em regra riem-se e levam o assunto para a facécia.

Pois deviam ver e, a valer, com olhos de quem se não quer deixar enganar.

Coimbra:

Junho: 13.

Ontem, no Instituto, houve conferencia proferida por uma senhora D. Maria Bracklamy Barjona de Freitas, acerca de Os

livreiros quinhentistas na sua irmandade. O trabalho lido foi interessante e reveladôr de novidades para a história dos livreiros; vai ser publicado na revista da casa e verêmos com vagar o assunto para melhor o apreciar.

Mas o curioso de tudo é que esta senhora, hoje redactora do jornal católico A Voz e muito atenta, veneradora e obrigada perante a situação actual, é, nem mais nem menos do que a celebre D. Maria Arade de ha trinta e tal anos, a revolucionaria e inconformista Maria Arade, a impulsionadora feminista de quem, ao tempo, se contavam histórias e historietas.

Este mundo, realmente, dá muita volta e muita reviravolta...

Passam hoje doze anos sobre o meu chumbo no Estado maior.

E ninguem o ha-de dizer...

Coimbra:

Junho: 20

Hoje de manhã, ao tomar o meu chá com torradas habitual, entrou-me O Pri-

meiro de Janeiro pela porta dentro com a noticia da candidatura á Presidencia da Republica dum certo general Francisco Higino Craveiro Lopes, proposto pela chamada União Nacional.

Senti não sei que impressão de assombro e tão desagradavel que as saborosas torradinhas me iam causando engulhos. Sem querer, murmurei:

— Que vergonha!...

E assim vamos. Em Portugal não se encontra um homem capaz de assumir o cargo, alem deste desconhecido general. É bem triste.

Como é que foram descobrir esta creatura — demais a mais general?

Coimbra:

Julho: 6

Hoje, em conversa com o Eduardo da Cunha Oliveira, no seu escritorio, como viesse a talho de foice a proxima eleição presidencial, expoz-me ele o seu criterio fundado em informações que devem ser boas, dadas as relações que ele tem com altas figuras da situação actual e da catolica.

Em resumo:

O padre jesuíta Miguel de Oliveira, de Santo Tirso, um dos inspiradores da política actual, dissera há pouco ao irmão, o dr. Augusto de Oliveira que era necessário «arranjar caminho», que se vinha andado mais do que seria conveniente; e ainda acrescentou que o grave problema de agora era o de uma saída airosa para o Salazar.

Ora o Eduardo de Oliveira raciocinou e com certa justeza que a melhor solução não seria a escolha do Craveiro Lopes mas sim a do almirante Quintão Meireles que afigurou como opositor àquele.

Perante um gesto tão de incredulidade, o Eduardo de Oliv. continuou: o Craveiro Lopes não é creatura para se entender com o Salazar; e como por detrás dele anda um grupo de generais que tem querido impôr modificações na política em pendido mais liberal, pode acontecer que de um dia para o outro ele o empurre para a oposição e o mande cavar batatas. Com a vitória do Quintão Meireles, o caso era diferente porque, afirmando a actual situação que se vive em perfeita democracia, o Sala-

zar sairia de pé, garante a vontade do sufragio livremente consentido, etc. etc.

Isto é realmente subtil e proprio da Companhia de Jesus.

Mas eu vire logo a reacção:

— Meu caro Oliveira: se os jesuitas se metem nisso é caso resolvido; mas... com franqueza, acho a <u>escuta</u> grande de mais!

Ele insistiu: a solução vai por ahi, e não póde haver outra; os padres estão a receber ordens nesse sentido e a Uniao Nacional ficará escangalhada...

Vamos a ver. Mas eu continuo a dizer que a <u>escuta</u> é grande de mais. E, francamente, francam.te... não acredito.

<u>Coimbra</u>:

Julho: 10.

Hoje, na Livraria Gonçalves, na Praça da Republica, quando entrei, estavam o João Manuel Bairrão Oleiro com outro individuo que não conhecia mas que já vira em qualquer parte.

O Oleiro, como sempre, veio falar-me com certo ar de reverencia; estava em Coimbra em missão de estudos e deu-me essa

informações com ares superiores e de certo mistério; trocáram-se cumprimentos e os dois saíram juntamente.

Quando transpunham a porta, o Gonçalves disse-me:

— Este é que é o Reis Santos, o novo director do Museu...

Sem querer, fui á porta para ver melhor o homem e vi-o parado, a pouca distancia, a ouvir o Oleiro que apontava para a livraria. Lembrei-me que este falasse de mim; a maneira e os gestos eram de quem indicava que havia alguem no estabelecimento a quem se faziam referencias.

Recolhi logo para ele que queria; e na verdade, acto continuo, entrou o Reis Santos, de chapeu na mão, reverentemente, e apresentou-se...

Mal pude — dizia-me ele — pelo Oleiro que eu estava ali, quiz conhecer-me, apresentar-me as suas homenagens e solicitar ~~[illegible]~~ a minha colaboração na obra que vai empreender como director do Museu de Machado de Castro; acrescentou que vai procurar dar vida ao Museu dentro das regras da moderna «museologia», abrir

uma sala para investigações e estudos, aumentar a biblioteca, promover conferencias, etc. etc. E contava comigo para isso tudo.

Enfim, ainda com o chapeu na mão, desfez-se em amabilidades e cortesias.

Mas não gostei do homem. Achei-lhe um ar exquisito, untuoso, melifluo, sem olhar para quem fala, com expressão que parece não corresponder ao que vai dizendo, um todo de Oscar Wilde que me deixou duvidas acerca de possiveis táras.

Depois... a companhia do Oleiro que surgiu com ele em Coimbra...

Este João Manuel Oleiro deu-me sempre a impressão duma creatura equivoca, efiminado de mais, com olhar incerto, sem se fixar, tambem, no interlocutor. Era protejido no Liceu de Faro pelo Falcão Machado; ultimamente em Lisboa pelo Cordeiro Ramos — e assim, com estas protecções e estas amizades, se radicáram no meu espirito as suspeitas de taras muito exquisitas. Enfim, isso é lá com eles quatro e q. tirem muito bom proveito... Não me meterei na vida alheia.

F-42

O que eu aqui quero notar é que o dito Reis Santos procura ou parece procurar o apoio dos sobreviventes do antigo grupo que rodeou o Ant.º Augusto Gonçalves e ainda dos que lidaram com o Virgilio Correia. Durante a conversa, até, disse-me que sabia que eu fui um dos amigos íntimos dos dois e isso era uma das razões para me cumprimentar e esperar que eu continuasse a frequentar o Museu e, em breve, as vais salas de estudo que ele juntou à minha disposição.

Sou, pois, na opinião do Reis Santos, pessoa notável nas artes. Pode ser que assim seja; mas se assim for, quero crer que a História ainda m.to errada...

Paz: Mafra.

Julho: 15.

Hoje, os jornais trazem cheios as declarações que o Craveiro Lopes, candidato à Presidencia, fez ontem jornalistas estrangeiros que lhe tinham formulado perguntas — algumas muito de algibeira.

Fiquei com a impressão de que um ou outro teria chuchado com o homem; não

sei se assim seria mas a natureza das perguntas leva a essa suspeita.

Ora uma das declarações do illustre candidato deu-me no gôto: é aquella em que dá a entender que o soldado deve estar sempre prompto para tudo e apto sempre a ser tudo o que lhe exigirem, até Presidente da Republica — apesar de dizer que na sua vida apenas cuidou em se preparar para o desempenho das funcções que mais se ajustavam á sua educação e ambiente familiar da sua infancia. Mas a verdade, acrescentou, é que o soldado deve estar sempre preparado para as funcções mais dificeis pois como a base verdadeira e solida da educação militar é servir, servir sempre e o melhor que puder, segue-se que encontrou em si a fortaleza de animo sufficiente e a coragem moral necessaria para aceitar as responsabilidades que competem a um chefe de Estado.

Isto, traduzido e levado por esses fios e sem-fios fóra, deve causar certo gaudio aos finos observadores estrangeiros. Continuá-mos, como se vê, a considerar o exercito manancial de homens dotados de todas as qualidades essenciais para a politica. A far-

da é o capelo e borla suficientes e necessarios para tudo; e a educação militar a verdadeira pedra de toque do Civismo...

Poleres Titeres!

Sabem tudo, pelo visto; só não sabem que são manejados com habilid.e e astucia, que a roupêta da Companhia vale mais, muito mais, do que todas as fardas reunidas e multiplicadas.

Enfim. Vamos ver.

Paz: Mafra.

Julho: 22.

Dia de eleições. E' hoje votado o general Craveiro Lopes p.a a Presidencia, por 99% dos eleitores.

Nestas minhas meditações, aqui, isolado como estou, penso ás vezes:

— Como diabo é que foram descubrir o Craveiro Lopes? Mesmo para o fréte que lhe impuzeram, não haveria outro?...

O almirante Quintão Meireles desistiu nem poderia fazer outra coisa. O Patrão, o homem de Santa Comba, falou ha dias perante multidão escolhida e, segundo o costume, fez discurso subtil, cheio

de ironias para as oposições, com reticências jesuíticas próprias da sua oratória, como de homem que sabe muito bem que da assistência não sái um «não apoiado!» e que na imprensa não aparecerá uma palavra contraditória.

Afinal, uma forma de covardia como outra qualquer, com a agravante de se basear na força.

Neste momento em que escrevo, passam na estrada umas carrinhetas descobertas cheias de homens que cantam, desafinadamente o hino nacional. São eleitores, são os que não dão os 99% de percentagem eleitoral, levados assim alegremente para cumprir o «sagrado dever...»

A comédia de sempre, dir-se-ia com verdade; mas agora levada á quinta essência da perfeição como, entre nós, nem os Calabraios poderiam imaginar ha coisa de seculo e pouco.

Vamos a ver o que sái da Trafulchata. O grupo de generais que disse estar por detraz desse eminente e daqui a horas nem saudo Craveiro Lopes, será capaz de fazer alguma coisa em proveito de todos? Serão

eles haveres para arcar com a sanha do Jesuíta, aproveitando as lições do proximo passado?

Duvido muito. Mas enfim... vamos a ver. O tempo dirá.

Lisboa:

Julho: 31.

Afinal, pelo que aqui oiço a gente que está mais proxima dos sucessos e dos haveres, parece que todas as hipoteses atraz formuladas acerca da escolha do actual Presidente da Republica, são simplesmente fantasia.

Depois de varios escritos a este e áquele general, o venerando Craveiro Lopes sentiu-se com ganas de ser Chefe de Estado.

E parece que é só isto.

Assim será.

Paz: Mafra:

Agosto: 7.

O Sr. Manuel Monteiro ofereceu-me um exemplar do seu ultº trabalho A Igreja de São Tiago de Coimbra. Agradeci-lhe com a carta que se segue:

«.... Depois duns dias em Lisboa, vim encontrar aqui o opusculo sobre A Igreja de S. Tiago de Coimbra com que V... me quiz honrar. Li-o logo com a atenção com que leio sempre os trabalhos de V... : valiosa monografia feita com criterio seguro, é bem uma lição de Mestre que me deixou a impressão de trabalho definitivo.

«Ainda bem q. V... veiu dar essa lição muito necessaria geradora julgamentos em q. mais entra a vaidade do que ciencia e com ciencia. Queira V... acreditar que me senti muito honrado com a oferta e que me subscrevo, etc. etc. »

Paz: Mafra:

Agosto: 31.

Uma cunhada do meu genro Cristovão de Sousa Lima que veiu ao continente e regressou á Terceira no vapor de 8 deste mês, encontrou, como companheiro de viagem, o dr. João Porto, catedratico de medicina em Coimbra, que ia passear ao arquipelago açoreano.

Essa senhora accrescentou aos cunhados referiu-se ao conhecimento travado com

o professôr e desvanecida com a familiaridade de viagem dizia: «... o catedratico "João Porto que me falou com grande encó-"mio dos trabalhos literarios do sr. coronel...»

Ainda bem que os meus trabalhos literarios são apreciados pelo catedratico conimbricense!

A verd.e porem é que isto tudo é o que se chama falar por falar.

Paz: Mafra:

Setembro: 2.

Mandei vir o 5.º volume do Diario do Miguel Torga.

O Cristovão leu-o e eu percebi que não gostou por certos comentarios que lhe ouvi, comentarios talvez incompletos por cerimónia para comigo.

Ora o Miguel Torga e o Cristovão Lima são homens da mesma idade; e no entretanto, que diferença de mentalidades!

O Cristovão quero crer que não compreende o Torga; o individualismo deste e a ancia de liberdade que transparece em todas as paginas são pouco compreensiveis para o vago conformismo daquele.

Duas mentalidades creadas na mesma epoca; mas o temperamento diverso fizeram-nas, talvez, divergir: o açoreano jacato, com certa dose de indolencia trazida do murmurhar monotono do mar da costa norte de S. Miguel onde nasceu e se creou, não lipa com o transmontano de S. Miguel de Anta, duro e independente.

Dois homens diferentes dentro da mesma epoca, estudantes universitarios na mesma Universidade, ambos espectadores inteligentes dos mesmos cenarios politicos interiores e exteriores.

Lisboa:

Outubro: 3

Ha um mês que deixo em paz este folhetim diario. E ha sempre tanto que dizer!

Ora hoje só direi que completo 72 annos de existencia... Setenta e dois, é verdade.

Commentarios... para que?

E que hei-de eu fazer? De que servem protestos e commentarios?

Pois que corra o tempo e que me leve onde o mesmo destino.

Paz: Mafra:

Outubro: 5.

Aniversario da proclamação da Republica. Dia bom para meditação, ou, como dizem os catolicos, para exame de consciencia. Eu creio que não terei grandes culpas para confessar.

Não estarei isento, possivelmente. No entretanto, não serão grandes.

Os jornais principais, hoje, nos seus artigos solenes dão a entender que a revolução de 1910 foi feita para se chegar como naturalid.e ao 28 de Maio de 1926. O destino, a Providencia, o Grande Motor da caranguejola terraquea assim prepararam os successos; e ficámos sabendo que o «5 de Outubro» foi o natural precursôr do «28 de Maio...»

Adeante, adeante.

Par: Mafra:

Outubro: 14

Ontem, Fatima, com grande ruído e pompa. Triunfo completo da Reacção, a, pode dizer-se, [redacted] triunfo que a dita Reacção não occulta.

E teem razão. A onda cresce á vontade, acarinhada e até protejida pelo Estado. Como não hão-de os ultramontanos cantar vitoria alegremente?

Ontem, 13 de Outubro, mais um dia festivo para a Reacção triunfante. E assim vamos andando.

Paz: Mafra:

Outubro: 17.

A revista Vertice, de Coimbra, convidou-me para colaborar no seu proximo nº. 100, que sairá em Dezembro. O oficio do convite era m.to amavel; e eu tive que responder com equivalentes amabilidades:

«... Creio ter já dito pessoalmente a V... que os velhos como eu não devem colaborar numa revista de novos — e de novos com o valor de todos os seus colaboradores. E a amavel insistencia para a minha colaboração não me leva a pôr em duvida a autenticidade da m.ª certidão de idade...

«Não: creiam, eu sou um velho que não tem direito a emparceirar com a pleiade brilhante da Vertice.

«Mas... pensando que não tenho, tambem, o direito de recusar a amavel solicitação com que me querem honrar, venho responder com franqueza que procurarei mandar qualquer pequeno artigo que, de certo, vai soar a rachado no meio da brilhante colaboração que encherá o nº. 100 da Vertice.

«Ha, porem, apenas uma duvida: o q. desejaria mandar só em Coimbra poderei fazer e só regressarei a mª casa na primª quinzena de Novembro. Irá a tempo? Se fôr, poderão contar com qualquer pedaço de má prosa.

«E com os meus agradecimentos, etc.»

Desejaria fazer um artigo cujo titulo poderá ser Napoleão visto por Balzac. Será obra superior ás minhas forças? O assunto já me tem tentado e, agora, se tiver tempo e disposição, vou procurar escrever qualquer coisa.

O piór são as minhas hesitações, as duvidas do exito. E demais a mais para revista de rapazes novos e de valor.

Paz: Mafra:

Outubro: 18

Tanta coisa para comentar e eu com tão pouca disposição para isso!

Só Fatima, com o encerramento do Ano Santo (o ano santo!...) quantas paginas daria?

Vitoria verdadeira e indiscutivel da Reacção; vitoria tambem verdad.ª e indiscutivel do Estado-Novo.

Onde irêmos parar? Até que ponto subirá a onda negra que já não disfarça e se mostra ás claras?

Tremenda quadra esta!

Vaticano dum lado, como polvo que aos poucos vai lançando, com subtileza, tentaculos seguros; o Kremlim, do outro, esquentando os espiritos, acenando com a Felicidade na terra...

Onde irêmos, onde irêmos?

Lisboa:

Outubro: 21.

Mais uma vêz na capital do Imperio... E hoje, ao voltar duma esquina, na avenida de 5 de Outubro, esbarrei com o Augusto Ca-

simiro, o Soeiro-Soldado. Abraçámos-nos com certa comoção. A velhice tem destas coisas... E a conversa foi animada.

Contou-me vários episódios da sua vida entre eles o da punição de 30 dias de prisão que o Santos Costa lhe deu por frases proferidas num comício em Torres Vedras quando se tratou da eleição do Norton de Matos para a Presidência da República.

E mais coisas, mais coisas que não fui capaz de reter na memória mas que me alturdiram um pouco por perceu prova da situação a que chegámos com a política da actualidade.

O que me deixou até certo ponto admirado foi a juventude do Casimiro: branco no cabelo, a cara um pouco enrugada, mas sempre o mesmo vivo e alegre alferes que eu conheci em Mafra, em 1930, no recrutamento, era ele aspirante na Escola Prática de Infantaria. O seu aspecto e a vivacidade com que fala não deixam transparecer os muitos trabalhos e certas amarguras por que tem passado.

Bom feitio! Quem me dera poder fazer o mesmo!

Ora a propósito da observação que lhe fiz acerca dessa sua boa disposição de espírito, contou-me ele:

Ia tempo, encontrando na rua o general Carreiro de Albuquerque, este lhe disséra:

— Vossê, Casimiro, está ainda o mesmo rapaz!

Ao que o Casimiro respondeu:

— Que quer o General? Se eu fiquei para sempre o «capitão da Flandres?...»

Daí a pouco, ao continuar no seu caminho, encontrou o general Eduardo da Costa Ferreira, já pouco falecido; como achára graça ao episodio, o Casimiro contou-lho e acrescentou que ficára com a impressão de q. o Carreiro de Albuquerq. não gostou da replica por haver parecer pirâda directa.

O Costa Ferreira, rindo, com bonhomia, observou então:

— Vossê, Casimiro, ficou «capitão de Flandres» e está bem assim; mas eu e outros de m.ª patente temos engulido muito sapinho para sabermos ser generais «de folha de Flandres...» E fique-se com esta, meu caro Casimiro.

E com este caso picaresco e muitos outros, a conversa levou os seus tres quartos de hora — com promessa de continuação, para o Natal, quando voltar a Lisboa.

Assim será.

Paz: Mafra:

Outubro: 23.

Ontem, solene trasladação do Alfredo Pimenta para Guimarães, com assistencia das Infantas irmãs do pretendente D. Duarte Nuno, dos representantes da causa monarquica, etc. etc.

Manifestação, na verd.e, de peso.

Falou o Costa Pimpão que fez o elogio funebre. Deve ser curioso o elogio, a avaliar pelos extractos dos jornais; referindo-se á conversão religiosa do Pimenta, citou o ano da conversão: «... o ano redentor de 1914 "... porque nele se abriu a inteligencia por"tuguesa á promissôra luz do Integralismo "Lusitano...» Etc. etc. etc.

E depois, o dr. Alberto Ramires dos Reis que não sei quem é, tambem largou discurso que terminou: «A independencia "do seu espirito e a evolução coerente do

"seu pensamento ficam como exemplo vi-
"vo de quanto póde a probidade intelectual e
"moral. » Etc. etc. etc.

Comentarios... Não seria dificil fazê-los; mas valerá a pena?

Adeante.

Paz: Mafra.

Novembro: 11.

Grandes coisas vão passando e eu sem vontade de as registar e comentar!

Morreu a rainha viuva D. Amelia, já velha, com 86 anos; e o País todo, de norte a sul, desde a capital á mais sertaneja aldeiola, chóra com grossas lagrimas a perda da excelsa princesa, modelo de virtudes e anjo de bondade...

E' curioso este caudal inexgotavel de lagrimas que se prestaria a comentarios se eu tivesse disposição para isso.

Pois desde o Governo com o cardeal Cerejeira associado até a todo o fiel patife que rasteja cá por baixo, as homenagens são prestadas com impudôr — sem contar com as centenas de missas resadas por alma da morta.

Adeante.

Talvez aqui deixe um dia, quando vier vagar, escrito o que sei a respeito da excelsa rainha, boa discipula dos jesuitas e um dos grandes fautores da Reacção em Portugal nos fins do seculo passado e começos do actual.

Mas para isso é necessario ter vagar e paciencia; e a Historia não gosta com as revelações.

×

Ora ontem houve mais um caso, pequeno afinal, mas que é bom sinal dos tempos.

A Sociedade de Geografia abriu o seu ano cultural com pompa solene presidida pelo Presidente da Republica e assistida pelas chamadas «altas individualidades.»

O orador foi o Alberto Xavier, o intransigente da questão academica de 1907, o republicano de 5 de Outubro que alcançou logo, por mercê do Alvaro de Castro, o cargo de director geral do Ministerio das Finanças, de deputado, etc. etc. Foi um dos homens do grupo do Alvaro de Castro do qual, creio, foi condiscipulo na Universidade; e se não chegou a rei-

nistro foi porque a sua côr tisnada de mais, mixto de raça preta e raça india, o não recomendava muito.

Esta situação politica actual teve-o preso muito tempo não me lembro já por que motivo e só foi solto, dizia-se, por interferencia da casa Fonseca, Santos & Viana com a qual o Governo queria negociar não sei o quê. Contava-se até nos cafés da baixa de Lisboa, em tom de laracha, que esta interferencia da casa bancária fora o «resgate do Principe Negro...»

Larachas de mistura com negocios provavelmente escuros.

Ora este Alberto Xavier (de quem, diga-se, eu nunca gostei) começou o seu discurso por exaltar a presença do Craveiro Lopes a quem dirigiu cumprimentos mais do que protocolares; e dirigindo-se ao cardeal Cereijeira que estava em lugar especial, embora como ouvinte, exalçou a sua alta figura intelectual de sacerdota e professor, etc. etc.

O estupôr!...

Parece que, no fim de contas, todo o cerimonial da noite foi arranjado propositadamente para a conversão de mais um arrependido. A apresentação do orador feita pe-

lo dr. Moreira Junior, presidente da Socie-
dade, a presença solene do Cerejeira e de
Paulas «altas individualidades» parece-
me que não foram mais do que o cenario
preparado para o publico arrependimento
dum criminoso.

Assim seria.

Paz: Mafra.

Novembro: 13.

Em Braga celebrou-se o centenario de
Francisco Sanches, bracarense prodigal,
baptisado na igreja de S. João do Souto, con-
forme diz uma lapide recem posta numa das
suas paredes e inaugurada com solenida-
de oficial.

Concorreram á celebração professores
das tres universidades participantes, da de
Toulouse e especialmente de Montpellier on-
de Sanches foi professôr.

Está tudo muito bem.

O que, porem, achei notavel foi o quasi
segredo com que se preparou a celebração e
ainda está partir da Faculdade Pontificia de
Filosofia, de Braga (que é orgão da Companhia
de Jesus) a que, evidentemente se associou

a Câmara Municipal e mais organizações locais.

Francisco Sanches, segundo os discursos, foi discípulo, em Braga, dos jesuítas e certamente por isso a Companhia tomou a iniciativa.

O Governo fez-se representar na sessão final pelo Sub-secretário da Educação, um sr. Veiga de Macedo que discursou largamente. Esse discurso que foi lido e ouvido bem pesado, chegou-nos a estas paragens pela radio. Francisco Sanches pouco encheu a oração ministerial; foi apenas o pretexto para a exaltação velada da actual situação política e da sua reaccionaria que se vê se vender pelo mundo. E levou o exagero até afirmar perante estrangeiros cultos que nos preservavam universidades, que nós, os portugueses de hoje somos necessarios ao mundo actual para a defesa da civilisação cristã...

E coisas equivalentes.

A civilisação cristã!... E' este agora um dos bordões a que esta gente se agarra; por tudo e por nada, atiram-nos á cara com a civilisação cristã...

Mas, enfim, o melhor é ler nos jornais o discurso. Vale a pena, para se ficar a fazer melhor ideia do pensamento destes homens da governança.

Coimbra:

Novembro: 26

Estou em casa desde ante-ontem. Finalmente. Como desabafo mandei à Ana Maria a seguinte epístola em verso q. deixo aqui por curiosidade:

«Ai adeus, acabaram-se os dias
Em que havia, na Paz, saudades!
Só agora oiço alegres suspiros
Do Mondego nos seus pinceirais.

«Já cá estou, finalm.te, em Coimbra,
Aqui estou, finalmente, outra vez,
Apesar da azeitona e do porco
Que jogávam constante entremês.

«Lá chequei para maior novidade
Com batatas, galinhas, feijão
Que pesáram arrobas para conto
Nos costados do golpe João.

«Ao chegar á cidade «alma mater»
Alegria raiava infernal:
Pois corria, solene, o Congresso,
O Congresso da União Nacional.

«Foguetorio, vivório, o demonio!
Tudo doido, quer novo, quer velho;
Sem faltar na comedia de sempre
D. Aurora dos Santos Coelho.

«De Venancio na rua pacata
Ás janelas narizes de fóra,
Espreitando, anciosos, a volta,
Inquirindo de tanta demora.

«A Policia, na frente, zelosa,
Farejava, com todo o direito,
Se havia, escondida, na carga
Qualquer coisa com cheiro a suspeito.

«Isidoro, fiel intendente,
Recebeu sem qualquer azedume;
Tudo entrou, sem escolho, na casa,
Onde havia flores e perfume.

«D. Aninhas Pimenta de Lima,
Eu poeta, já digo, não sou;
Estes versos, á laia de epistola,
Só transmitem uns beijos do Avô...»

Isto foi, apenas, um desabafo. As alusões contidas não valem explicação; a versalhada fica, apenas, por curiosidade. E já não vai mal.

Coimbra:

Dezembro: 21.

Tanta coisa para comentar... E eu sem disposição!

Amanhã lá volto para Lisboa, para cumprir o meu triste fadario.

A assiduidade neste meu escritorio, entre os meus livros e entregue aos meus trabalhos predilectos, foi-se!

Agora, para meu mal, continuo neste fadario constante: ora Lisboa, ora Paz, ora eu sei lá!... O que me estará reservado neste final de vida que eu sempre imaginei podesse ser calmo?

Enfim... adeante.

Lisboa:

Dezembro: 31.

Cá estou, no final de mais um ano. Lisboa continua na mesma: movimento extraordinario, luxo, desvergonha nas mulheres e... eu sei lá o que ha mais!

A vida modificou-se de tal modo que é dificil a adaptação, por mais que se queira não envelhecer...

Ora bem!

Nestes poucos dias de convivencia na capital notei, não sei se por desconfiança minha, certo ar melancolico, e verifiquei um caso que ha muito me preocupa va e andava envolvido em mistério.

Este caso era o do Rumulo de Alexandre Herculano, nos Jeronimos, que certos rumo-rums diziam estar desaparecido da casa do capitulo. Numa destas tardes fui-me dos meus cuidados e fui até Belem, para ver com os meus olhos.

Na verdade... o Rumulo desapareceu! O Rumulo romantico, de certa importancia, que guardava a urna do Historiador, desapareceu!... O que lá vi, a meio da gaveta, no chão, apenas sobre uns jornais

afoios, foi uma arca com tampa golipo-
real, em cujas faces se lê que dentro está
a urna do grande adversario da Reacção.

A' volta, encostadas ás paredes, estão
outras arcas semelhantes com as urnas
de Garrett, João de Deus, Junqueiro, Teo-
filo Braga e ... e ... do golue Carmona.

Como diabo é que se póde conceber a
mistura do pseudo-marechal com aque-
les homens notaveis? Porque é que não
arranjaram outro local para o «grande
presidente» e não deixaram passeggados
os poetas e historiadores?

Pois é verdade: com os meus olhos
pecadores vi que Alexandre Herculano foi
despojado do tumulo construido por sub-
scripção publica e metido em caixa sim-
ples, no chão — certamente para não fi-
car superior ao insignificante general
que os acasos e bambúrrios da politica ele-
vou aos cimcaros da celebridade.

Saí de lá com pouco atordido.

O porteiro, a quem pedi na rua uma
moeda de 2$50 explicou, com voz surrida,
que o Herculano estava para desaparecer de
lá e que o Carmona é que estava desti-

nado a ocupar o centro da Casa do Capitulo. Assim seria. Não me custa a acreditar na afirmação do funcionario — se não [redacted] é funcionario da policia encarregado de ver as reacções dos visitantes.

Seja como fôr. A Reacção não esquece e o Herculano veiu a pagar a sua intransigencia, setenta e tal anos depois da sua morte. Os ultramontanos teem memoria excelente.

Quanto ao surto monarquico... É natural que as esperanças aumentem, pois é o Governo quem as favorece. Mas, não sei, não me cheira m.to...

E assim acaba o ano.

Retalhos

De pag.ª 30-31:

António Augusto Gonçalves

Faz no dia 19 de Dezembro um seculo que nasceu em Coimbra António Augusto Gonçalves. Desde então, não mais apareceu nesta terra alguém que pudesse igualá-lo na beleza da sua arte e dos seus ensinamentos.

Mestre dos Mestres, que tão devotadamente se dedicou ao ensino, sabendo crear à volta do seu nome, tão cheio de prestigio, o respeito e a veneração de todos os seus discipulos.

Esta data não devia, portanto, ser esquecida, e já que mais nada possa fazer-se, lembro à ilustre direcção da Escola Livre das Artes e Desenho, aos seus discipulos que tantos foram, irem nesse dia em Piedosa Romagem junto do seu tumulo, espalhar as flores da sua Saudade, honrando, assim, a memória do Mestre, de quem tantos ensinamentos receberam.

JOSÉ VIEIRA MACHADO

De O Despertar, nº 3201 de 24 de Novembº

— x —

De pag. 54

Uma rectificação... "ex-officio" ...

No nosso prezado colega «Diário de Notícias», n.º 29.744, de 6 do decorrente mês na 5.ª página, 3.ª coluna, lê-se o seguinte:

«**Terras do Mondego** — Começou a publicar-se em Coimbra a revista trimestral «Terras do Mondego», que se dedicará à história, tradições, arte e arqueologia, etnografia e regionalismo da vasta zona geográfica de que é reconhecido fulcro a famosa cidade universitária. *Dirige-a o ilustre professor da Faculdade de Letras, Dr. Rocha Madahil*, de reconhecido renome como arqueólogo, etnógrafo e escritor. O primeiro número insere, entre outros, os seguintes artigos:...»

Agora a rectificação... «ex-officio»:

Conhecemos um 1.º Conservador do *Arquivo da Universidade*, com êsse nome; sabemos, porém, que aquele funcionário não é Professor da Faculdade de Letras, nem tão pouco se formou em qualquer Faculdade...

Quartel General da 2.ª Re

1.ª REPARTIÇÃO

O Senhor Coronel da reserva -Belisário Pi

residente em R.Venancio Rodrigues 1freguesia de

Concelho de Coimbra, é avisa

pela freguesia de Sé Nova concelho d

Quartel General em Coimbra, 10 de Fevereiro

O C

(a) 2

366

De fog. 75

361

De fag. 104-105

Salas & Viagens

Casamento:

GOIS, 22.—Na acolhedora e solarenga casa da família Baeta da Veiga, desta vila, realisou-se, no passado dia 20, mais uma encantadora festa familiar, em virtude do casamento, efectuado naquela data, do sr. eng. José Alberto de Paula Saraiva Baeta da Veiga, filho da sr.ª D. Zulmira de Paula Saraiva Baeta da Veiga e do sr. major-médico dr. Alberto Baêta da Veiga, com a gentilissima sr.ª D. Maria do Rosário Monteiro de Abreu Varela, filha da sr.ª D. Ema Augusta Monteiro de Abreu Varela e do sr. major Carlos Rodrigues Varela.

A cerimónia realisou-se na igreja matriz desta vila, que se achava vistosamente engalanada, tendo sido celebrante o rev. prior da freguesia, sr. padre Belarmino Soeiro.

Apadrinharam o acto: por parte da noiva, sua mãe e seu tio, o arquitecto sr. António Rodrigues Varela; e por parte do noivo, sua mãe e seu primo, sr. eng. Alvaro de Paula Dias Nogueira.

Após a cerimónia religiosa, realisou-se nas salas da residência Baêta da Veiga e ao som da banda de Góis, que se encontrava presente, um «copo de água», a que assistiram numerosos convidados, entre os quais citamos: coronel Belizário Pimenta e esposa; dr. José Alves Pais e filha; dr. Manuel de Paula Nogueira e filho; dr. Bernardo Baptista Ferreira, esposa e filhos; dr. Francisco Dias, esposa e filhos; Aníbal Varela; D. Andília Veiga e filhas; D. Emília Veiga; dr. António de Almeida e Sousa; Manuel Francisco Martins, esposa e filhos; António de Campos Nogueira, esposa e filhas; Guilherme de Almeida Alves Meião; António Rodrigues de Oliveira; Cristóvão José Moreira de Figueiredo, esposa e filha; eng. Alvaro de Paula Dias Nogueira, esposa e filhos; Carlos José Monteiro de Abreu Varela e António Manuel Monteiro de Abreu Varela, irmãos da noiva; Joaquim Mateus Ramos Pinto e filha; dr. Joaquim da Rocha Silva e esposa; José Maria de Almeida Lopes Gomes e esposa; dr. José Pedro Dias Júnior e esposa; Emídio Pimentel Figueiredo e filhas; Manuel Rodrigues Varela e esposa; eng. Eduardo Azevedo Monteiro e filho; Ernesto Rola Henriques, esposa e filho; D. Júlia Câmara Oliveira Azevedo e filhos; coronel José Pereira Pascoal e filho; capitão Manuel Ribeiro Menezes; dr. Alvaro Filipe da Fonseca; Eduardo Brito e filho; dr. Agostinho Tinoco, esposa e filho; D. Júlia Garcia; João Telo Korrodi Azevedo Gomes, etc.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o norte do país.

Na «corbeille» viam-se valiosas e artísticas prendas, oferecidas pelos convidados e por outras pessoas de família e amizade que por motivos imprevistos não puderam assistir.

Aos noivos, portadores das tradicionais virtudes das famílias portuguesas, desejamos as maiores venturas.

De GÓIS

Abril, 22.

NOTA INTERESSANTE. — Como *A Comarca* hoje noticia em outro local, consorciaram-se nesta vila o sr. eng. José Alberto de Paula Saraiva Baeta da Veiga com a sr.ª D. Maria do Rosário Monteiro de Abreu Varela.

Uma nota interessante desejamos, a propósito, destacar: Na casa dos noivos encontra-se a sua antiga criada sr.ª Albertina Henriques, que para casa da família foi com a idade de 14 anos e hoje conta 88, dando-nos a impressão de que tem menos, devido à lucidez com que conversa, recordando coisas antigas. Apesar dessa tão avançada idade, não tem falta de saúde, vendo e caminhando bem, e fazendo rendas e outros serviços com muita perfeição. Foi em criança para casa dos bisavós dos noivos, sr. Manuel Martins Nogueira e esposa sr.ª D. Adelaide, para encolar seu filho sr. dr. José de Paula Nogueira, hoje juíz-desembargador aposentado, residente em Lisboa; depois, encolou os netos, sr.ª D. Zulmira Saraiva e sr. eng. Alvaro Dias; depois, os bisnetos sr.ª dr.ª Maria Helena e sr. eng. José Alberto; e actualmente encola uma interessante trineta, filha da sr.ª dr.ª Maria Helena e do sr. dr. Moreira de Figueiredo.

Esta dedicada criada disse-nos que devia ir hoje para Leiria, mas não foi, porque quer ver chegar a esta vila, da sua viagem de núpcias, o seu «querido menino», o sr. eng. José Alberto, por quem nutre muita e sincera amizade.

DR. BAETA DA VEIGA. — Partiu para Leiria, onde tenciona demorar-se alguns dias, o sr. major médico dr. Alberto Baêta da Veiga, nosso ilustre conterrâneo.

Comarca de Arganil, de 26 de Abril de 1949

De pag. 125.

HOMENAGEM AOS PRECURSORES
do Ensino Tecnico Profissional

NA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA ESCOLA INDUSTRIAL MARQUÊS DE POMBAL

Realiza-se hoje, ás 21 horas, no Ginásio da Escola Industrial Marquês de Pombal, na rua dos Lusiadas, a cerimónia do descerramento dum baixo relevo em homenagem aos precursores do Ensino Técnico Profissional, da autoria do escultor António dos Santos Usará da palavra o sr. Raul Esteves dos Santos que versará o tema: «O elogio histórico destes homens ilustres...» em que serão evocados Fradesso da Silveira, Vitorino Damasio, Ernesto Madeira Pinto, António Augusto Gonçalves, Joaquim de Vasconcelos, Fonseca Benevides, António Arroio, Marques Leitão, Joaquim Bensaude e outros.

×

De pag. 253

Foi alterado o contrato para a execucão da estátua de Nun'Álvares

A Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais foi autorizada a alterar um contrato celebrado com o escultor Francisco Franco, eliminando a execução do modelo em gesso da estátua de D. Nuno Álvares Pereira, com a consequente redução do valor do mesmo contrato a 240 contos, e prorrogando até 31 de Dezembro de 1951 o prazo para conclusão dos modelos das estátuas de D. João I e D. João II.

Justificando a não execução do modelo da estátua representando a figura do condestável D. Nuno, adjudicada ao referido escultor, lê-se no decreto que autoriza a alteração do respectivo contrato que se «reconheceu conveniente alterar as condições inicialmente fixadas para o trabalho».

Ex.mo Snr.o

C.el Belchior Pimenta

Rua de Santo Amaro á Estrela 41-2.º

Lisbôa

V. Ex.ª vota na 3.ª Secção
Liceu de Pedro Nunes
Av. Pedro Álvares Cabral

3222

Da pag. 182.

363

De jaq. 182

ELEITORES

As eleições do próximo dia 13 de Novembro vêm, de novo, chamar-vos ao cumprimento de um dever bem claro: o dever de reforçar, pelo vosso voto, um regime que, em vinte e três anos de vitorioso esforço, tem dado à Nação a ordem, a paz social, grandes iniciativas de fomento, um prestígio externo só comparável ao dos mais altos períodos da História; o dever de reafirmar assim, perante o Mundo, numa hora de crise económica e política generalizada, entre as incertezas e ameaças que enchem o horizonte, a segura unidade portuguesa em torno dos seus ideais e dos seus chefes!

Quem deixe de exprimir o seu voto, mostrará não compreender a lição dos factos e as exigências do momento presente. E parecerá desinteressar-se de um futuro em que tudo virá a ser ainda completado e melhorado.

Certos de que esse futuro estará à altura das nossas esperanças, cumpre-nos manter os bens já obtidos e avançar para novas conquistas e novos progressos.

Nenhum português verdadeiramente consciente poderá deixar de dar o seu voto, no dia 13 de Novembro, à lista que lhe é proposta pela UNIÃO NACIONAL — e de manifestar, por esse meio, ao Governo da Nação, a sua solidariedade, o seu aplauso, a sua vontade de ver prosseguir uma política inspirada, como até aqui, no propósito de engrandecer Portugal!

De pag. 257-258:

Novo cemitério

O *Diário do Govêrno*, publicou o despacho, pelo Ministério do Interior, autorisando a Comunidade das Carmelitas Descalças de Santa Teresa, desta cidade, a criar um cemitério privativo no claustro do seu convento.

— x —

De pag. 267:

(Do Diario de Noticias, de 5 de Outubro, 1950.)

40 ANOS DE REPUBLICA

Completam-se hoje quarenta anos sobre o dia em que o povo português, numa hora de alvoroçado entusiasmo e de ardente esperança, implantou o regime republicano. Sacrificio de honrarias, pureza de intenções, trabalho probo, honesto, esforços de iluminados, tudo trouxeram para a vida portuguesa os homens bons que fizeram a Republica e a ela se deram de alma aberta a todos os grandes sentimentos, coração nas mãos, olhos postos num futuro que queriam feliz para a sua terra. Batiam-se por um Portugal maior — e melhor.

Os ultimos anos do seculo passado e os primeiros deste haviam-se escoado numa monotonia enervante. Erros dos homens tinham criado o desapego da população pela administração do País, gerado aquele torpor espiritual e aquele marasmo que fazem estagnar as grandes iniciativas nacionais. Os que prepararam e proclama-

ram a Republica traziam consigo a chama dum ideal e a expressão dum patriotismo de que ninguem duvidava. O povo acreditou neles e eles acreditaram num milagre.

Mais tarde, eles proprios verificaram que nem sempre talvez tivessem correspondido á fé com que o povo esperava deles a solução de todos os problemas do País. Outros homens que vieram juntar-se-lhe depois haviam, por sua vez, de errar e fazer mergulhar a Nação numa vida dificil, inquieta, á beira do naufragio. Mas, no oceano revolto das paixões sangrentas e das lutas partidarias, a fidelidade dos fundadores, o seu aprumo, a sua dignidade, o seu idealismo surgiam sempre como uma onda mais alta — imaculada.

No meio da procela apareceu então a luz salvadora que guiou Portugal a seguro porto de abrigo. Fez-se a ordem nas ruas, a arrumação na casa portuguesa, o sossego nos espiritos. Voltou a sentir-se orgulho de ser da nossa terra, restaurou-se um prestigio, reocupou-se no Mundo uma posição digna.

Os anos passaram. Portugal é hoje, realmente, maior — e melhor. Apontam-no como exemplo de reconstrução e de progresso ao Mundo inteiro. Citam-se agora os seus governantes como modelo de estadistas. E a sua opinião é respeitada e apreciada. Portugal reencontrou-se, afinal, nos grandes caminhos da sua tradição historica.

Para levar a cabo a extraordinaria revolução pacifica e construtiva dos ultimos vinte e cinco anos, não precisou o País de mudar de regime. Melhor elogio não poderia fazer-se a esta Republica que, após transes dolorosos e horas bem amargas, soube encontrar coragem para se redimir, força para se consolidar, energia para se erguer das ruinas — e soube tambem encontrar os homens que haviam de guiar os destinos da Nação.

Quando, no dia de hoje, se olha para o passado, pratica-se um acto de justiça relembrando, com respeito e com homenagem, todos quantos são dignos dessa lembrança e para o regime trabalharam com um ideal puro e uma intenção nobre. Bem serviram a Pátria. Quarenta anos volvidos, merecem a nossa admiração — e o nosso preito.

×

Da pag. 296

Palavras do sr. Cardeal Patriarca

«Tudo me deslumbra, me comove».

Dirigiu-se depois aos antigos sócios do Centro: «Lembrai-vos daquela frase — A vida é a realização do pensamento da mocidade. Como é bela a vida que nós aprendemos a viver.

E ta vida na beleza do Amor e da Paz.

Olhando para trás, para o passado, reconhecemos que os nossos passos não foram perdidos».

E exclamou, ao concluir:

«Bendito seja o C. A. D. C.!

A vós, sócios actuais dirijo-vos só uma palavra: Os antigos do C. A. D. C. acenderam os brandões da luz que ardem em Portugal.

A vós compete mantê-los acesos: Continuai !...»

Calorosos aplausos coroaram as palavras do sr. Cardeal Patriarca, ao encerrar as comemorações.

(do Diario de Coimbra)

De pag. 313:

Fez o elogiu funebre do sr. Marechal Carmona, o rev.º dr. Pinto Carneiro, que depois de estabelecer a distinção entre aqueles que se imortalizam pelas iniquidades e aqueles que se eternizam pelo culto das grandes virtudes sociais, rendeu homenagem á memória do Presidente Carmona, dizendo ser opulenta a sua biografia — «tem visiumbres de épicas façanhas, grandeza espiritual, tonalidades proféticas, anunciadoras de estrelas novas no céu de uma Pátria redimida. Como militar, como português e bom estadista, a sua vida é uma síntese de méritos inacessíveis, traslado de estoica abnegação e grinalda de floridos laureis».

Num quadro de acentuado lirismo, descreveu o amor do sr. Marechal Carmona á terra portuguesa, á sua paisagem e ao seu povo.

O rev.º dr. Pinto Carneiro, ao terminar a sua notável oração disse: «Hoje pedimos por ele, para que junto de Deus interceda sempre para que sobre Portugal, que tanto amou, esvoassem asas atléticas de uma justiça universal e por cima desta vasta necropole de coisas caídas para sempre na vala comum de Portugal, assuma tons de Primavera e alvoradas virginais de um eterno abrigo».

Declaração

Indices:

I : Anos
II : Nomes proprios
III : Varia.

II

Nomes proprios

III : [illegible]
II : [illegible]
I : [illegible]

[illegible]:

I

Anos

1948 : Outubro, 3 a Dezembro : 1 a 56
1949 : Janeiro a Dezembro 57 a 219
1950 : " " 220 a 277
1951 : " " 278 a 355.

II

Nomes proprios

Aires (Cristovão) — 264
Alberto (Caetano), gravador — 231.
Albuquerque (Afonso de) — 116
" (Ant.º Garjão Carneiro de) — 343
Alcobaça (Visconde de) : Maurip. da S.ª Fonseca Carneira Leite — 240-242
Almeida (Lourenço Chaves) — 31-34, 38-41, 46-52, 55-56, 61-66, 80-83, 94-97, 111-112, 121-33, 226.

Almeida [Luis Lopes de] — 157
" [dr. Manuel Lopes de] — 142, 185-186, 206 e 279-281
Alorna [3º marquês de] — 148
Amaral [João], deputado — 280
Amelia [D.], rainha — 291, 345-346.
Amorim [dr. Diogo Pacheco de] — 71
Anciães [dr. Cascão de] — 293
Anjos [José dos], Cor.el de Empenh.a — 20
Arade [D. Maria] — 323-324
Arapão [dr. Gilberto Beça] — 299-301
Aranda, general espanhol — 191
Azevedo [Mauro Olavo Correia de] — 321
Bastos [João Pereira], general — 113 e 245.
Bernardes [P.e Manuel] — 5
Borges [Fernando], general — 153
Botelho [José Justino Teixeira] general. — 89, 153-154, 154, 170-171 e 224
Braga [Alberto Vieira] — 165-166
Brandão [dr. Mario] — 307-308
Brusco [José Rodrigues], ten.te-coronel — 63 e 64.
Camacho [dr. Manuel de Brito] — 57
Cardoso [Alfredo Ernesto de Sá], gen.al — 268
" [dr. José Maria], notario — 72-74
" [José M.a Correia], cor.el — 254-55 e 256
Carmona [Antonio Oscar de Figueiredo], Pre-

sidente da Republica — 75, 76-77, 305-306, 312-314, 354 e 367.
Carneiro (P.e Pinto) advogado — 314-315 e 367.
Carvalho (dr. Anselmo Ferraz de), Professor — 63, 70-71 e 96
" (Francisco Augusto Martins de), general — 299-301.
" (dr. Joaquim de), Prof.or — 74, 255-256
" (dr. Joaq.m Martins Teix.a de) — 49
" (José de Paiva Manso Sarrea), mordomo do Chão de Lamas — 248-250
Casimiro (Augusto) — 45, 63, 253-254, 281-282 e 341-344.
Castro (dr. Alvaro de) — 124-125 e 346
" (dr. Augusto de), jornalista — 267
" (Cesperio de) — 288-292
" (Inês de) — 226-227
" Junior (João de Barros Pereira de) — 320
Cerejeira (Manuel Gonçalves), cardeal — 141, 265-266, 267, 276, 295-296 e 347.
Cicero — 134
Cidade (dr. Herculano) — 293-294 e 298-299.
Conceição (José) — Artista — 32-33
Correia (dr. Fernando da Silva) — 228-230
" (dr. Maximino), reitor da Universidade — 117-118 e 127.

Carreira (dr. Virgilio) — 104 e 330.
Costa (Fernando dos Santos), ministro da Guerra — 15, 17, 20-21, 69-70, 114-117, 192, 312 e 342
" (dr. João Manuel da) do Secretariado de Informação — 274-275.
" Junior (José Ribeiro da), cor.el — 114-116
Coutinho (dr. João Rodrigues da Silva) — 28, 63, 64, 81, 96, 99-100 e 245-247
" (Manuel), general — 240-242
Cristo (Franc.o Manuel Flores) — 264-265
Cruz (dr. Braga), medico, politico — 71.
Dantas (dr. Julio) — 267-268, 286 e 289-292
Dias (dr. João Pereira) — 46-50, 63, 70-71 e 127-128.
Dickhoff, embaixador alemão em Madrid — 204
Domingues (P.e Avelino) — 247-250 e 252-253.
Donato (José Ernesto Marques) — 55
Douwens (Arnaldo da Silva), coronel — 319
Durão (Ricardo) oficial do ex.to — 280
Eisenlohr, embaixador alemão em Lisboa — 203
Esteves (Raul), general — 20
Falcão (dr. José), professor — 221.
Ferrão (dr. António), Inspector das Bibliotecas — 284-286 e 286
Ferreira (Alvaro), tipografo — 37 e 40
" (Eduardo da Costa), general — 343.

Ferreira (Franc.º Xavier), general — 240-242
Ferro (Antônio) — 18, 77 e 274.
Figueiredo (Campos de), Poeta — 74
Fonseca (João da Fonseca) — 34-36
" (dr. Julio de Figueiredo), medico — 110
" (Tomás da), publicista — 63 e 78
Fontes (Plastciro), fotografo — 32
França (Salvador Pinto da), coronel — 114-116
Franco (Francisco), o "Caudilho" espanhol — 176-181, 193, 194, 196, 198 e 202-204
Freitas (D. Maria Bracklamy Barjona de) — Vide Orade (Maria).
Garcia (dr. M.el Emidio), professor — 260-261
Garrett (João Bapt.ta da S.a Leitão de Almeida) —

Gersão (D. Virginia), professora — 74 e 309-310
Godinho (dr. Vitorino de Magalhães) — 140
" (Vitorino Henriques) coronel — 89-91
Gomes (Francisco), coronel — 139-140.
" (Manuel Teix.a), Presidente da Republica — 268
Gonçalves (Antonio Augusto) — 22-23, 52, 71-72, 84-87, 102-103, 120-121, 125-126, 247, 297, 330, 359 e 362
" (P.e Antonio Nogueira) — 2, 24-28, 33-34, 38-41, 62-66, 80-83, 111-112 e 133.

Gonçalves (dr. Franc.º Rebelo) — 238-239
" (D. Idalina) — 65
Graça (dr. Fernando Lopes) — 144
Guimarães (Vitorino), coronel — 89-91
Guesmão ( )crítico de arte — 63
Heitor (João M.ª), gravador — 231
Henriques (Flaro) — 182-184.
Herculano (Alexandre) — 353-355
Hitler, chanceler alemão — 191.
Hoare (Sir Samuel) — 199.
Horacio — 21
Janny (D. Amelia) — 309-310
Jordana, general espanhol — 202
Jungueiro (Guerra) — 135 e 280.
Kramer, cor.el aviador alemão — 189, 191 e 192
Lafões (Duque de), D. João Carlos — 148-149
Lallemant (Luciano), gravador — 231
Larcher (Armando de Sousa), cor.el — 274
Leal (Ant.º Duarte Gomes) — 135-136
" (José Joaq.m Mendes), cor.el — 260-261
Leirão (Joaquim), escritor — 291
Leite (dr. Duarte) — 271
" (Henrique da S.a Fonseca Correira) — Vi-
de Alcoliça (Visconde de)
Lemos (Alvaro Viana de) — 22-23, 26-27, 31-34, 38-44, 62-66, 80-83, 94-97, 110-112, 131-133 e 222.

Leiros [dr. Eugenio de] — 64, 127 e 129
Leucastre [Julio Garcêz de] — 319
Lima [Ana Mª Piementa de Sousa] — 297-298, 350-352
" [Teixeira de Sousa] — 88-89, 274 e 336-337
" [Henrique de C. Ferreira] — 89, 147-148, 150-154, 154, 158, 163, 166-167, 170-172, 181, 185-186 e 209
" [D. Maria Lina Ferreira] — 163, 172, 185, 187, 212-215, 215-219, 223-224, 227, 301-303.
" [Dr. Silvio], Professôr — 138-143
" [D. Vera de] — Vide Mayer
Lino [Raul], arquitecto — 226
Lobo [dr. Gumersindo da Costa] — 24-28, 31-34, 36, 37, 38-41, 45, 62-66, 80-83, 94-97, 111-112, 117-118, 131-133, 210-211, 225, 237-38.
Lopes [Franc.º Filipino Craveiro] — 10, 325, 326, 330-334, 334 e 346-347.
" [Joaquim], artista — 40, 62-63, 87, 94
Loureiro [Raul Silvão] — 319
Macedo [dr. Armando de] — 77
" [dr. Veiga de], sub-secretario — 349
Machado [dr. Fernando Falcão] — 329
" [João], Pai — 49 e 51-52
" ["], Filho — 24-28, 31, 33, 38-41,

49-50, 51-52, 52-54, 55, 61-66, 94-97, 111-112, 131-133 e 222

Machado (José Vieira), ourives — 30, 43

Madail (Ant.º Gomes da Rocha) — 21-23, 30, 32, 36, 47, 54-55, 62, 103-104, 133, 296-297, 307-308, 311 e 359.

Madureira (dr. Joaquim) — 40

Maia (Fernando da Costa), major — 149.

Mantero (Henrique) — 25

Manuel II (Dom) — 255-256

Marques (Albertino), serralheiro — 2-3 e 6

" (dr. João Martins da Silva) — 286-287

Matos (dr. Armando de) — 62-63

" (José Mendes Norton de), general — 7, 9, 57, 67-68, 69 e 76

Mayer (D. Genoveva de Lima) — 28, 32, 64, 66, 68, 80-82, 84-87, 87, 92-93, 94-96 e 112

Meira (Alberto) — 63, 122-124, 146, 250-252

Meireles (Manuel Carlos Quintão) — 326-327 e 332

Melo (Luis Lopes de), Padre — 44-45

Meneses (Mario Silvio Ribeiro de) — 321

Moltke, gen.al alemão, embaixadór em Espanha — 202 e 203

Monteiro (Alberto dos Santos Pereira), coronel — 317-318

Monteiro [Henrique Pires] — 3-5; 7-12; 13; 19-20; 89-91; 113-117; 125; 132; 167; 171-172; 208-209; 223; 224-225; 242-245; 259-265 e 278.
" [dr. Manuel] — 97-98, 334-335
Morais [Alberto Faria de], coronel — 272-273; 273; — e 304-305
Moreira Junior [dr. Manuel] — 347-348
Mota [António da Costa], Sobrinho — 25, 42, 64, 66.
" [Luís José da] — 110 e 318.
Neuério [Vitorino] — 138-143; 155-156; 160-162 e 226.
Neto [Diogo], gravador — 231
" [Joaquim Mª] general — 143-144.
Nogueira [Albano Dias] — 144-145
" [Alberto Dias] — 144-145
" [Familia Paula], Goís — 105
Nuno [D. Duarte] — 175-176.
Olavo [dr. Carlos] — 44-45 e 46.
Oleiro [dr. João Manuel Bairrão] — 327-330
Oliveira [dr. Alberto de Sá] — 25-26, 33, 42-44, 81-82 e 126-128
" [António Carreia de] — 288-292
" [dr. Carreia de], medico — 219
" [Eduardo da Cunha] — 325-327
" [Ernesto de Sousa], bispo — 99-102, 254

Oliveira {Hermes de}, capitão — 20
" {Luis Alberto de} — 108-109
" {P.e Miguel de} jesuita — 326
Pacheco {Cruseth.o Alves} — 12
Pais {Alberto da Silva} — 318
" {João Gomes), tipografo — 287-288
Pascoa {Arnaldo} — 233-235 e 235.
Pascoais {Joaq.m Teixeira de} — 308-309
Passos {Alvaro Ferreira} — 20 e 166-167
Paço {Raimundo de Bulhão} — 58-61
Pedro {Dom) Infante — 149
Pedroso {João) gravador — 146, 164 e 231.
Pegado {Cesar de Sousa} — 185-186 e 186-187
Peroso, gravador — 231 e 233
Pereira {Nun'alvares} — 233-235; 235; 244-245;
253-254; 263 e 362
Peres {dr. Damião} — 210-212; 221-223; 225
Pessoa {dr. Virgilio A.}, major — 74
Pimenta {dr. Alfredo} — 285; 344-345.
" {Rafael} — 123, 147, 164, 231-232
Pimpão {dr. Alvaro Julio da Costa} — 186, 186-187,
212-215, 215-219, 227, 302-303 e 344.
Pina {D. Manuel Correia de Basto} — 129
Pinto {Ant.o Aug.to da Silva), eugenh.o — 38, 131.
" {Aug.to Carv.o da Silva}, arquitecto — 38
Pires {Enrico de S. Saturio} — 148-149 e 320

Pope [Alvaro] – 278
Porto [dr. João] – 335-336
Portugal [D. Pedro de Alex.ª] – Vide Alorna
Prado [Bernardino] – 167-168.
Quintela [dr. Paulo] – 138 e 142-143
Ramos [dr. Gustavo Cardeiro] – 329.
Reis [Alberto Ramiro dos] – 344
" [dr. Luis da Camara] – 37, 63 e 268
Renouard [dr. Yves], Prof.ª de Bordeus – 236
Ribeiro [Helder] – 317
" [Mario de Sampaio] – 213-214 e 215-216
" [Tomás] – 51
Ribbentrop, ministro alemão – 193, 194, 201, 202
Rivarol – 88
Rocha [dr. Adolfo] – Vide Parga.
" [Armando Viana da] – 27, 33, 64, 82, 97, 112, 120-121 e 132
Rodrigues [dr. Ant.º Luis da Costa] – 2, 24-28, 32, 38-41, 62-66, 80-83, 94-97, 111-112, 128-129, 131 e 315
" [José Felipe de Barros], general – 12
" [dr. Rodrigo] – 124-125
Sá [dr. Octaviano de] – 2, 6, 30, 54, 55-56, 62, 117-118 e 258
" [dr. Pedro de Moura e] – 36, 45 e 46
Salazar [Antonio de Oliveira] – 16-18, 140, 144

175-176, 192, 193, 194-201, 204-205, 266 e 326.

Sales (P.e Ernesto Aug.to Pereira) — 305

Salgueiro (Manuel Trindade), arcebispo de Mi. Vilene — 119-120 e 289

Sanches (Franc.o), medico — 348-350

Santa-Rita de Cassia — 114

Santos, gravadór em madeira — 252

" (Luis dos Reis) — 104 e 327-330

" (Raul Esteves dos) — 126

" (dr. Reinaldo dos) — 25-26, 100-102, 103-104 e 128.

São Pascoal Bailão — 113

Sardinha (Antonio) — 279-28.

Sarmento (José Estevão de Morais) — 8-9

Schlotterer, embaixador alemão em Madrid — 203

Seneca — 134

Sequeira (Matos) — 246

Serra (dr. Adriano Vaz) — 141

" (dr. José Antunes Vaz) — 141

Silva (Albino Caetano da) — 97-98, 123, 146-147, 164, 231-232, 250 e 287-288.

" (Ant.o Henriques da), cor.el — 72 e 83

" (Ant.o Maria da), antigo presidente do ministerio — 268-269, 270-271

Silva (Aurelio Figueiredo Nunes da) coronel — 156-160, 205-208
" (D. Manuel Luis Coelho da) — 248
Simões (João Gaspar) — 96
" (D. Mécia Gonçalves) — 96 e 131.
Sintra (Alfredo), coronel aviador — 192
Soares (Ernesto) — 145-148, 163-168 e 231-233
" (dr. Torcato de Sousa) — 74 e 236-238
Stockler (Francº de Borja Garção) — 148-149.
Stohrer, embaixador alemão em Madrid. — 192, 193, 194, 200, 201 e 205
Suarez (Francisco): centenario em 1948 — 15
Suñer (Serrano), ministro espanhol — 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200 e 201.
Taveira (Alfredo Pereira), corº — 149
Teles (Sebastião), general — 5, 6-7, 7-11 e 260
Temudo (D. Raquel) — 218-219.
Tenga (Miguel) — 133-137 e 336-337.
Valente (Dr. Vasco) — 46 e 63
Varela (Carlos Rodrigues) major — 98-99.
Vargas (Getulio) — 290 e 292
Vasconcelos (Joaquim de) — 296-297
Veiga (dr. Alberto Baeta da) — 104-106
" (Alberto Botelho da Costa) — 89-91
" (Augusto) — 167
" (José Alberto Baeta da) — 98-99, 105-6, 361

Ventura {dr. Carlos Simões} — 238-239
Vieira {dr. Afonso Lopes} — 48
Vilar-Furpim {Barão de), Franc.º José Pereira — 240-242
Xavier {dr. Alberto} — 346-348
Zuquete {dr. Afonso} — 246

<>

III

Varia

Academia das Belas-Artes — 26 e 128.
" das Ciencias de Lisboa — 288-292
" Militar — 20
Acordo secreto ítalo-espanhol em 1936 — 188
Aeródromo em Monte-Real — 14-15
Alemanha: sua política durante a guerra. — 188-205.
Anais das Bibliotecas e Arquivos — 284-286
Analise qualitativa dum Artista — 84-87
Aniversarios — 1, 12 e 337.
Ano Novo... — 220 (o de 1950).
Antonio Augusto Gonçalves, polemista: con-

ferencia no Instituto — 70-72, 73 e 74.
Arquivo Histórico Militar — 158, 241 e 272-273
Arquivos em Portugal — 307-308
Arte [A] em Portugal: crítica e problemas — 104.
Associação Comercial — V. União de Grémios dos Lojistas.
" dos Antigos Alunos da Escola Industrial Marquês de Pombal em Lisboa — 125-126.
Atoleiros [Combate dos] — 233-235 e 235.
Augusto [Século de] — 17-18.
Benção de espadas — 119-120
Bloco latino de Espanha, Portugal, Argentina e Chile — 201.
Boletim da Biblioteca da Universidade. —
" do Arquivo Hist.º Militar — 272-273
Brotéria, revista — 248-249
Camões [Dia de], a 10 de Junho — 322-323
" e as artes belicas — 294 e 298-299.
Campanha de 1762 — 304-305
" " 1801 — 166-167
Cancerosos [Peditórios para os] — 14
Capricias — 91-92
Cartilha do Povo, do dr. José Falcão — 221
Casa da Moeda — 25, 210-211, 211-212, 221-223 e 225-226

Casa de Coimbra em Lisboa — 28, 29, 38-39, 41, 63 e 131
" - Museu Ferreira Lima — 217-218.
Catálogo e Sumário dos Mss. de caracter militar etc. — 272-273
Censura política — 221
Centenario da Sebastã — 107 e 108-111
Centro Academico Democracia Cristã (C.A.D.C.) — 295-296 e 366
Coimbra: Arco de Almedina — 117-118
" : Associação dos Artistas — 24, 31, 38, 40, 46, 65, 94 e 131.
" : Biblioteca da Universid. — 159 e 206
" : Bispos: Vide Oliveira (D. Ernesto); Pina (D. M.el C. de Bastos) e Silva (D. M.el Coelho da)
" : Convento de S.ta Teresa — 250 e 365
" : Cruz de Celas — 244
" : Escola Industrial Brotero — 27.
" : Museu Academico — 311.
" : " das Pratas — 45
" : " Machado de Castro — 28, 102-103, 104, 133 e 328
" : Fabrica de fitas — 248.
" : Rainha Santa: procissão — 254-255.
" : Torre de Almedina — 1-2.

Coimbra: os "trolley-bus" — 297-298
" : Universidade, generalidades — 24, 31-32, 44, 118, 243 e 312-314
" : " : espírito catedrático — 236-238 e 243
" : " : cerimonia do capelo — 243
Comarca (A) de Arganil — 106
Companhia de Jesus — 76, 79 e 348-350
Comuna (A) de Paris, 1872 — 221
Comunismo, doutrina, etc. — 78-80, 188 e 221
Conde (O) de Lippe em Portugal, do P.e Pereira Gales — Vide Gales.
Confraternizações — 89-91.
Congresso da Historia da Administ.e Cientifica dos Portugueses, 1940 — 259
" Internacional da Historia da Arte (16.º) — 99-102, 103-104.
" para o Progresso das Ciencias em 1950 — 259
Conhecimentos militares (Os) como Ciencia Social — 259-265
Conselho de Arte e Arqueologia do 2.º Circunscrição — 297
Corporativismo católico — 266

Correio de Coimbra — 44-45 e 207
De Senectute, de Cicero — 134
Defesa nacional — 148
Deposito de remonta, Mafra — 178-179.
Despertar (O) — 1-2, 5, 23, 30, 54, 117-118, 257, 258.
Dia de finados — 13-14.
Diario de Coimbra — 37, 109, 229, 247-249, 252, 311 e 313
" de Noticias, de Lx.ª — 155, 256 e 265
Dicionario Bibliografº Militar — 299-301
" de Iconografia Portuguesa — 147
Duas (As) Guararapes — 166-167.
Eleições fº deputados em 1949 — 175, 181-182, 363-364
" fº a Presidencia, 1949 — 57-58, 67-68, 69-70, 70, 75, 76-80, 83, 342 e 360
" fº a Presidencia, 1951 — 325, 325-327, 330-332, 332-334 e 334.
Emissora Nacional — 36, 45, 46 e 77.
Ensino Industrial em Portugal — 125-126
Entrevista de Salazar com Franco, em Sevilha, 1942 — 194-201.
Epistolografia (Modelo de) — 104-106
Escola de Belas-Artes, Porto — 40 e 62-63.
" " Ceramica de António Augº Gonçalves, em Lisboa — 132

Escola do Exercito — 119-120 e 264
" Industrial Brotero — 82, 120-121
" Livre das Artes do Desenho — 2, 5-6, 23, 30, 43-44, 117-118.
" Pratica de Infant.ª, Mafra — 159
Espanha: Guerra civil, em 1936 — 15
" e Portugal — 188-205
Estado-maior português — 10-12
" - Novo — 14-15, 16-18, 72, 76-80, 83, 88, 117, 129-130, 175-176, 221, 254-255, 257-258, 266, 268-270, 274-275, 296, 305-306 e 326-327.
Estados-Unidos da America e Portugal — 195-204.
Exame (O meu) p.º o generalato — 121-122 e 324
Exercito português — 21 e 254-255
Exposição das Obras Publicas, 1946 — 16-18
" de Arte-Sacra, em Leiria — 245-247
Faculdade Pontificia de Filosofia em Braga — 348-350
Fatima (Senh.ª de) — 67-68, 113, 323, 338-341.
Feira das Mercês, Sintra — 172-174.
Fonseca, Carlos de Viana, Banco — 347
Fortificações (As) e a defesa dos Estados — 7
Fundação (A) da Casa de Bragança — 255
Garretteana (A) de Ferreira Lima — 185-187, 212-219, 227 e 301-303.
Gazeta da Figueira — 167.

Generais comandantes da Divisão Militar do Porto — 239-242
Generalato {O meu exame f.º o} — Vide Exame
" {O) português — 6-7, 179-180
Gibraltar {A questão de} — 191
Gois, vila de — 98-99
Gonçalves {Ant.º Augusto} — 21-22, 24-34, 36-41, 42-50, 51-54, 54, 62-67, 68-69, 70-72, 80-83, 84-87, 87, 92-93, 94-97, 111-112, 117-118, 120-121, 126-130, 131-133, 210-212, 221-223 e 225-226.
" {Livraria) — 327-330.
" na Administração Publica — 128-129
Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira — 34-35, 35-36 e 331.
Gravadores em madeira — 123-124, 146-147, 163-165, 331-333, 250-252
Gravura em madeira — 146-147, 163-165, 231-233 e 250-252
Guerra civil em Espanha — 188-189, 120
Historia da Literatura Militar em Portugal — 208-209
" {Estudo da) — 261-262
" militar {Ensino da) — 264
Igreja {A) catolica e o Estado Novo — 14-15
" " de Santiago de Coimbra — 334-335.

Imprensa de Coimbra — 81-83 e 87-88
Infantaria, revista — 233-235 e 244-245
In-memoriam de S. Sebastião Teles — 5, 6 e 7-12
Instituto [O] de Coimbra — 63, 65, 70, 96, 236-238 e 323
Introdução ao estudo dos conhecimentos militares — 7-11 e 260
Invasão espanhola em Portugal — 191 e 193
Itinerarios obscuros — 155
Lampadario da Batalha — 48
Leiria — 245-247
Limite de idade — 162 e 168-170
Lisboa: impressões — 277 e 283-284
Livreiros [Os] grimhauristas na sua Irmandade — 323-324
Livro de oiro — Vide Generais.
Maçonaria — 23
Maria da Fonte (A estatua da) no Jardim do Campo de Santa Clara — 282-283
Materialismo industrial — 261-262
Marcas (Feira das) — Vide Feira.
Militarismo em Esphanha — 190
Miranda do Corvo — 155.
" " " : capella da S.ª da Piedade de Talhas — 229-230
" " " : Hospital — 229-230

Miranda do Corvo: Notas no Diario de Coimbra — 247-250 e 252
" " " : Oleiros — 34-35 e 35-36
" " " : Monografia — 34-35, 228-230
Molder & C.ª (Casa) — 24-25
Monte de Caparica — 58-61
Museologia — 102-103, 246-247
Museu de Arte Antiga, Lisboa — 28 e 94-5
" " Soares dos Reis, Porto — 63
Napoleão visto por Balzac — 340
Narciso, Ramalho — 167-168
Natal de 1950 — 275-276
Oleiros de Miranda do C.º — 34-35
Panteon dos Jeronimos — 353-355
Pastor (Oficina de Francisco) — 164
Paz, Mafra: varia — 165-166, 256-257 e 263.
Politica monarquica em Portugal — 175-176
Portalegre: centenario da sua elevação a cidade — 157-160, 205-208
" : sua historia militar — 157-160
Portugal e Espanha — Vide Espanha e Port.al
Povo (O) de Santa-Clara — 6
" Português — 77
Presença, revista — 144
Presidencia da Republica — 325, 330-332, 332-334 e 334.

Primeira (A) producção literaria — 167-168
Primeiro (O) de Janeiro, do Porto — 87, 94, 153, 253, 324-325
Proclamação da Republica: aniversarios — 3-5, 266-268, 338 e 365.
Profissão militar — 168-170.
Reacção ultramontana — 14-15, 18, 78, 266, 267-268, 279-281, 295-296, 314-315, 322-323, 338-339 e 341.
Recreativo (O), jornal semanario — 251-252
Reunião de cursos: Escola do Ex.to — 316-322
Revista de Guimarães — 123, 147, 164 e 232
" Militar — 6, 8, 18, 19-21, 35, 89, 114-117, 153-154, 166-167, 170-171, 181, 224-225 e 278
" Militar: denuncia do acordo de 1905 — 114-117
Revolta de 31 de Janeiro — 287-288
Romanico (O) Portuguez — 97-98
Saloio — 156-159
Sauto-Zita: organização — 323
S. João de Brito: igreja em Lisboa — 267-268.
Seára Nova — 37 e 63.
Sebenta (Centenario da) — Vide Centenario.°
Secretariado Nac.al de Informações — 221, 274-75
Situação politica desde 28 de Maio — Vide Estado-Novo.

Soberania nos Estados — 15
Sociedade de Defesa e Propaganda — 2
" " Geografia — 346-348
Sol, revista — 44
Terras do Mondego, revista — 21-22 e 32
Terreiro de Chão de Lamas — 247-250, 252-253
Tipografia "União" de Coimbra — 37 e 40
Torre do Tombo — 158 e 286-287.
Torres — 226-227
Trifeiro (O), revista — 122, 146 e 251
União de Grémio dos Lojistas — 65, 67, 80-81
" Nacional — 75
Universidade católica em Leiria — 246
Valença do Minho — 122-124, 251-252
Velhice — 133-137 e 245.
Vértice, revista — 339-340
Vila da Praia: desembarque miguelista
em 1829 — 155-156
Voz (A), jornal católico — 324.
Xilogravura — 233.

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

Soberania nos Estados — 15
Sociedade de Defesa e Propaganda — 2
" " Geografia — 346-348
Sol, revista — 44
Terras do Mondego, revista — 21-22 e 32
Tesoiro de Chão de Lamas — 247-250, 252-253
Tipografia "União" de Coimbra — 37 e 40
Torre do Pombo — 158 e 286-287
Porim — 226-227
Tripeiro (O), revista — 122, 146 e 251
União de Grémios dos Lojistas — 65, 69, 80-81
" Nacional — 75
Universidade católica em Leiria — 246
Valença do Minho — 122-124, 251-252
Velhice — 133-137 e 245
Vertice, revista — 339-340
Vila do Praia: desembarque miguelista em 1829 — 155-156
Voz (A), jornal católico — 324
Xilogravura — 233